

**Organizadora**

Sueli Maria Coelho

# **Gramaticalização e mudança linguística**



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2018

**Diretora da Faculdade de Letras**

Graciela Inés Ravetti de Gómez

**Vice-Diretora**

Sueli Maria Coelho

**Comissão editorial**

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

**Preparação de originais**

Bruna Honório

**Diagramação**

Estella Vidotti

**Revisão de provas**

Giulia Leroy

Katryn Rocha

**ISBN**

978-85-7758-348-5 (impresso)

978-85-7758-347-8 (digital)

**Endereço para correspondência**

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

*e-mail*: [vivavozufmg@gmail.com](mailto:vivavozufmg@gmail.com)

*site*: [www.letras.ufmg.br/vivavoz](http://www.letras.ufmg.br/vivavoz)

# Sumário

- 5 Apresentação**  
Sueli Maria Coelho
- 11 A gramaticalização do verbo *restar***  
Renaldo César Bueno Alves da Silva
- 27 Do lexical ao gramatical: um estudo sobre o item *indivíduo* e seu processo de gramaticalização**  
Fernanda Carla de Oliveira
- 43 Gramaticalização de construções: uma análise de construções modais e aspectuais no Português**  
Silmara Eliza de Paula Silva
- 63 Da carta de Caminha ao português brasileiro: um estudo do processo de gramaticalização de *para***  
Elizete de Aguiar Miranda
- 77 O percurso de gramaticalização da interjeição *Virgem Maria* no dialeto mineiro**  
Vanêssa Aparecida de Almeida Dornelas
- 87 Gramaticalização da conjunção e nas Minas setecentistas**  
Shirlene Ferreira Coelho

- 101 Gramaticalização de *senhor*: a abreviatura como pista gráfica**  
Vivian Canella Seixas
- 117 Analisando os graus de gramaticalização do tempo passado perfeito composto em Português e em Espanhol**  
Alonso Erick Gómez Trujillo
- 129 *Tem e il y a*: uma análise dos graus de gramaticalização em construções existenciais**  
Juliana Sander Diniz
- 141 O morfema *al* (ال) nas palavras da língua portuguesa: gramaticalização ou desgramaticalização?**  
Jéssica Nayra Sayão de Paula
- 153 A extensão das funções gramaticais de *that***  
Bruna Rodrigues Fontoura
- 171 Indícios de gramaticalização do item *because*: a mudança na língua inglesa**  
Wellington Araujo Mendes Junior

## Apresentação

Embora variação e mudança linguística estejam intrinsecamente relacionadas, ambos os fenômenos se diferenciam em, pelo menos, dois aspectos principais: (i) perspectiva de estudo da língua(gem) e (ii) subárea dos estudos linguísticos. Assim, enquanto a variação linguística é de natureza sincrônica e constitui objeto de estudo da Sociolinguística, a mudança linguística envolve mudanças e transformações que ocorrem diacronicamente, constituindo, portanto, objeto de estudo da Linguística Histórica. Entretanto, dada a estrita relação atribuída à variação e à mudança linguística no quadro teórico da Sociolinguística, sobretudo a partir dos estudos pioneiros de Labov na década de 1960, muitos pesquisadores passaram a conceber a mudança linguística apenas como o resultado de um processo de variação e de concorrência de formas denominadas de variantes linguísticas. Nesse cenário, a gramaticalização de itens/construções, concebida por Meillet, em seu livro *Linguistique historique et linguistique générale*, como um processo de transformação de formas lexicais em formas gramaticais ou, ainda, como a gradação de gramaticalidade de uma forma, tal como concebida na obra *The Evolution of Grammatical Categories* de Kuryłowicz, não era tradicionalmente reconhecida como um processo de mudança linguística. Essa compreensão limitada apoiava-se no entendimento de que o processo de gramaticalização – ao contrário daqueles processos de mudança estudados sob o escopo do quadro teórico sociolinguístico – não envolve concorrência entre as formas lexicais e as gramaticais, tampouco entre as formas mais

ou menos gramaticais. Com o amadurecimento dos estudos na área, entretanto, a gramaticalização passou a ser devidamente reconhecida como um processo de mudança linguística, ocupando, assim, o espaço que lhe compete no cenário da Linguística Histórica.

Esta coletânea, composta de doze artigos inéditos, é o produto de um dos esforços no sentido de contribuir para que os processos de gramaticalização sejam legitimamente concebidos como processos de mudança linguística, bem como de fomentar pesquisas nesse viés. Considerando-se que a mudança linguística é um fenômeno universal, as pesquisas aqui apresentadas dedicam-se tanto à descrição da Língua Portuguesa, como ao cotejo do Português com outras línguas do tronco românico, além de analisar o contato linguístico entre a Língua Portuguesa e o árabe e de descrever processos de gramaticalização em uma língua germânica, o inglês. Eles foram produzidos sob minha orientação como um dos pré-requisitos de avaliação da disciplina Seminário de Tópico Variável em Linguística Teórica e Descritiva: Uma Abordagem Teórica da Mudança Linguística sob a Perspectiva da Gramaticalização, ministrada como uma das atividades acadêmicas da linha de pesquisa 1A (Estudo da variação e mudança linguística) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais, no segundo semestre de 2016.

No primeiro capítulo, Renaldo César Bueno Alves da Silva discute “A gramaticalização do verbo *restar*”, empregado na esfera jurídica tanto como item lexical quanto como item gramatical com complemento predicativo, mostrando que o processo de mudança de forma lexical em forma gramatical ocorreu no século XX e num *locus* discursivo bastante conservador e formal. No capítulo segundo, Fernanda Carla de Oliveira apresenta “Um estudo sobre o item *indivíduo* e seu processo de gramaticalização”, demonstrando que essa forma mudou da categoria de adjetivo para a categoria de substantivo e que, atualmente, é bastante produtiva como um pronome indefinido, o que lhe confere uma categorização mais ampla de nome geral. No terceiro capítulo, Silmara Eliza de Paula Silva traz à baila “Gramaticalização de construções: uma análise de construções modais e aspectuais no Português” e discute uma importante questão teórica relacionada à categoria TAM (tempo, aspecto, modalidade),

já que seus resultados demonstram que, contrariando o postulado de Bybee na década de 1980, na Língua Portuguesa, as construções modais não são mais gramaticalizadas que as construções aspectuais. No quarto capítulo, Elizete de Aguiar Miranda empreende uma viagem linguística “Da Carta de Caminha ao Português Brasileiro: um estudo do processo de gramaticalização de *para*”, visando a identificar os fatores sintáticos e semânticos responsáveis pela acentuação de gramaticalidade da forma *para*, que passa de preposição a conjunção. No quinto capítulo, apoiando-se na obra *Regularity in Semantic Change* de Traugott e Dasher, e no trabalho de Ramos sobre a gramaticalização de *Nossa Senhora* no dialeto mineiro, Vanêssa Aparecida de Almeida Dornelas traça “O percurso de gramaticalização da interjeição *Virgem Maria*” no dialeto mineiro, mostrando como a expressão nominal de evocação da Virgem se converteu em interjeição no falar daqueles que habitam as Minas Gerais. Mantendo a lente de análise sobre dados mineiros, Shirlene Ferreira Coelho assina o sexto capítulo, que discute a “Gramaticalização da conjunção e nas Minas setecentistas”, mostrando que já no século XVIII tal forma gramatical era empregada tanto como conjunção aditiva quanto como conjunção adversativa, estágio mais gramaticalizado, segundo critérios de Hopper propostos em meados dos anos 1990. O período setecentista mineiro foi ainda objeto do trabalho de Vivian Canella Seixas que, analisando cartas pessoais do acervo do Fundo Barão de Camargos (regiões de Ouro Preto e Mariana), estudou “O percurso de gramaticalização de *senhor*: a abreviatura como pista gráfica”. Os resultados obtidos pela pesquisadora acusaram que, embora haja variação no sistema de abreviaturas da forma gramaticalizada como pronome de tratamento, essas variantes indiciam os estágios de gramaticalização da forma *senhor*, considerando-se o grau de coesão dos constituintes, segundo parâmetros estabelecidos por Lehman em seu livro intitulado *Thoughts on Grammaticalization*.

Enveredando por uma linha de investigação ainda pouco explorada nos estudos linguísticos contemporâneos, Alonso Erick Gómez Trujillo e Juliana Sander Diniz se propuseram a investigar o princípio da gradualidade do processo de mudança, aplicando-o a famílias românicas, segundo proposta de Lamiroy e De Mulder descrita no livro *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. “Analisando os graus de gramaticalização do

tempo passado perfeito composto em Português e em Espanhol”, Alonso Erick Gómez Trujillo conclui, no oitavo capítulo, que as perífrases verbais do Português se encontram no estágio II, segundo escala proposta por Harrisem sua obra *Studies in the Romance Verb*, enquanto as perífrases do Espanhol se encontram no estágio III, o que sinaliza um estágio mais consolidado de gramaticalização na Língua Espanhola. No nono capítulo, Juliana Sander Diniz avalia o grau de gramaticalização de duas línguas românicas – Francês e Português –, a partir do estudo de duas construções existenciais: “*Tem e Il y a*: uma análise dos graus de gramaticalização em construções existenciais”. A partir da aplicação dos seis parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann em seu livro *Thoughts on Grammaticalization*, a autora não comprovou a tese proposta por Meulleman em seu artigo “*Les constructions existentielles en français, en espagnol et en italien*” de que o francês é uma das línguas românicas mais gramaticalizadas. Em se tratando das construções existenciais analisadas, as línguas Portuguesa e Francesa encontram-se no mesmo estágio de gramaticalização. Adotando um viés comparativo distinto daqueles que se debruçaram sobre as línguas do tronco românico, Jéssica Nayra Sayão de Paula discute, no décimo capítulo, um possível caso de desgramaticalização oriundo do contato linguístico entre a Língua Portuguesa e a Língua Árabe, na Península Ibérica, ao analisar “O morfema *al* (ال) nas palavras da língua portuguesa: gramaticalização ou desgramaticalização?” A análise empreendida por ela confirma a hipótese da desgramaticalização, já que o artigo definido árabe *al* (ال) agregou-se a palavras portuguesas como *arroz* e *algodão*, por exemplo, tornando-se parte de seu morfema lexical.

Encerrando os trabalhos desta coletânea, Bruna Rodrigues Fontoura e Wellington Araujo Mendes Junior estudaram processos de gramaticalização em curso na Língua Inglesa. No décimo primeiro capítulo, Bruna Rodrigues Fontoura analisou “A extensão das funções gramaticais de *that*” conforme os parâmetros propostos por Himmelmann no texto *Lexicalization and Grammaticalization: Opposite or orthogonal?* e constatou que a referida forma passou um processo de extensão, já que, atualmente, é empregada tanto na função conjuntiva quanto na função adverbial, embora haja entre ambas restrição de contextos. No décimo



segundo capítulo, Wellington Araujo Mendes Junior examinou os “Indícios de gramaticalização do item *because*: a mudança na língua inglesa”. Os resultados obtidos acusaram que a forma *because* continua sendo empregada pelos ingleses em sua função conjuntiva causal, mas que novas construções formadas, respectivamente, por *because* + *substantivo*, por *because* + *adjetivo* e por *because* + *interjeição* têm emergido na língua, sobretudo na *internet*.

*Sueli Maria Coelho*



# A gramaticalização do verbo *restar*

Renaldo César Bueno Alves da Silva

## Considerações iniciais

Cuida este artigo da gramaticalização do verbo *restar*, processo cuja investigação foi suscitada pela leitura de textos judiciais da atualidade, nos quais, de modo assistemático, observamos que essa forma verbal costuma vir acompanhada de predicativo, em que pese aos autores que, em sintonia com os principais dicionários de português do Brasil, conforme será detalhado na segunda seção do presente artigo, não se admite que tal verbo possa acompanhar-se desse complemento.

A observação casual do emprego do verbo *restar* dissonante das construções previstas nos dicionários e da recomendação de alguns estudiosos da Língua Portuguesa conduziu-nos à hipótese de que o uso considerado “indevido” de *restar* seria, na verdade, mero sintoma de que a forma gramatical desse verbo poderia ter-se espreado pelo sistema linguístico em grau que configurasse a sua gramaticalização no português, no sentido dado a esse termo, entre outros, por Hopper e Traugott (2003).

Nosso objetivo precípua foi, portanto, examinar, com fulcro principalmente nos estudos de Coelho e Vitral (2010) e de Travaglia (2004), se o verbo *restar* estaria gramaticalizado no português e, em caso afirmativo, se o seu uso como item gramatical se daria somente na condição de verbo relacional, em predicado nominal, ou também como verbo auxiliar, em construções passivas.

Como o reconhecimento do processo de gramaticalização de um item deve considerar a diacronia a ele relacionada, nosso procedimento

metodológico contemplou a apuração das frequências absoluta e relativa das diversas formas do verbo *restar* no *Corpus do Português*, elaborado por Davies, Mark e Ferreira, Michael J., o qual, além da diversidade de fontes e da grande quantidade de dados, propicia o estudo longitudinal, uma vez que nele há ocorrências dessa forma verbal datadas desde o século XVI. A título complementar, coletamos ocorrências que pudessem evidenciar, de forma sistematizada, o uso do verbo *restar* como item gramatical em textos da Justiça do Brasil na contemporaneidade. Foram apuradas as frequências absoluta e relativa dos dados extraídos de diários eletrônicos em que constam publicações oficiais de três órgãos: Supremo Tribunal Federal, Superior Tribunal de Justiça e Tribunal Superior do Trabalho.

Acreditamos que o presente estudo contribua para a compreensão do fenômeno da gramaticalização, em especial, dos casos em que itens passam a atuar como verbos relacionais e como verbos auxiliares. Além disso, como os textos judiciais compõem a chamada “língua padrão”, conforme assevera Rocha (2002), esperamos que os dados analisados possam alimentar as reflexões sobre a padronização linguística em face da diversidade de usos que se observam empiricamente.

Além das considerações iniciais e finais, este artigo contém quatro seções. Na primeira delas, levantamos algumas considerações teóricas sobre a gramaticalização em geral e sobre a gramaticalização de verbos. Na segunda seção, apresentamos a síntese do rastreamento do verbo *restar* nos principais dicionários de português e em dicionários de regência verbal, além de citarmos pontos de vista de alguns estudiosos sobre o uso considerado “correto” desse verbo. Na terceira seção, descrevemos a metodologia utilizada para a investigação do processo de gramaticalização de *restar*. Na quarta seção, apresentamos um panorama dos dados coletados e a sua análise.

## **Gramaticalização: conceito e evidências empíricas de sua ocorrência**

Neste artigo, adotaremos o entendimento de Hopper e Traugott (2003) de que *gramaticalização* é o processo mediante o qual itens lexicais e construções passam a desempenhar, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, passam a exercer

novas funções gramaticais. De acordo com Coelho e Vitral (2010), *lexicais* são os itens “de conteúdo”,<sup>1</sup> ou seja, palavras que designam “coisas, ações e qualidade ou, numa fórmula mais cômoda, entidades do universo biopsicossocial”<sup>2</sup> enquanto *gramaticais* são os itens “funcionais”,<sup>3</sup> isto é, palavras que “desempenham um papel estruturador na língua, estabelecendo relações entre palavras e entre orações ou referindo-se aos participantes e entidades do discurso, posicionando-se em relação a eles”.<sup>4</sup>

Com base em Coelho e Vitral (2010) e em Heine e Reh (1984 citado por COELHO; VITRAL, 2010), elencamos, a seguir, as principais evidências empíricas de um processo de gramaticalização de determinado item: i) alteração semântica, em que ocorre perda gradual de conteúdo nocional e incorporação de conteúdo gramatical, havendo diminuição de usos concretos e aumento de usos abstratos do termo, que se torna polissêmico; ii) aumento da frequência de uso do item; iii) redução de material fônico; iv) redução dos contextos sintáticos, que compreende maior previsibilidade de uso e fixidez da posição contextual em que o item pode figurar.<sup>5</sup>

Ao abordar a gramaticalização do verbo, Castilho (2014) menciona que ela pode ocorrer na escala “verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar”,<sup>6</sup> sem obrigatoriedade sequencial de pontos nessa trajetória. Para melhor compreendermos essas etapas por que pode passar um verbo em processo de gramaticalização, é importante termos em mente os conceitos de verbo pleno, de verbo funcional e de verbo auxiliar propostos por Castilho (2014): i) **verbo pleno** (que neste artigo também chamaremos de *nocional*) é o que exerce a função de núcleo sentencial. Seleciona argumento(s) e atribui-lhe(s) papel(éis) temático(s); ii) **verbo funcional** (que no presente trabalho também denominaremos de *relacional, copulativo* ou *de ligação*) é aquele que transfere o papel de núcleo sentencial aos constituintes à sua direita, em geral sintagmas nominais, sintagmas adjetivais, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais.

<sup>1</sup> COELHO; VITRAL. O estatuto gramatical dos verbos relacionais, p. 79.

<sup>2</sup> COELHO; VITRAL. O estatuto gramatical dos verbos relacionais, p. 79.

<sup>3</sup> COELHO; VITRAL. O estatuto gramatical dos verbos relacionais, p. 79.

<sup>4</sup> COELHO; VITRAL. O estatuto gramatical dos verbos relacionais, p. 79.

<sup>5</sup> HEINE; REH. *Grammaticalization and Reanalysis in African Languages*, p. 67.

<sup>6</sup> CASTILHO; ELIAS. *Nova gramática do português brasileiro*, p. 397.

O verbo funcional reduz-se a portador de marcas morfológicas e especializa-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas; iii) **verbo auxiliar** é o que tem papel semelhante ao do verbo funcional, mas deste difere porque à sua direita ocorre verbo pleno em forma nominal. O verbo auxiliar, além de atribuir as categorias de pessoa e de número ao verbo pleno, especializa-se como indicador de aspecto, de tempo, de voz e de modo.

Travaglia (2004) apresenta as principais razões por que podemos considerar os verbos de ligação como itens gramaticais:

- a. por expressarem noções semânticas muito gerais e/ou mais abstratas que não constituem situações [...] e que se aplicam a estados ou características de seus sujeitos. Estas noções apresentam nuances de seus significados lexicais originais (princípio da persistência) e regulam sua escolha para o uso na construção de textos;<sup>7</sup>
- b. por serem meros “carregadores” ou “suportes” de categorias verbais não expressando uma situação. A situação é expressa por um nome (substantivo, adjetivo ou particípio funcionando como adjetivo) que funciona como complemento predicativo;<sup>8</sup>
- c. por exercerem funções próprias de outra categoria (a dos conectivos em que parecem estar se transformando) ao atuarem como um item com uma função relacional entre dois elementos da cadeia linguística.<sup>9</sup>

Coelho e Vitral (2010) propõem que um verbo pleno pode, pelo processo de gramaticalização, transformar-se em verbo auxiliar seguindo um dos percursos: i) verbo pleno > verbo auxiliar; ii) verbo pleno > verbo relacional > verbo auxiliar. Essa última trajetória interessa-nos particularmente neste trabalho porque levanta a possibilidade de que o verbo *restar*, além da gramaticalização relativa à mudança de *status* de pleno para relacional, esteja se tornando ainda mais gramatical, ou seja, passando a ser usado também como verbo auxiliar, mediante um processo análogo ao processo pelo qual os verbos relacionais, entre eles, o verbo *ser*, se transformam em verbo auxiliar. Coelho e Vitral (2010) explicam tal processo da seguinte forma:

Ao se gramaticalizar, uma forma verbal, como previsto pelos teóricos da gramaticalização, sofre restrição de contextos sintáticos. Isso

<sup>7</sup> TRAVAGLIA. Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais?, p. 2.

<sup>8</sup> TRAVAGLIA. Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais?, p. 2.

<sup>9</sup> TRAVAGLIA. Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais?, p. 2.

se verifica porque passa a haver uma *seleção das formas nominais* que podem co-ocorrer com os verbos auxiliares, sob pena de se ferir a gramaticalidade, caso seja selecionada uma forma incompatível. Assim notamos que, *em decorrência dessa restrição sintática, os verbos relacionais só formam perífrases verbais com o particípio*.<sup>10</sup>

Assim, mediante a coalescência, a inserção da forma nominal de particípio num ambiente em que ela é precedida por uma realização do item *restar* pode ter funcionado como “gatilho” do processo de gramaticalização por meio do qual esse verbo relacional esteja passando a ser usado também como auxiliar.

## **Restar como item lexical e *restar* como item gramatical**

De acordo com Ferreira (2010) e com Houaiss (2009), *restar* originou-se do verbo latino *restare*, que significava “parar, resistir, sobreviver”. Cotejando-se as entradas desses dicionários com aquelas consignadas nos dicionários de regência verbal de Fernandes (2001) e de Luft (1993), verifica-se que, no português atual, as principais acepções do verbo *restar* são as que constam do Quadro 1, que se segue:

### **Quadro 1 – Significados dicionarizados de *restar* no português atual**

<b>Significado</b>	<b>Exemplo</b>
Sobrar, sobejar	Restou muita comida.
Sobreviver	De dez filhos restou aos pais apenas um.
Faltar para fazer ou completar	Resta fazer o trabalho final da disciplina.
Ficar, existir depois da destruição, da repressão ou da dispersão de pessoas ou coisas	Só estes pilares restam do palácio. Falou aos poucos que restaram na reunião.
Permanecer, persistir	Restam muitas dúvidas sobre o exercício.
Subsistir como resto ou remanescente	Resta à atriz muito pouco de juventude. Só restam ao idoso boas lembranças.
Dever por saldo	Resto 300 reais ao banco credor.

Fontes: Fernandes (2001); Ferreira (2010); Houaiss (2009); Luft (1993).

Para os propósitos do presente trabalho, tão importante quanto os possíveis significados de *restar* é a classificação a ele atribuída em

<sup>10</sup> COELHO; VITRAL. O estatuto gramatical dos verbos relacionais, p. 90-91. (Grifos nossos.)

função do complemento que reclama (ou não) para compor uma expressão semântica. Depreende-se do Quadro 1 que *restar*, do ponto de vista da predicação, pode ser: i) verbo intransitivo, ou seja, que não requer complemento, como ocorre em (1), em (3), em (5) e em (6); ii) verbo transitivo indireto, isto é, que demanda complemento regido por preposição, como em (2), em (4), em (7) e em (8); iii) verbo bitransitivo, ou seja, com complementos direto e indireto, como em (9); iv) verbo transitivo direto, quer dizer, com complemento direto, conforme exemplo (9), se deste for excluída a expressão “ao banco credor”.

Nenhum dos dicionários consultados registra *restar* em orações com predicados nominais, isto é, predicados construídos com verbo *de ligação, copulativo, ou relacional*. Esse tipo de verbo tem complemento *predicativo do sujeito*, “elemento da oração que, por meio do verbo, expressa qualificação ou classificação do sujeito”.<sup>11</sup> Também não consta desses dicionários *restar* em orações com predicados verbo-nominais ou mistos, que, segundo Lima (2007), são os que têm “dois núcleos: um, expresso por um verbo, intransitivo ou transitivo; outro indicado por um nome, chamado, também, de predicativo”,<sup>12</sup> o qual pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal.<sup>13</sup> Conclui-se, a partir de todos os registros de *restar* nos dicionários consultados, que esse verbo se inclui na categoria dos verbos plenos, caracterizando-se, portanto, como item cujo emprego é exclusivamente lexical.

Alinhados a esses dicionários, diversos autores, entre eles, Arruda (1996) e Nascimento (1982), desaprovam o uso de *restar* em orações cujo verbo tenha predicativo, inclusive nas orações em que ele atua como verbo relacional. Kasparý (1996), afirma que não localizou nenhum exemplo que abonasse tal emprego, seja nos “diplomas legais”<sup>14</sup> do Brasil, seja nos de Portugal.

Diferentemente do que propugnam esses três autores e do que consta nos aludidos dicionários, constatamos, contudo, em observação assistemática, que o uso de *restar* na qualidade de verbo relacional parece

<sup>11</sup> ANDRÉ. *Gramática ilustrada*, p. 253.

<sup>12</sup> LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*, p. 239.

<sup>13</sup> Quando o predicativo se refere ao complemento verbal, ele é denominado *predicativo do objeto*.

<sup>14</sup> KASPARY. *O verbo na linguagem jurídica – acepções e regimes*, p. 307-308.



recorrente em textos da Justiça do Brasil, como demonstra o seguinte exemplo, extraído de uma Decisão da Justiça do Trabalho da 1ª Região:<sup>15</sup>

(10) “Assim, ante o pedido de dispensa, *restam* improcedentes os pedidos de pagamento de diferenças de verbas rescisórias.” (Grifo nosso.)

Foi a observação casual do uso de *restar* como em (10) que nos fez aventar a possibilidade de que esse emprego estivesse disseminado no português como um todo, hipótese que nos propusemos a testar empiricamente.

## Descrição da metodologia

Como já mencionado, a hipótese que desencadeou a elaboração deste artigo foi a de que o verbo *restar* vem experimentando um processo de gramaticalização, isto é, deixando de ser apenas um item lexical e passando a atuar também como elemento gramatical.

A fim de testarmos nossa proposição, considerando que a gramaticalização ocorre de maneira gradual e que o reconhecimento desse fenômeno deve ser feito a partir de uma abordagem diacrônica, buscamos todas as incidências do verbo *restar*, em todas as formas correspondentes à sua conjugação, a partir de sua ocorrência mais antiga (no século XVI), no sítio “Corpus do Português” (DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J.), disponível *on-line*,<sup>16</sup> composto de 45 milhões de palavras provenientes de textos do português europeu e do português do Brasil.

Com o objetivo de melhor expormos a metodologia adotada, apresentamos, em (11), exemplos de nossa autoria, elaborados com base nos dados observados. Tais exemplos serviram como padrões para o agrupamento das ocorrências do verbo *restar*, encontradas nos *corpora* pesquisados, nas categorias lexical e gramatical:

- (11) a) Item lexical (forma plena sem predicativo) – predicado verbal:  
“Restaram quatro maçãs na fruteira.”
- b) Item lexical (forma plena com predicativo) – predicado verbo-nominal:  
“Somente duas laranjas restaram maduras no laranjal após a colheita.”
- c) Item gramatical (forma relacional) – predicado nominal:  
“Restou ineficiente a medida adotada.”

<sup>15</sup> <https://dejt.jt.jus.br/dejt/>

<sup>16</sup> Endereço para acesso ao banco de dados: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

d) Item gramatical – verbo auxiliar:

“Restou demonstrada pelo professor a solução do exercício.”<sup>17</sup>

Contabilizamos as frequências do item em cada século, separando as ocorrências, a partir do contexto, em dois grupos: i) verbo *restar* lexical (forma plena), correspondente ao chamado predicado verbal (forma plena sem predicativo) ou ao predicado verbo-nominal (forma plena em que, apesar de ter complemento predicativo, *restar* manteve-se como verbo lexical, pois conservou seu liame referencial ou nocional); ii) verbo *restar* gramatical (forma relacional), correspondente ao chamado predicado nominal. Feita essa separação inicial, observamos, entre as ocorrências classificadas no grupo ii), casos em que o verbo *restar* parece ter avançado em seu processo de gramaticalização, passando, na verdade, a funcionar como verbo auxiliar, como em (11 d). Assim, além do verbo “*restar* lexical” e do verbo “*restar* gramatical-relacional”, consignamos também a modalidade “*restar* gramatical-auxiliar” na Tabela 1, intitulada “Verbo *restar* no *Corpus do Português*”, apresentada na próxima seção deste artigo.

Considerando que o elemento motriz desta pesquisa foi a constatação, a partir de observação assistemática, da elevada frequência das diversas formas de *restar* como item gramatical (verbo relacional) em textos judiciais, pesquisamos, ainda, ocorrências desse verbo em três publicações de órgãos da Justiça do Brasil de 18 de novembro de 2016, sendo uma do Supremo Tribunal Federal (Diário da Justiça Eletrônico do Supremo Tribunal Federal), outra do Superior Tribunal de Justiça (Diário da Justiça Eletrônico do Superior Tribunal de Justiça) e, finalmente, uma do Tribunal Superior do Trabalho (Diário Eletrônico da Justiça do Trabalho – Tribunal Superior do Trabalho). A coleta de dados começou no ponto de cada diário a partir do qual apareciam textos corridos, ou seja, textos que não eram somente cabeçalho (com número da ação, nome das partes etc.). A partir do marco inicial, colhemos todas as ocorrências das diversas formas de *restar*, de cinquenta em cinquenta páginas, mantendo-se

<sup>17</sup> Ainda que essa construção possa parecer estranha a alguns usuários da língua portuguesa, os quais talvez cheguem a duvidar de sua gramaticalidade, consideramos que ela é razoavelmente legítima para representar algumas ocorrências similares, efetivamente empregadas nos textos pesquisados, como a ocorrência constante do exemplo (21) adiante.

um intervalo sem coleta, também de cinquenta páginas, entre cada conjunto formado, até obtermos, no total, 100.000 palavras pesquisadas. Por exemplo, no Diário Eletrônico da Justiça do Trabalho, coletamos os dados das páginas de números 1 a 50, de 101 a 150 e de 201 a 215. Os dados consolidados dos três tribunais constam da Tabela 2, denominada “Verbo *restar* em textos judiciais”, apresentada na próxima seção. Essa tabela, assim como a Tabela 1, apresenta dados do verbo *restar* como item lexical, como item gramatical-relacional e como item gramatical-auxiliar, uma vez que nos textos judiciais também foram observados todos esses empregos.

## Apresentação e análise dos dados

Na Tabela 1 – “Verbo *restar* no Corpus do Português”, que se segue, apresentamos a consolidação dos dados extraídos dessa fonte.

**Tabela 1 – Verbo *restar* no Corpus do Português**

Modalidade de <i>restar</i>	Século XVI		Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX	
	Aplicação	%	Aplicação	%	Aplicação	%	Aplicação	%	Aplicação	%
lexical	39	100	86	100	46	100	1.111	100	1.319	97,7
gramatical-relacional	-	-	-	-	-	-	-	-	27	2
gramatical-auxiliar	-	-	-	-	-	-	-	-	4	0,3
<i>Total</i>	39	100	86	100	46	100	1.111	100	1.350	100

Fonte: Dados coletados.

Embora o *Corpus do Português* registre ocorrências do verbo *restar* desde o século XVI, podemos afirmar, com base nos dados consolidados na Tabela 1, que, até o século XIX, essa forma verbal era usada exclusivamente em sentido lexical, conforme exemplo que se segue:

- (12) “*Restam* trinta contos e outocentos, e vinte mil e trezentos esesenta reis.” (sic)  
(séc. XVI)

Do século XVI ao século XIX, registramos poucas ocorrências de *restar* acompanhado de predicativo, mas nesse caso o verbo ainda permaneceu como pleno, já que não deixou de manter seu vínculo referencial. Isso quer dizer que todos os exemplos, até o século XIX, em que o verbo *restar* aparece com predicativo dizem respeito ao uso ainda lexical dessa forma verbal, como demonstra o exemplo que se segue:

(13) “fui-me contar os argentários da rua dos Capelistas, a ver quantos *restavam* soltos.”<sup>18</sup> (séc. XIX)

É possível, portanto, dizer que a gramaticalização de *restar* é um fenômeno relativamente recente, já que o seu uso como verbo relacional, conforme exemplo que se segue, só acontece a partir do século XX:

(14) “José Albano pediu confirmação do que acabara de ouvir. Teve-a. E *restou* o dia todo pensativo.” (séc. XX)

Em termos absolutos, houve um aumento do número total de ocorrências do verbo *restar* do século XIX para o século XX, de 1.111 para 1.350, o que, a princípio, é compatível com a elevação de frequência do item normalmente correlacionada ao fenômeno da gramaticalização. Há que se ressaltar, no entanto, que, de acordo com as informações do *Corpus do Português*, a frequência de *restar* em relação ao total de palavras de cada século constantes desse *corpus*, na verdade, caiu de 114,72 por milhão, no século XIX, para 67,36 por milhão, no século XX. Consultando o *corpus*, constatamos que todas as 31 ocorrências gramaticalizadas de *restar*, quer como item relacional, quer como verbo auxiliar, referem-se a textos em português do Brasil, escritos no século XX. Esses fatos, aliados à informação de que, no século XX, quando o “Corpus do Português” passa a discriminar as ocorrências textuais por país, a frequência de *restar* no Brasil (68,17/milhão) foi ligeiramente superior à frequência de *restar* em Portugal (66,57/milhão), leva-nos a crer que o processo de gramaticalização dessa forma verbal é fenômeno predominante, senão exclusivo, do português do Brasil. Apesar disso, ao perscrutarmos algumas ocorrências de *restar* do século XVI ao século XIX, constatamos usos ainda lexicais desse verbo em textos de escritores portugueses que podem servir de pista para o entendimento da gramaticalização de *restar*. Consideremos, por exemplo, as seguintes ocorrências:

<sup>18</sup> Entendemos, pelo contexto, que se mantém incólume o núcleo nocional de *restar* nesta ocorrência, principalmente porque a ação do verbo *contar*, que o precede, recai sobre algo bastante concreto, estendendo essa concreitude ao *restar*, cujo sentido está vinculado ao que decorreu da contagem realizada.

- (15) "Bateram-se os vastos currais, de grossos esteios de aroeira, fincados apique, rijos como barros de ferro, currais seculares, obra ciclópica, da qual *restava* apenas, como lúgubre vestígio, o moirão." (séc. XIX)
- (16) "Na estrada só *restou*, como desamparado, um homem de jaqueta ao ombro." (séc. XIX)

Em (15) e em (16), não podemos dizer que haja predicativo, mas as expressões "como lúgubre vestígio" e "como desamparado", por se referirem aos sujeitos, parecem guardar bastante proximidade semântica com os predicativos. É também importante o fato de que, em (16), o particípio "desamparado" é uma forma nominal que se confunde com o adjetivo. De qualquer maneira, o papel de conectivo, em ambos os casos, é desempenhado por "como", o que poupa *restar* dessa função.

Os casos em que *restar* ocorre em predicado verbo-nominal, ainda como item lexical, parecem encontrar-se numa etapa mais próxima à gramaticalização de *restar* como verbo relacional. Observemos este exemplo:

- (17) "Nas cadeias destruídas os presos, ainda vivos, sentiram a liberdade do desmando. Orlas de facinoras, pilhadores, fibusteiros invadiram a parte destruída para afanar, pilhar e abusar dos que *restavam* ainda apavorados mas ilesos." (séc. XX)

Em (17), o contexto nos indica, entretanto, que o verbo *restar* mantém seu caráter nocional, motivo pelo qual, apesar dos predicativos ("apavorados" e "ilesos"), entendemos que se trata de um caso de predicado verbo-nominal e de uso ainda lexical de *restar*, diferentemente do que ocorre no próximo exemplo:

- (18) "*Resta* preclusa a oportunidade." (séc. XX)

Em (18), parece-nos que o verbo *restar* se enquadra na caracterização dos verbos de ligação como itens gramaticais feita por Travaglia (2004), ou seja, expressa noção semântica muito geral, bem mais abstrata do que nas situações anteriores; é um mero carregador de categoria verbal, não expressando uma situação; exerce função própria de outra categoria, a dos conectivos, ao atuar como item relacional entre o sujeito ("a oportunidade") e o predicativo ("preclusa").

Finalmente, a ocorrência de *restar* com predicativos constituídos de particípio, forma nominal que também aparece como verbo principal

em construções passivas, foi provavelmente o desencadeador do processo da gramaticalização de *restar* como verbo auxiliar, como consta do seguinte exemplo:

- (19) “Algo que faço para aprender e não *restar* engolido pelos tentáculos da metrópole.” (séc. XX)

Na Tabela 2, que se segue, constam as informações sobre o verbo *restar* no *corpus* constituído de textos do STF, STJ e TST.

**Tabela 2 – Verbo *restar* em textos judiciais**

Modalidade de <i>restar</i>	STF		STJ		TST		TOTAL	
	Aplicação	%	Aplicação	%	Aplicação	%	Aplicação	%
lexical	1	6	-	-	-	-	1	1
gramatical-relacional	16	94	9	82	75	97	100	95
gramatical-auxiliar	-	-	2	18	2	3	4	4
<i>Total</i>	<i>17</i>	<i>100</i>	<i>11</i>	<i>100</i>	<i>77</i>	<i>100</i>	<i>105</i>	<i>100</i>

Fonte: Dados coletados.

A Tabela 2, acima, mostra que, nos textos judiciais, o verbo *restar* é empregado majoritariamente como item gramatical, com percentuais bastante elevados de uso gramatical-relacional, conforme exemplo que se segue:

- (20) “Nada obstante, o apelo não enfrenta essa conclusão, incidindo, portanto, a Súmula 283 do STF, *restando*, por mais esse motivo, *inviável* o seguimento do presente recurso.”<sup>19</sup>

Embora em percentuais modestos, observa-se o verbo *restar* também como item gramatical-auxiliar nos textos judiciais, conforme o exemplo seguinte:

- (21) “Para se modificar o que *restou decidido pelo Tribunal a quo* seria necessário o reexame do conjunto fático-probatório.”<sup>20</sup>

O exemplo (21), mais uma vez, demonstra como a associação do verbo *restar* com outros verbos na forma nominal de particípio certamente favoreceu o processo de gramaticalização pelo qual aquele verbo

<sup>19</sup> Diário da Justiça Eletrônica do STF, n. 247/2016, p. 141. (Grifos nossos.)

<sup>20</sup> Diário do Judiciário Eletrônico do STJ, n. 2096, p. 931. (Grifos nossos.)

passou a assumir o caráter de auxiliar em construções passivas, indicando, nessa versão, aspecto, tempo, voz e modo do fenômeno descrito pelo verbo principal.

Os textos do STF, do STJ e do TST demonstram que *restar* é bastante utilizado como verbo relacional e até mesmo como verbo auxiliar na área judicial. Esse emprego está em consonância com o *Corpus do Português*, no qual, como foi visto, o verbo *restar*, além da forma lexical estabelecida, acena como item gramatical-relacional e como item gramatical-auxiliar a partir do século XX, em ocorrências extraídas de textos em português do Brasil.

Considerando que os dicionários e alguns estudiosos da Língua Portuguesa ainda não se atualizaram quanto a essa nova realidade e tomando por base a formulação de Rocha (2002), que nos permite considerar o texto judicial como pertencente à variedade padrão, julgamos oportuno lembrar que o reconhecimento do processo de gramaticalização do verbo *restar* pode ser mais um pretexto para o reexame da padronização linguística no país, ou seja, para que se discuta a necessidade de maior e mais célere adequação entre as formas que estão registradas nos dicionários e recomendadas em algumas publicações sobre a Língua Portuguesa e aquelas formas efetivamente empregadas pelos usuários da língua.

## **Considerações finais**

O presente trabalho originou-se de observações fortuitas de textos judiciais nos quais a presença de *restar* como verbo que tem complemento predicativo fez-nos supor que tal forma verbal teria uso generalizado também como item gramatical no português.

Em pesquisa no *Corpus do Português*, complementada por dados textuais do STF, do STJ e do TST, observamos, pela apuração das frequências absolutas e relativas das diversas formas de *restar* nesses *corpora*, que, embora mantendo a modalidade lexical em vigor desde o século XVI, esse verbo teria experimentado, a partir do século XX, processo de gramaticalização como verbo relacional e como verbo auxiliar, como demonstram as ocorrências nos textos em português do Brasil. Os dados examinados revelam que a gramaticalização de *restar* parece ser

favorecida por um segmento específico, o dos textos jurídicos, além de sugerirem que ela seguiu o percurso proposto por Coelho e Vitral (2010): verbo pleno > verbo relacional > verbo auxiliar. Nas ocorrências, há indícios de como se teria processado a passagem de um estágio a outro, conforme exposto na análise de dados. Ressaltamos, contudo, que, como tal análise circunscreveu-se aos objetivos do presente trabalho, abre-se a possibilidade de se realizarem investigações mais detalhadas, em estudos subsequentes, com aprofundamento sobre os aspectos semânticos e morfossintáticos relacionados a esse percurso de gramaticalização.

Considerando, por um lado, a constatação de que o verbo *restar* já é efetivamente utilizado como item gramatical no português do Brasil e, por outro lado, o fato de que os dicionários e alguns autores que abordam tópicos sobre a Língua Portuguesa não admitem esse emprego, entendemos que a gramaticalização de *restar* pode ser mais um elemento a ser levado em conta quando se discute a questão da variedade padrão e da padronização linguística no país, já que é comum o descompasso entre a disseminação do uso efetivo de determinada forma linguística e o reconhecimento desse emprego nos dicionários e nas gramáticas.

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG. Trabalho elaborado para a disciplina Seminário de Tópico Variável em Linguística Teórica e Descritiva: uma abordagem teórica da mudança linguística sob a perspectiva da gramaticalização. E-mail: rcbas@letras.ufmg.br

## Referências

- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática ilustrada*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Moderna, 1978.
- ARRUDA, Geraldo Amaral. *A linguagem do juiz*. São Paulo: Saraiva, 1996.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Vanda Maria. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo Teixeira. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 75-104.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*: 45 million words, 1300s-1900s. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 23 jun 2017.
- DIÁRIO DA JUSTIÇA ELETRÔNICO. Superior Tribunal de Justiça, nº 2096. Brasília, data da publicação: 18 nov. 2016, p. 508-557, 608-657, 708-757, 808-857, 908-957, 1008-1057 e 1108-1134. Disponível



em: <<https://ww2.stj.jus.br/processo/dj/init>>. Acesso em 19 nov. 2016.

DIÁRIO DA JUSTIÇA ELETRÔNICO. Supremo Tribunal Federal, nº 247. Brasília, data da publicação: 18 nov. 2016, p. 20-69, 120-150. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/diariojusticaeletronico/pesquisardiarioeletronico.asp>>. Acesso em 19 nov. 2016.

DIÁRIO ELETRÔNICO DA JUSTIÇA DO TRABALHO. Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região. Ação trabalhista nº 2064. Kalheane Sousa Silva versus Lojas Renner. Relatora: Ana Teresinha de Franca Almeida e Silva Martins. *Caderno Judiciário*. Brasília, 12 set. 2016, p. 604. Data da publicação: 14 de set. 2016. Disponível em: <<https://dejt.jt.jus.br/dejt/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

DIÁRIO ELETRÔNICO DA JUSTIÇA DO TRABALHO. Tribunal Superior do Trabalho, nº 2107. *Caderno Judiciário*, Brasília, p. 1-50, 101-150 e 201-215. Data da publicação: 18 nov. 2016. Disponível em: <<https://dejt.jt.jus.br/dejt/>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 44. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 1 CD-ROM.

HEINE, Bernd; REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske. 1984 citado por COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo Teixeira. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 75-104.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. (Cambridge Textbooks in Linguistics)

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

KASPARY, Adalberto J. *O verbo na linguagem jurídica: acepções e regimes*. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1996.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

NASCIMENTO, Edmundo Dantès. *Linguagem forense*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Gramática: nunca mais*. O ensino da língua padrão sem o estudo da gramática. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais? *Estudos Linguísticos*, Campinas: Revista Estudos Linguísticos, v. XXXIII, p. 01-06, 2004. 1. CD-ROM.



# Do lexical ao gramatical: um estudo sobre o item *indivíduo* e seu processo de gramaticalização

Fernanda Carla de Oliveira

## Considerações iniciais

A gramaticalização, neste trabalho, é compreendida a partir dos pressupostos de Lehmann (1982), de Hopper (1991) e de Heine e Song (2011), ou seja, como um processo de desenvolvimento de um item lexical para um gramatical, ou ainda, de formas gramaticais para formas ainda mais gramaticais. Nesse contexto, o item *indivíduo* foi selecionado com o intuito de estudar se itens considerados como nomes gerais, isto é, palavras que são um caso limítrofe entre um item lexical e um item gramatical e possuem traços mínimos de significado (Halliday e Hasan (1995 [1976])) sofrem realmente um processo de gramaticalização.

Numa tentativa de endossar tal proposta, Heine e Song (2011) e Oliveira (2015) já demonstram que esses itens tendem a ocupar lugares de pronomes, reforçando, assim, nosso objeto. Além disso, o estudo da etimologia de *indivíduo* e os princípios de Hopper (1991) que objetivam detectar um processo de gramaticalização ainda inicial fornecem indícios de como pode ser notada a gramaticalização no item estudado.

Nesse sentido, estudar se *indivíduo* sofre um processo de gramaticalização se torna relevante por dar um passo inicial nesse tipo de estudo, uma vez que sempre existe a controvérsia se esse tipo de item sofre um processo de lexicalização ou de gramaticalização.

Assim, este texto, que se propõe a lidar com essa problemática, estrutura-se da seguinte forma: estas considerações iniciais, que apresentam o tema selecionado. Na seção seguinte, a base teórica é relatada.

Neste momento, são apontados estudos sobre a gramaticalização e sobre o item *indivíduo*. Na seção 2 deste trabalho, tem-se a metodologia, em que se descreve, passo a passo, como foram tratados os dados, seguida de sua discussão. Finalmente, são tecidas as considerações finais acerca do alcance deste estudo.

## **Pressupostos teóricos**

### **Gramaticalização**

Lehmann (1982) é um dos precursores nos estudos de gramaticalização e revela que o termo “gramaticalização” foi cunhado por Antonie Meillet em 1912 e que, ainda hoje, é utilizado da mesma forma proposta por ele. Contudo, o conceito e as ideias que estão por trás dele são mais velhos. Dessa forma, ao fazer um panorama sobre o estudo da gramaticalização, Lehmann (1982) demonstra todas as suas problemáticas e implicações. Entretanto, de um modo geral, a gramaticalização é definida como um processo no qual algo é feito ou se torna gramatical. Ainda de forma mais detalhada, o autor explica que, de acordo com Kuryłowicz, o processo de gramaticalização não só transforma um item lexical em um item gramatical, mas também pode mudar um item com *status* mais gramatical para um *status* menos gramatical.

Hopper (1991), após discutir sucintamente as ideias de Lehmann (1982) sobre o processo de gramaticalização, argumenta sobre a dificuldade de se verificar tal processo quando ele se encontra em estágios iniciais. Dessa maneira, ele estabelece cinco princípios que podem ajudar a detectar processos de gramaticalização: (i) estratificação, (ii) divergência, (iii) especialização, (iv) persistência, (v) descategorização.

A partir do princípio da estratificação, novas camadas emergem continuamente, podendo a forma antiga permanecer para coexistir e interagir com a forma mais recente.

No caso da divergência, tem-se que, quando uma forma lexical sofre gramaticalização, a original permanece como um elemento autônomo e sofre as mesmas mudanças que os itens lexicais.

De acordo com o princípio da especialização, quando há gramaticalização, ocorre um estreitamento da variedade de escolhas formais com nuances semânticas diferentes e esse menor número de formas selecionadas assume significados mais gerais.

Conforme a persistência, quando uma forma se gramaticaliza, alguns vestígios de seu significado lexical original tendem a permanecer na forma gramatical resultante.

Finalmente, por força do princípio da descategorização, as formas submetidas à gramaticalização tendem a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas características das categorias plenas de Nome e de Verbo e a assumir atributos das categorias secundárias como Adjetivo, Particípio, Preposição etc.

Heine e Song (2011), assim como os demais autores consultados, definem gramaticalização como um processo de desenvolvimento de um item lexical para um gramatical, ou ainda, de formas gramaticais para formas ainda mais gramaticais. Os autores apontam como uma das fontes de pronomes pessoais os nomes gerais, isto é, aqueles itens que, de acordo com Halliday e Hasan (1995 [1976]), são um caso limítrofe entre um item lexical e um item gramatical e possuem traços mínimos de significado. Exemplos desses nomes gerais são itens como *cara*, *pessoa*, *indivíduo* etc. Nesse sentido, esses nomes referentes a seres humanos tendem a se tornarem pronomes de terceira pessoa.

Dessa forma, a partir dos princípios de Hopper (1991), das considerações de Lehamann (1982) e de Heine e Song (2011) sobre a definição de gramaticalização, selecionamos o item *indivíduo*, a fim de estudar seu possível processo de gramaticalização, visto que ele é considerado um nome geral, e, portanto, tende a se gramaticalizar. Além disso, para este artigo, dois dos princípios de Hopper (1991) serão nosso foco de análise, sendo eles o princípio da descategorização e o da estratificação. A seguir, apresentamos alguns estudos já compreendidos sobre o item selecionado.

## **Indivíduo**

Clavero (2010), Rezende (2010), Amaral (2013), Amaral e Ramos (2015) e Oliveira (2015) apresentam alguns estudos sobre *indivíduo*, elucidando um pouco da história dessa palavra, bem como sua utilização.

Clavero (2010), ao discutir as sutilezas que existem entre *persona* e *indivíduo* no Direito, afirma não saber exatamente de onde vem o termo *indivíduo*, mas que a principal evidência vem da definição de pessoa por Boécio, ou seja, *naturae indiuidua rationabilis substantia*.<sup>1</sup> Ainda segundo o autor, isso faz remissão ao homem e, posteriormente, ao indivíduo. Dessa forma, Clavero (2010), explica:

Según todos los indicios, el término aparece en inglés antes de pasar a otras lenguas y procede además directamente de la definición de Boecio. Frente a lo que resulta usual, el adjetivo para individual no deriva en inglés del sustantivo, sino al contrario, el sustantivo para individuo viene tan directamente del adjetivo que es el adjetivo mismo, individual, el adjetivo que se tenía bien a la vista en la definición de Boecio.<sup>2</sup>

É possível observar, portanto, que o substantivo *indivíduo* parte do adjetivo, fato que será corroborado por alguns dicionários apontados posteriormente.

Clavero (2010) elucida que *indivíduo* inclui uma classe singular de pessoas, ou seja, um sujeito de direito. O autor explica que “*indivíduo* é uma pessoa qualificada entre pessoas comuns”.<sup>3</sup> Contudo, *pessoa* e *indivíduo* não são termos incompatíveis, visto que a classe do *indivíduo* pode, posteriormente, assumir outras pessoas.

<sup>1</sup> Em tradução livre: “A substância única de natureza racional.”

<sup>2</sup> BARTOLOMÉ. La máscara de Boecio: antropologías del sujeto entre persona e individuo, teología y derecho, p. 30. Em tradução livre: “Segundo todos os indícios, o termo aparece em inglês antes de passar para outros idiomas e também vem diretamente da definição de Boécio. Contrariamente ao habitual, o adjetivo para indivíduo não deriva em inglês do substantivo, mas, pelo contrário, o substantivo vem diretamente a partir do adjetivo que ele é o próprio adjetivo, individual, o adjetivo que estava bem à vista na definição de Boécio.”

<sup>3</sup> BARTOLOMÉ. La máscara de Boecio: antropologías del sujeto entre persona e individuo, teología y derecho, p. 31.

Ainda segundo Clavero (2010), em castelhano, desde a primeira metade do século XVIII, *individuo* possui o significado de “o particular de cada espécie”, diferenciando-se um pouco da definição de *pessoa*, que parece mais ampla; porém, o autor esclarece que eles levaram por algum tempo vidas paralelas, ou seja, seriam intercambiáveis.

Rezende (2010) busca diferenciar *pessoa*, *sujeito* e *individuo* na linguagem médica, pois aposta que esses três termos são usados indistintamente para “designar tanto os pacientes como os participantes da investigação na condição de pessoas normais do grupo de controle”.<sup>4</sup> Nesse sentido, o autor explica que “*individuo* (do latim *individuus*, *a*, *um*) significa indivisível, uno, referindo-se a um ser biológico cuja existência depende de sua integridade. Aplica-se, portanto, não somente ao homem, como a outros animais e até as plantas”.<sup>5</sup>

Ainda segundo Rezende (2010), o termo *pessoa* é muito utilizado no Direito, mas as denominações *individuo* e *sujeito* não são recorrentes e se “referem a réus em processos criminais ou em sessões de júri”.<sup>6</sup> Ainda, ao citar um professor da faculdade de medicina, Ruy Ferreira Santos, o autor lembra que tal professor sempre reforçava que a melhor palavra para se tratar um ser humano é *pessoa*, pois *individuo* parece nivelar o ser humano ao animal.

Amaral (2013), ao descrever sobre os nomes gerais em três cidades mineiras, elucida que esses itens compreendem “uma classe pequena de substantivos cuja definição é composta por traços muito genéricos e podem, por esse motivo, fazer parte de sintagmas nominais que se referem a entidades bem variadas”.<sup>7</sup> *Individuo* faria, portanto, parte dessa classe, contudo, ele não se mostrou muito produtivo em seu *corpus*, visto que ele parece ser mais comum na fala de pessoas com escolaridade alta.

Amaral e Ramos (2014) discorrem sobre as propriedades estruturais dos nomes gerais e destacam, ao citar Mihatsch (2006), que um nome geral é utilizado quando não há uma designação, naquele momento, acessível ao falante. Dessa forma, pode-se observar que *individuo* em seu

<sup>4</sup> REZENDE. Pessoa, individuo, sujeito, p. 69.

<sup>5</sup> REZENDE. Pessoa, individuo, sujeito, p. 69.

<sup>6</sup> REZENDE. Pessoa, individuo, sujeito, p. 70.

<sup>7</sup> AMARAL. Os nomes gerais em três localidades mineiras: Campanhas, Minas Novas e Paracatu, p. 138.

sentido atual parece cumprir bem o papel de substituir um nome que não quer ou que não pode ser dito ou, ainda, que não é acessível ao faltante.<sup>8</sup>

Oliveira (2015), ao fazer uma análise da relação entre nomes gerais e pronomes indefinidos em dados de língua oral, não encontrou nenhuma ocorrência do item *indivíduo* em seu *corpus*, entretanto, sugeriu que isso pode ter ocorrido por se tratar de uma palavra que possui caráter mais formal. Contudo, observou-se que este nome geral pode, assim como os outros estudados, substituir, em alguns contextos, um pronome indefinido.

Dessa forma, tem-se um panorama de alguns estudos que tratam do item *indivíduo* e como essa palavra apresenta controvérsias em seu significado.

## Metodologia

Buscando analisar o processo de gramaticalização do item *indivíduo*, inicialmente, mostraremos seu percurso histórico a partir de três dicionários de etimologia (BUENO (1974), MACHADO (1977) e *Online Etymology Dictionary*) e de um dicionário Latino-Português (FARIA (2003)), visando a reconstruir a história dessa palavra e a obter indícios de um possível processo de gramaticalização.

Após elucidarmos a etimologia da palavra, analisaremos alguns exemplos retirados do *Corpus do Português*<sup>9</sup> e um exemplo do autor Tácito encontrado no *The Latin Library*,<sup>10</sup> a fim de ilustrar como o processo de gramaticalização dessa palavra ocorreu na prática. Salientamos que não será feita uma análise quantitativa, mas qualitativa, visto que o intuito deste trabalho é apresentar uma breve explicação do fenômeno.

Finalmente, os exemplos serão discutidos com base nos dois princípios de Hopper (1991) selecionados, ou seja, decategorização e estratificação, com o objetivo de testar a hipótese da gramaticalização do item.

<sup>8</sup> AMARAL; RAMOS. *Nomes gerais no português brasileiro*, 2014.

<sup>9</sup> <http://www.corpusdoportugues.org>

<sup>10</sup> <http://www.thelatinlibrary.com/tac.html>



# Análise dos dados

## Percurso etimológico

Durkin (2009) define, inicialmente, etimologia como a investigação da história das palavras, informando que este termo também tem sido usado para descrever todo o esforço em tentar fornecer uma explicação coerente da história de uma palavra. Ainda segundo o autor, a etimologia faz parte do campo mais vasto da Linguística Histórica, isto é, de tentativas de explicar como e por que as línguas mudaram e se desenvolveram. Dessa maneira, Durkin (2009) esclarece que, como essas explicações não podem ser dadas contando apenas com um nível linguístico, a etimologia pode ser definida como a aplicação, ao nível de uma palavra individual, de diversos métodos da Linguística Histórica (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) a fim de produzir uma explicação coerente para a sua história.

Viaro (2013), ao tratar da etimologia, elucida que ela diz respeito aos “conhecimentos de muitas línguas e etapas de línguas”.<sup>11</sup> O autor ainda explica que ela favorece o falante, pois é “uma chave que abre o significado de milhares de palavras em português e de outras línguas, inclusive palavras desconhecidas que se fecham numa aparente opacidade”.<sup>12</sup>

Nesse sentido, o primeiro passo da análise de dados se dará a partir de um estudo etimológico do item *indivíduo*, visto que isso será de grande valia para compreendermos melhor o processo de gramaticalização da palavra selecionada.

Assim, abaixo apresentaremos informações encontradas nos dicionários anteriormente citados, objetivando observar as semelhanças existentes entre eles para a reconstrução do item *indivíduo* em busca de seu processo de gramaticalização.

Bueno (1974) define *indivíduo* como

[Indivíduo – s.m.] ser que, por suas notas, características, se distingue dos demais, constituindo um todo completo e indivisível em si mesmo. Cada ser, seja animal, seja vegetal que representa a

<sup>11</sup> VIARO. *Manual de etimologia do português*, p. 3.

<sup>12</sup> VIARO. *Manual de etimologia do português*, p. 7.

espécie dentro do gênero. Cada pessoa em relação à coletividade. É o mesmo adjetivo indivíduo do lat. *individuus*.<sup>13</sup>

Machado (1977), ao fazer um verbete mais completo, faz o percurso histórico do item:

**Indivíduo**, s. Do latim *individuu-*, <<indivisível; inseparável; átomo>>, daí: <<o que é particular>>, em oposição às espécies e aos gêneros, depois: <<qualquer ser particular>> e, finalmente, em lat. escolástico: <<pessoa indeterminada>>; por via culta. Séc. XVI: <<Quer Deus que nos pareçamos com ele que, sendo tão grande, não se descuida do mais vil *indivíduo* da terra...>>Arceb., VI, cap. I, vol. III, p. 198 O adj. em 1354: <<Em nome da santa ymduíduo trindade...>>, em Pedro de Azevedo, Os Reguengos de Estremadura, da Universidade de Coimbra, XI, p. 605.<sup>14</sup>

No verbete acima, é possível notar uma evidência do início do processo de gramaticalização de *indivíduo*, visto que já no século XVI são encontrados dados do item com referência a uma “pessoa indeterminada”.

O *Online Etymology Dictionary*<sup>15</sup> traz informações bem detalhadas a respeito da palavra. Relata que *indivíduo*, como substantivo, vem do latim *individuum* e significa “um átomo, partícula indivisível” e em inglês medieval *individuum* foi usado no sentido de “membro individual de uma espécie” (início do século XV). Além disso, o sentido de “único ser humano” em oposição a um grupo é atestado a partir de 1640; e, no sentido coloquial de “pessoa”, há atestações a partir de 1742. Somente nesse dicionário encontramos que *indivíduo* vem de um substantivo e, dessa forma, essa informação foi desconsiderada.

Ao tratar de *indivíduo* como adjetivo, o *Online Etymology Dictionary* apresenta que, até o século 15, a palavra possui o sentido de “una e indivisível, inseparável” (com referência à Trindade)<sup>16</sup> vindo de *individualis*

<sup>13</sup> BUENO. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos; contribuições do tupi-guarani*, p. 1910.

<sup>14</sup> MACHADO. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados*, p. 287.

<sup>15</sup> [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=individia](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=individia)

<sup>16</sup> Trindade é definida no dicionário Michaelis *on-line* como o principal mistério do cristianismo, que proclama a unidade de Deus na sua natureza e substância, bem como a existência de três pessoas distintas unidas nessa natureza (Pai, Filho e Espírito Santo). <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&>

do latim medieval e, anteriormente, do latim *individuus* “indivisível” (in- “não, oposto de”) + *dividuus* “divisível”, a partir de *dividere* “dividir”. Seu sentido original é agora obsoleto e a palavra não era comum antes de 1600. O sentido de “único, separado, de uma só pessoa ou coisa” é de 1610 e o sentido de “destinado a uma pessoa” é de 1889.

No dicionário de latim-português de Faria (2003), o autor descreve *indivíduo* como: “**individuus, -a, -um**, adj. Indivisível, inseparável (TÁC. An. 6, 10)”.<sup>17</sup>

A partir das informações recolhidas nos dicionários, é possível supor o seguinte percurso histórico:

*In + dividuus > Individuus* adj. (Latim clássico (I a.C a I d. C) ao século XV aprox. - com sentido inicial de “indivisível” e “inseparável”) > *Indivíduo* (aprox. século XVI - sentido de “uma única pessoa”) > *Indivíduo* (aprox. século XVII - sentido atual de “qualquer pessoa”)

## Exemplificação dos dados encontrados

De acordo com Faria (2003) e como forma de exemplificação, *indivíduo* com o sentido de inseparável é encontrado em Tácito,<sup>18</sup> como demonstrado no exemplo (1) abaixo:

(1) [6.10] Ne feminae quidem exsortes periculi. quia occu pandae rei publicae argui non poterant, ob lacrimas incusabantur; necataque est anus Vitia, Fufii Gemini mater, quod filii necem flevisset. haec apud senatum: nec secus apud principem Vesularius Flaccus ac Iulius Marinus ad mortem aguntur, e vetustissimis familiarium, Rhodum secuti et apud Capreas **individuui**, Vesularius insidiarum in Libonem internuntius; Marino particeps Seianus Curtium Atticum oppresserat. quo laetius acceptum sua exempla in consultores recidisse<sup>19</sup> (Grifo nosso.)

f=0&t=0&palavra=Trindade

<sup>17</sup> FARIA. *Dicionário Latino-Português*, 490.

<sup>18</sup> Historiador romano que viveu entre 55-120 d.C. <http://www.thelatinlibrary.com/tacitus/tac.ann6.shtml>

<sup>19</sup> Em tradução livre: “Mesmo que as mulheres privadas do perigo não pudessem ser acusadas porque curvadas ao ataque à república, por causa das lágrimas eram incriminadas. Assim, a velha Vicia, mãe do gêmeo Fúfio, como tivesse chorado a morte do filho, foi assassinada. Estas coisas ocorreram no Senado.”

Do mesmo modo, diante do imperador, Vesulário Flaco e Júlio Marino, dois de seus mais antigos amigos, são condenados à morte, eles que o seguiram até o Rodes, e seus *inseparáveis* (companheiros)

*Indivíduo*, com sentido de indivisível, é encontrado ao se fazer referência à Trindade (1354), como ilustrado por Machado (1977): “Em nome da santa *ymdiuiduo* trindade..., em Pedro de Azevedo, Os Reguengos de Estremadura, da Universidade de Coimbra, XI, p. 605.” (Grifo nosso.)<sup>20</sup>

A partir do século XVI, aproximadamente, *indivíduo* é utilizado com o significado de uma pessoa específica, como ilustrado abaixo em uma das cartas de Padre Antônio Vieira (1626-1692):

- (2) Sendo logo certo que Bandarra nas suas profecias fala de um tal rei em particular, de uma tal pessoa e de um tal *indivíduo*, e sendo também certo que este rei, esta pessoa e este *indivíduo* é El-Rei D. João o IV, como se prova pelas qualidades pessoais e pelos sinais individuantes com que o mesmo Bandarra descreve a este rei; (Vieira, 1626-1692, grifo nosso.)<sup>21</sup>

Salientamos que os quatro exemplos encontrados no *Corpus do Português* nos anos 1600 fazem referência a um indivíduo que é um ser específico, pois todos eles estão em um contexto de retomada de anáfora.

Nos exemplos encontrados a partir de 1700, é possível perceber uma competição das formas, ou seja, encontramos exemplos em que *indivíduo* tem o sentido de um ser específico (3) e exemplos que remetem a “qualquer um” (4), conforme apresentado abaixo:

- (3) Entrou e ficou pasmado vendo o mesmo *indivíduo* que lhe parecia ter lançado no rio. Quanto mais olhava para ele mais se admirava e dizia à mulher: – Eu, senhora, estou certo que lancei este infeliz corcovado no Tejo, mas nao posso alcançar de que formla ve o outra vez aqui parar. Mas vá outra vez ao sacco e veremos se torna. (In: Três corcovados de Setúbal, 1791, grifo nosso.)<sup>22</sup>
- (4) Isto, que indubitavelmente procede a respeito de qualquer *indivíduo* de uma sociedade debaixo da pena da destruição dele e da mesma sociedade, procede também a respeito das nações entre si, ou sejam bárbaras, ou civilizadas; principalmente, logo que elas admitem entre si o comércio de umas para as outras; (Coutinho, 1790, grifo nosso.)<sup>23</sup>

até a ilha de Capri: Vesculário foi intermediário das conspirações contra Lisboa; Sejano tinha oprimido Ático, tendo Marino como cúmplice.

<sup>20</sup> MACHADO. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados, p. 287.

<sup>21</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>

<sup>22</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>

<sup>23</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>

Nos anos 1800 e 1900, de acordo com os dados encontrados, percebemos que a competição entre as formas continua. Apresentamos abaixo alguns exemplos referentes aos anos 1800 e 1900 em que *indivíduo* faz remissão a qualquer pessoa (cf. (5) e (7)) e, posteriormente, a um ser específico (cf. (6) e (8)):

- (5) Todos falam da economia, e pouca gente tenho visto que tenha uma idéia distinta desta ciência, que tem princípios fixos como qualquer outra, e fins mui claros. A maior parte da gente julga que um económico é um *indivíduo* que dispensa pouco, poupa às vezes o necessário e quâsi nunca reparte com o indigente. Ésse chamo eu um mesquinho, um miserável. (Marquesa D'alorna, 1809, grifo nosso.)<sup>24</sup>
- (6)! Ambos – Céus! Quem será? (Afastam-se com medo um do outro) Sampaio – Quem será? Barnabé – Quem será? Ambos (À parte) – Será, pois não! imensa asneira Medo por ele aqui mostrar! Eu vou, vou já, de um capoeira As aparências tomar! (Provocam-se como os capoeiras) Sampaio – Você não vê por onde anda! Barnabé (À parte) – Ai! que o sujeito é valentão! (Alto) É que eu olhava pra outra banda.. Sampaio (À parte) – Este *indivíduo* é fracalhão! (Alto) Zangado estou, e vou-lhe às ventas! Barnabé (À parte) – Se eu recuar, perdido estou! (Alto) Eu quero ver se tu sustentas O que da boca te escapou! Se não retiras a expressão Fanfarrão! Levas muito cachação! Sampaio (À parte) – Ele é valente! Haja prudência! Barnabé (Avançando.) – Há de ter santa paciência: Apanhas como ladrão! Sampaio (Fugindo, à parte) – Ele me quer limpar a roupa. (Azevedo, XVIII, grifo nosso.)<sup>25</sup>
- (7) O controle está lá, espreitando. Falar de sexo, drogas, ou até esporte, foi o meio que encontrei para romper essa névoa. Quando o corpo se transforma em teatro, ele traz o *indivíduo* para os holofotes. Em outras palavras, focalizar o corpo nos contextos extremos é minha maneira de apontar uma possível liberdade. Estado – Mas esses extremos nem sempre são felizes. Com freqüência, a separação entre liberdade e violência é bastante estreita em seus livros. (Murakami, 1977, grifo nosso.)<sup>26</sup>
- (8) teve continuidade. Por quê? DaMatta - Porque o Brasil não é igual aos Estados Unidos. A gente imita ou tenta imitar os Estados Unidos num bocado de coisas, como na economia, por exemplo. Os empresários brasileiros querem que haja livre mercado, um *laissez-faire* completo em todas as áreas, até mesmo na do ensino, e querem que o Estado não fiscalize absolutamente nada. Você imita na economia mas não pode imitar na política. Aqui, as duas coisas estão ligadas. Quando um americano fala em cidadão, ele está falando num consumidor, num *indivíduo* autônomo, que tem um mínimo de consciência política e social e sabe que tem responsabilidades. Se você estaciona seu carro aqui numa vaga reservada para deficientes, o guarda, além de te multar vai dizer que você é

<sup>24</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>

<sup>25</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>

<sup>26</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>

uma pessoa egoísta. No Brasil, isso não passa pela cabeça de ninguém. O que passa é que o governo põe de deficiente na rua para prejudicar a gente. (DaMatta, 1997, grifo nosso.)<sup>27</sup>

O que podemos inferir desses dados é que as formas continuaram em competição com o decorrer dos tempos. Entretanto, notamos que, ainda que não tenha sido feita uma quantificação exata dos dados, um favorecimento das formas que indeterminam esse *indivíduo* pôde ser observado. Isso é importante para a análise que será apresentada a seguir, pois reforçará a aplicação dos dois princípios de gramaticalização, discutidos por Hopper (1991).

### **Análise da gramaticalização de *indivíduo* à luz dos princípios da decategorização e da estratificação**

Para este trabalho, foram selecionados os princípios da decategorização e da estratificação de Hopper (1991), uma vez que a palavra se mostra em processo de gramaticalização ainda inicial, sendo eles, portanto, os que melhor se aplicaram. Nesse sentido, entendemos que *indivíduo* é uma forma em um processo de gramaticalização porque, assim como Heine e Song (2011), cremos que nomes gerais referentes à pessoa são fontes de pronomes pessoais, visto que eles poderão vir a ocupar tais lugares.

Acrescentamos que, assim como Oliveira (2015), observamos que *indivíduo*, quando utilizado com referência genérica, isto é, na sua forma mais atual, pode ser substituído pelo pronome indefinido *alguém* sem nenhum prejuízo sintático, semântico ou pragmático, e, dessa forma, teríamos um processo de gramaticalização, visto que ele seria inicialmente um adjetivo, com sentido de indivisível, até se gramaticalizar de tal forma que possa funcionar como um pronome. Isso pode ser reforçado pelos exemplos apresentados no decorrer deste texto, uma vez que, em todos eles, que não há referência a um ser específico; *indivíduo* pode ser substituído pelo pronome indefinido *alguém*, por exemplo.

Conforme o princípio da decategorização, formas submetidas à gramaticalização tendem a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas características das categorias anteriores

<sup>27</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>

e a assumir atributos das categorias secundárias como adjetivo, participio, preposição etc. No caso estudado, como já exposto acima, o princípio da descategorização é aplicado porque o nome geral *indivíduo* pode ser substituído perfeitamente pelo pronome indefinido, mostrando, assim, ainda que de forma bem inicial, um processo de gramaticalização. A seguir reapresentamos um de nossos exemplos, mas com a substituição pelo indefinido:

- (9) todos falam da economia, e pouca gente tenho visto que tenha uma idéia distinta desta ciência, que tem princípios fixos como qualquer outra, e fins mui claros. A maior parte da gente julga que um económico é um *alguém* que dispensa pouco, poupa às vezes o necessário e quási nunca reparte com o indigente. Ésse chamo eu um mesquinho, um miserável. (Marquesa D'Alorna, 1809, grifo nosso.)

Vê-se, portanto, que o nome geral é um tipo de fonte de pronomes não só pessoais e, dessa forma, é possível considerá-lo como um item em processo de gramaticalização, pois, no caso analisado, observamos que a forma adjetiva inicial entrou em desuso e a forma pronominal indefinida mostrou-se produtiva.

De acordo como o princípio da estratificação, novas camadas emergem continuamente, podendo a forma antiga permanecer para coexistir e interagir com a forma mais recente. Isso foi mostrado no processo histórico da palavra, pois, ainda que o sentido de indivisível tenha desaparecido, a forma de *indivíduo* como ser específico e como pessoa indeterminada coexistem. Isso demonstra que uma forma não precisa desaparecer para que a outra exista; elas podem ser usadas com seus significados específicos e ambas continuarem existindo.

## **Considerações finais**

Por ser um tipo de estudo ainda iniciante, foi possível observar apenas indícios de um processo de gramaticalização. Contudo, nosso objetivo de tentar demonstrar que *indivíduo* pode estar passando por um processo de gramaticalização foi alcançado, visto que o estudo etimológico, os exemplos, a aplicação dos princípios de descategorização e de estratificação puderam corroborar nossa tese.

A partir dos exemplos, notamos como o percurso etimológico de uma palavra não pode ser deixado de lado em um estudo de gramaticalização, visto que, se não houvesse uma compreensão das mudanças sofridas por ela, não teríamos percebido como seu significado e usos mudaram, saindo de um adjetivo, passando a um substantivo e, atualmente, ocupando lugar de pronome, ainda que não seja considerada como tal. Assim, entendemos que a discussão de nomes gerais serem lexicalização e não gramaticalização pode ser questionada, em alguns casos, a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa.

Salientamos que um estudo qualitativo se mostrou mais eficaz para este artigo porque o número de dados encontrados foi muito extenso e, portanto, fez-se necessário um recorte.

Dessa forma, o que podemos concluir é que, com a análise dos dados, foram encontrados indícios de que *indivíduo* está passando por um processo inicial de gramaticalização e que a forma mais nítida é seu uso ser substituído claramente por um pronome indefinido. Ademais, este é um trabalho bastante introdutório sobre o tema, mas que poderá ser mais bem desenvolvido em estudos posteriores.

Graduada em Letras Licenciatura Português-Latim na UFMG; Mestranda em Estudos Linguísticos na mesma instituição. *E-mail*: fernanda.carladeoliveira@gmail.com

## Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Os nomes gerais em três localidades mineiras: Campanhas, Minas Novas e Paracatu. *Revista Todas as Letras*, v. 15, n. 1, p. 138-151, 2013.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; RAMOS, Jânia Martins. *Nomes gerais no português brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.

AZEVEDO A. citado por por DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos; contribuições do tupi-guarani*. Santos: Editora Brasília Limitada, 1974. v. 9.

COUTINHO, J. J. C. A. *Obras econômicas* citado por DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: 23 nov. 2016.



- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- DURKIN, Philip. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN; Ruqaiya. *Cohesion in English*. London/ New York: Longman, 1995. [1976].
- HEINE, Bernd; SONG, Kyung-an. On the grammaticalization of personal pronouns. *Journal of Linguistics*. Cambridge, v. 47, n. 3, p. 587-630, 2011.
- HOPPER, J. Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35. v. 1.
- DaMatta citado por DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- Três corcovados de Setúbal citado por DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- INDIVIDUA. In: HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. 2001. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 28 jun. 2016.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. 2. ed. Munique: Lincom Europa, 1995. (Lincom studies in theoretical linguistics) [LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien 49 – Projects, 1982. v. 1.]
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977. v. 5.
- MARQUESA D'ALORNA. *Cartas e outros Escritos* citado por DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- MURAKAMI, Ryu citado por DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- OLIVEIRA, Fernanda Carla. A relação entre nomes gerais e pronomes indefinidos na fala mineira. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras, Belo Horizonte*, v. 8, p. 80-97, maio 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/6256>>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- REZENDE, Joffre Marcondes de. Pessoa, indivíduo, sujeito. *Revista de Patologia Tropical*. v. 39, n. 1, p. 69-72, jan./mar. 2010.
- Salvador; Bartolomé Clavero. La máscara de Boecio: antropologías del sujeto entre persona e individuo, teología y derecho. In: *Quaderns florentini: per la storia del pensiero giuridico moderno*. Milão: Giuffrè, 2010. p. 7-40. v. 39.
- TACITUS. In: *The Latin Library*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/tacitus/tac.ann6.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- TRINDADE. In: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

VIARO, Mário Eduardo. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2013.

VIEIRA, Padre Antônio. *Cartas* citado por DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

# Gramaticalização de construções: uma análise de construções modais e aspectuais no Português

Silmara Eliza de Paula Silva

## Considerações iniciais

O pressuposto de que as línguas são dinâmicas e, portanto, sensíveis à mudança é elucidado pelos estudos de gramaticalização. Tais estudos buscam analisar as possíveis mudanças de um item ou construção, procurando explicar as motivações linguísticas que atuaram e/ou atuam no processo de mudança categorial. Nessa perspectiva, vários pesquisadores procuram desenvolver estratégias de pesquisa que expliquem o funcionamento das línguas e como se dão essas mudanças.

A fim de entender e de explicar o curioso funcionamento do verbo *dar* no sistema linguístico, a motivação deste trabalho se deu após o trabalho realizado por Coelho e Silva (2014), no qual verificamos que, ao longo dos séculos, o verbo *dar* mudou de categoria, passando da categoria lexical de predicador, como em “Ele *deu* um carro para a filha”,<sup>1</sup> à categoria gramatical de auxiliar modal, como em “Aquele livro *dá pra ler* em três dias”, e de auxiliar aspectual, como em “Ele *deu pra gritar* de medo”, sem que uma ou outra forma deixasse de existir na língua.

Buscando dar continuidade a este estudo e responder a algumas perguntas ainda em aberto, buscamos, neste trabalho, investigar a seguinte questão: quais são as diferentes motivações que levam a estrutura <sup>V1</sup>DAR + PREPOSIÇÃO + <sup>V2</sup>INFINITIVO a se especializar em diferentes

<sup>1</sup> Os exemplos apresentados que não apresentarem a indicação da fonte devem ser considerados como dados de intuição.

funções, marcando tanto a modalidade como o aspecto verbal na língua portuguesa? Além disso, levantando o conjunto de traços formais e semânticos de ambas as construções e, comparando a sua frequência, tentaremos aferir o grau de gramaticalização de ambas, tendo em vista a seleção dos critérios de auxiliaridade mais frequentes entre os autores (Heine, 1993; Lobato, 1975; Longo, 1990; Longo; Campos, 2002), considerando que quanto maior o número de critérios de auxiliaridade atualizado numa construção, mais gramaticalizada ela estará.

Dessa forma, explorando as generalizações alcançadas por Coelho e Silva (2014) sobre o processo de gramaticalização do verbo *dar*, pretendemos avançar nesse estudo no que diz respeito a uma descrição mais detalhadas de tais formas e na investigação das motivações estruturais e semânticas que diferem as construções modais das aspectuais na língua.

Este artigo também apresenta uma interface com a Gramática de Construções, que afirma que a construção pode ser vista, de maneira geral, como uma associação entre forma e significado, unidades estruturais dotadas de características semânticas as quais não são possíveis de prever a partir de suas partes componentes, mas apenas se considerarmos as relações sintagmáticas estabelecidas entre todos os elementos da estrutura (Goldberg, 1995). Acreditamos que as construções formadas por <sup>V1</sup>DAR + PREPOSIÇÃO + <sup>V2</sup>INFINITIVO possuem essa integração, forma e significado, e não podem ser desmembradas sem que se perca o seu valor como construção. Supomos que essa conexão, ou coesão, presente nas construções, e a interação sintagmática entre seus traços linguísticos e fatores discursivos representam um indício do seu alto grau de gramaticalização (Lehmann (1995 [1982])) e a chave para entender a funcionalidade encabeçada pelo auxiliar *dar*.

Acreditando que este estudo possa contribuir para a melhor descrição do quadro teórico de gramaticalização de construções e buscando entender as motivações que permitem que formas semelhantes gramaticalizadas assumam funções distintas, o que lhes permite exercer diferentes funções discursivas, empreendemos um estudo de natureza diacrônica, tomando como *corpus* dados coletados no sítio do *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira (2006). Os critérios de constituição do *corpus* e de análise dos dados serão detalhados

na seção 2, na descrição da metodologia adotada. Na seção 1, que se apresenta a seguir, discutiremos algumas questões teóricas referentes ao fenômeno da gramaticalização, à categoria modal e à aspectual, temas centrais desta pesquisa. Na terceira e última seção, apresentaremos a análise quantitativa e linguística dos dados, as reflexões empreendidas, seguidas de nossas considerações finais.

## Referencial teórico

A corrente linguística do funcionalismo, que estuda a estrutura gramatical das línguas a partir dos diferentes contextos comunicativos em que elas ocorrem, entre seus diversos estudos, forneceu importantes contribuições aos estudos relacionados à mudança linguística, dentre as quais destacamos o processo de gramaticalização. Concebendo a língua como um instrumento de comunicação e de interação social, os funcionalistas postularam que a língua não poderia ser concebida como um componente autônomo, mas como uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações de comunicação, que acabam por exercer grande influência na estrutura da língua.

Em seus estudos, Lehmann (1995 [1982]) faz um percurso histórico sobre a pesquisa em gramaticalização e nos ensina que o primeiro autor a empregar o termo *gramaticalização* em uma concepção próxima à adotada pelo funcionalismo foi Meillet, introduzindo, também, a ideia de *continuum*, bastante utilizada até hoje para expressar a transição de itens lexicais, *motsprincipaux*, para auxiliares e de outros morfemas com função gramatical, *motsaccessoires*, além de palavras gramaticais, *mots-grammaticales*. Admitindo a gramaticalização como “o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a funcionarem com funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”,<sup>2</sup> Hopper e Traugott (1993) aproximam-se da definição proposta por Kuryłowicz (citado por Castilho, 1997), na qual a gramaticalização é vista como um “processo em que se verifica a ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um

<sup>2</sup> HOPPER; TRAUOTT. *Grammaticalization*, p. 15.

nível menos gramatical para um mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional”.<sup>3</sup>

Em Givón (2001), verificamos a defesa da concepção de que formas gramaticais podem originar formas mais gramaticais ainda. Sobre a trajetória de gramaticalização, o autor (*op. cit.*) afirma que verbos auxiliares podem ser entendidos como representando um estágio morfosintático transitório diacronicamente, um estágio que preenche a lacuna entre os verbos principais, que selecionam argumentos, como o verbo *dar* usado em seu sentido pleno, e os afixos de tempo e de modo e as nuances de aspecto, como é o caso das perífrases aqui investigadas e o que justifica o estudo de natureza diacrônica.

Esse processo de emergência de novas formas e, então, de mudança de formas lexicais para formas gramaticais na língua é dinâmico e sensível às intervenções de seus sujeitos falantes. De acordo com Hopper e Traugott (2003 citado por Veloso, 2007),

não há um caminho único para emergência de novas formas gramaticais, mas há passos que podem ser identificados. Entre estes, a recorrência de certos usos do item lexical em contextos linguísticos altamente específicos, a partir dos quais ele se idiomatizaria numa determinada construção gramatical, cuja erosão morfológica pode ser esperada no curso do tempo.<sup>4</sup>

Assumimos, como Lehmann (1995 [1982]), que ‘a gramaticalização não atinge apenas uma palavra ou morfema, mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas dos elementos em questão’ (tradução nossa).<sup>5</sup> Portanto, nas construções analisadas neste trabalho, no contexto específico de <sup>V1</sup>DAR + P(A)RA + <sup>V2</sup>INFINITIVO, em virtude das relações sintagmáticas estabelecidas entre as partes dessa construção, o verbo *dar* se gramaticaliza tornando-se uma construção, com a qual o falante pode expressar tanto a modalidade de seu discurso, quanto marcar o aspecto verbal, podendo, ainda, ser empregado em seu sentido pleno o qual indica transferência de posse.

<sup>3</sup> CASTILHO. A gramaticalização, p. 29.

<sup>4</sup> CASTILHO. A gramaticalização, p. 100.

<sup>5</sup> “Grammaticalization does not merely seize a word or morpheme [...] but the whole construction formed by the syntagmatic relation of the elements in question.” (LEHMANN. *Thoughts on grammaticalization*, p. 406.)

Ao investigar o valor modal de tais construções, percebemos que muitos estudos, dos mais variados enfoques teóricos, tratam deste assunto, o que lhe confere caráter multidisciplinar. Segundo Lyons (1977), as modalidades linguísticas devem ser investigadas como atitudes proposicionais, ou seja, expressam um julgamento do falante perante a proposição, podendo ser subdivididas em *epistêmica* e em *deôntica*. Givón (2001) define modalidade como uma categoria linguística que “codifica a atitude do falante em relação à proposição”.<sup>6</sup> O modo é expresso morfológicamente no verbo e a modalidade envolve o contexto semântico-pragmático, levando em conta a atitude do falante em relação ao conteúdo daquilo que é enunciado. O autor (*op. cit.*) ainda afirma que, em uma perspectiva funcional, estudiosos como Sweetser (1990), Coates (1995), Givón (2001) e Traugott e Dasher (2005) destacam-se na análise da interpretação da modalidade em seu aspecto deôntico/avaliativo – envolvendo valores como desejo, preferência, intenção, obrigação, manipulação, habilidade – e/ou epistêmico – que envolve valores como verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência.

Para nossa análise, será levada em consideração a modalidade *epistêmica*, de acordo com a definição de Givón (2001), em construções como a apresentada a seguir:

- (1) “O dinheiro nas mãos do Melo chegava para tudo! *Dava para comprar* o objeto e ainda para um troco.” (*Corpus do Português, século XIX, modal, grifos nossos.*)

Nesse exemplo, o verbo *dar* ocorre como *auxiliar modal*, marcando a *modalidade epistêmica*, ou seja, o julgamento do falante em relação ao que está sendo enunciado, como a possibilidade de realização da ação de “comprar”. Ele podia comprar e ainda sobrava dinheiro, evidenciando a capacidade/possibilidade de se realizar a ação.

Como já mencionado, as construções encabeçadas pelo verbo *dar* na língua portuguesa também assumem valor aspectual. Segundo Castilho (1968), o aspecto “é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento”.<sup>7</sup> Tal definição vai ao encontro da proposta de Comrie (1976), que afirma

<sup>6</sup> GIVÓN. *Syntax*, p. 300.

<sup>7</sup> CASTILHO. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, p. 14.

que a categoria aspectual se refere à constituição temporal interna de uma situação, e à de Travaglia (1985 [1981]), que reforça o aspecto como o tempo interno da situação.<sup>8</sup>

Nas perífrases investigadas neste trabalho, verificamos a presença de dois valores aspectuais: o incoativo e o iterativo. Travaglia (1985 [1981]) ensina que o aspecto incoativo, também denominado de inceptivo, indica o ponto de início da ação ou seus primeiros momentos, já o aspecto iterativo indica, segundo Castilho (1968), a repetição da ação verbal, seja ela perfeita seja imperfeita, podendo ser sucessiva ou não, conforme exemplificado em (2) e em (3):

- (2) “Além disso, ultimamente *dera para engordar*, por tal forma que parecia ainda mais baixa e mais desairosa.” (*Corpus do Português*, século XIX, aspectual, grifos nossos.)
- (3) “Via-se a esmolar inteiramente pobre com a filha; outras vezes, *dava para roubar* e era preso como ladrão, condenado às galés e coberto de grilhões.” (*Corpus do Português*, século XIX, aspectual, grifos nosso.)

Observamos nos exemplos acima que, em ambos os casos, temos o início de uma ação – seja ela intencional, como roubar, ou não, como engordar – como também a ideia de repetição da ação. Em (2), não poderíamos dizer, por exemplo, que “ela dera pra engordar 5kg”, pois uma vez definida a quantidade, daríamos como uma ação concluída; no entanto, como há o valor aspectual iterativo, ou seja, a repetição, não podemos precisar a quantidade de quilogramas que o sujeito ganhou. Já em (3) o sujeito ora pedia esmola, ora esmolava. Alternando entre as duas práticas, evidencia-se a iteração. Ele não roubou uma única vez, mas sim repetiu a ação no decorrer do tempo, o que fica evidente pelo uso da expressão no plural “outras vezes”.

Verificamos que, apesar de possuírem estruturas parecidas, as construções modais e aspectuais apresentam traços distintos. Na primeira temos, com predominância, motivações discursivas, já na segunda, além do seu valor discursivo, verificamos o valor cumulativo de aspectos, que é um valor gramatical. Antes de passarmos ao desenvolvimento

<sup>8</sup> É unânime entre os autores a colocação sobre a necessidade de se distinguir as categorias tempo e aspecto. Tempo é uma categoria dêitica, ancorada no tempo da enunciação. Já aspecto é uma categoria não dêitica que marca as fases de duração de uma situação.



dessas intuições, faremos, na próxima seção, a descrição da metodologia adotada.

## Metodologia

Tomando como base o quadro teórico da gramaticalização e da gramática de construções, empreendemos uma pesquisa diacrônica, tomando como *corpus* ocorrências extraídas do banco de dados do *site Corpus do Português*,<sup>9</sup> organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira (2006). Esse banco contém cerca de 45 milhões de palavras em português, reunidas em textos compreendidos entre os séculos XIV a XX, contemplando uma diversidade de tipos e gêneros textuais.<sup>10</sup>

Como o desejo era levantar as ocorrências dos dois tipos de construções selecionadas para o estudo – modal e aspectual – seguimos o procedimento de busca disponível no próprio *site*. Utilizando a ferramenta “lista”, colocamos o verbo *dar*, seguido da preposição “para” e da fórmula para busca de verbo no infinitivo, ambos entre colchetes, para que fossem identificadas todas as construções com essa configuração, conforme se ilustra a seguir: [dar] [para] [v\*]. Por meio desse instrumento de busca, foram identificadas todas as ocorrências do verbo *dar* seguido de preposição e de um verbo no infinitivo. Fizemos duas rodadas de busca, uma com a preposição “para” e outra com a “pra”.

A fim de comparar os dados de três séculos, utilizamos a ferramenta “seleções” e elegemos os séculos XVIII, XIX e XX.<sup>11</sup> Em seguida, selecionamos em “#ocorrências” a opção “1000”, que indica o número de acertos. Os acertos selecionam o tipo de V2 da construção seguido da sua respectiva frequência. Já a opção 1.000 foi escolhida, a fim de flagrar o maior número de ocorrência. O resultado da busca gerou uma planilha numerada de 558 ocorrências,<sup>12</sup> totalizando 778 dados. Retiramos

<sup>9</sup> <http://www.corpusdoportugues.org>

<sup>10</sup> Em 2016 o *corpus* ganhou uma nova interface que apresenta maior facilidade na criação personalizada de buscas de dados. A versão 2008, contudo, ainda se encontra disponível para o usuário.

<sup>11</sup> Os dados do século XX foram aproveitados da pesquisa de Coelho e Silva (2014). Para os demais séculos, fizemos uma nova pesquisa, já que nos demais séculos as referidas autoras não utilizaram a mesma metodologia.

<sup>12</sup> Esse número indica que as construções consultadas não ultrapassam o número de 1000 ocorrências,

em seguida os dados repetidos e aqueles que não representavam nosso objeto de pesquisa,<sup>13</sup> restando, então, 674 *tokens*.

De posse da quantificação e da classificação de dados, *tokens*, para cada *type*, modal e aspectual, referente a cada século, XVIII, XIX e XX, passamos à normalização da frequência. Como cada século possui uma quantidade distinta de palavras, a fim de que os dados pudessem ser comparados, as ocorrências nos três séculos foram normalizadas por 1.000.<sup>14</sup> A normalização é um procedimento que permite que as frequências compartilhem o mesmo parâmetro de comparação e é feita da seguinte maneira: divide-se o número de frequência pelo número de palavras do século e o resultado é multiplicado por 1.000. Dessa forma, no século XIX, por exemplo, apareceram 24 ocorrências de construções modais, tendo a frequência normalizada para 2,47. Em suma, se cada um dos corpora tivesse apenas 1.000 palavras, a construção modal teria ocorrido cerca de duas vezes no século XIX.

Considerando que os objetivos do estudo consistiam em aferir o grau de gramaticalização das construções modais em comparação com as construções aspectuais, além de verificar as motivações para a incorporação de modalidade e do aspecto em tais perífrases, passamos, motivados pela metodologia adotada por Fonseca (2010),<sup>15</sup> à análise da construção <sup>V1</sup>DAR + P(A)RA + <sup>V2</sup>INFINITIVO, no que diz respeito aos (i) critérios de frequência *token* e *type* da construção – pressuposto da gramaticalização de que formas mais gramaticalizadas se tornem mais frequentes no discurso

abarcando este trabalhando todas as ocorrências do *corpus* que seguem a forma [DAR] + PARA + <sup>V</sup>INFINITIVO.

<sup>13</sup> Além de usos lexicais, como “Traz você aí alguma coisa que me queira dar para comer?” e pronomes demonstrativos, como “em a gente ia a um sítio destes para gozar um bocado de poesia”, também retiramos as ocorrências repetidas, a fim de tornarem os resultados o mais representativos possível.

<sup>14</sup> Optou-se por 1000 por ser a mesma metodologia adotada pelo *Corpus do Português* e para facilitar a leitura dos dados.

<sup>15</sup> Fonseca (2010), ao trabalhar com a construção de *ir* + *infinitivo* sob o ponto de vista da gramaticalização, a partir das funções identificadas, relacionou os graus de gramaticalidade da perífrase com a escala universal de gramaticalização das categorias verbais flexionais do complexo TAM (Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade), comprovando a hipótese de que a escala de gramaticalização de *ir* + *infinitivo* obedece à ordem “universal” dos morfemas verbais flexionais como postulado em Bybee (1985).

e apresentem um número maior de funções (Bybee, 2003), – e aos (ii) critérios de auxiliaridade (Heine, 1993; Lobato, 1975; Longo, 1990; Longo e Campos, 2002), os quais permitem estabelecer o grau de conexidade (Lehmann, 1995 [1982]) entre os elementos que compõem uma construção verbal perifrástica, considerando que um maior número de critérios de auxiliaridade atualizado numa construção denuncie uma construção mais gramaticalizada. Dessa forma, com base em Fonseca (2010), foram selecionados os dez critérios mais frequentes entre os autores, os quais listamos a seguir:

1. Inseparabilidade na perífrase (prosódica sintática e semântica): perífrases mais ligadas e, conseqüentemente mais gramaticalizadas, não são separadas por nenhum tipo de material interveniente;
2. Detematização (sem propriedade de predicação): o auxiliar se detematiza, ou seja, perde a propriedade de atribuir funções semânticas aos elementos nominais com que se combina;
3. Incidência da negação sobre a perífrase: a negação deve incidir sobre o grupo verbal e não entre ele;
4. Restrição paradigmática (defectividade): todo auxiliar é defectivo: não admite participio passado e o imperativo;
5. Frequência alta;
6. Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase: o circunstante deve incidir sobre o complexo unitário AUX + VERBO;
7. Impossibilidade de desdobramento da oração: como os verbos auxiliares não constituem, por si só, núcleos de sintagmas verbais, formando com a base um grupo indissociável, não temos auxiliaridade se for possível desmembrar o grupo em dois núcleos de orações;
8. Critério da apassivização: o verbo é auxiliar quando a transformação de uma frase ativa em passiva o inclui na mudança estrutural, isto é, o argumento sujeito da passiva é sujeito do complexo verbal como um todo, mantendo-se a equivalência semântica entre as frases;
9. Recursividade (coocorrência com a mesma raiz): possibilidade de coocorrência da mesma raiz verbal no verbo auxiliar e no verbo em auxílio. Se a recursividade for positiva, a perífrase estará mais gramaticalizada do que as que não admitem a recursividade;
10. Oposição a uma forma simples correspondente: todo grupo verbal com auxiliar prototípico contém sua contraparte na forma simples.

Bybee (1985) apresenta, por meio de um estudo tipológico, o comportamento das categorias flexionais *Valência*, *Voz*, *Aspecto*, *Tempo*, *Modo* e *Concordância*, analisando a frequência dessas categorias nas línguas do mundo, sua ordenação e efeitos em relação ao radical. Dentre as categorias abordadas pela autora, focando nas categorias de aspecto

e modo, que estão intrinsecamente relacionadas ao nosso estudo, aplicamos seus postulados à análise das construções modais e aspectuais, uma vez que o Auxiliar tem um comportamento funcional muito semelhante ao dos morfemas flexionais, sendo os responsáveis por toda a marcação morfológica do grupo verbal. De acordo com a Bybee (1985), a categoria verbal Aspecto refere-se exclusivamente a uma ação ou estado descrito pelo verbo, não afeta os participantes nem se refere a eles. A categoria Modo/Modalidade tem a proposição em seu escopo, não modifica apenas o verbo e, por expressar a atitude do falante, não tem uma relação direta com a situação descrita pelo verbo, o que faz do modo uma categoria menos relevante. Considerando a relevância de tais categorias, Hengeveld (2010) nos fornece a seguinte nota:

A hipótese de Traugott (1982) é a de que a gramaticalização segue do "menos pessoal" para o "mais pessoal"; Bybee (1985) hipotetiza que a gramaticalização segue do que é "mais relevante" para o que é "menos relevante" para o verbo.<sup>16</sup>

A interpretação e a discussão dos dados serão apresentadas na seção subsequente.

## **Apresentação e análise dos dados**

Em relação às construções gramaticais, o *corpus* apresenta uma frequência relativamente alta de construções gramaticais, ou seja, expressões construídas por uma sequência sintática relativamente fixa. Uma das construções gramaticais mais recorrentes é aquela que classificamos como modais. Nesse tipo de construção, o verbo *dar* pode ser usado em substituição a *ser possível* ou *poder*, sendo, portanto, a indicação da capacidade ou da competência.

Encontramos também as construções aspectuais que, apesar de manterem a estrutura sintática semelhante à das construções modais, apresentam significado distinto dos modalizadores apresentados anteriormente. Essas construções, as quais denominamos aspectuais, são formadas, em sua maioria, por verbo auxiliar no passado e sujeito simples e composto. Vejamos a seguir exemplos de construções gramaticais modais (4) e aspectuais (5):

<sup>16</sup> FONSECA. *A perífrase verbal ir + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*, p. 77.

- (4) "O que lhe valia é que, ao menos, *davam para construir* e reconstruir os seus admiráveis planos de vida." (*Corpus do Português*, século XIX, aspectual, grifos nossos.)
- (5) "Que disse eu? – perguntou Margarida, com perturbação. – Alguma coisa, algumas palavras soltas, certo nome, de que eu ao princípio fiz pouco ou nenhum caso, mas em que depois me *deu para cismar*. E tanto cismei, e tanto cismei, que afinal descobri, minha pobre Guida.. – O quê? – Que esse teu coração não era, por fim, o que se supunha.

(*Corpus do Português*, século XIX, aspectual, grifos nossos.)

A criação de construções modais, como em (4), provém da necessidade do falante de marcar a sua avaliação em relação ao enunciado proposto. No nosso *corpus*, elas apresentam, geralmente, uma oração subjetiva como sujeito da oração principal ou apresentavam sujeito indeterminado. Observamos que a construção (5), aspectual, marca tanto o início como a repetição da ação de *cismar*. Ela poderia ser parafraseada pela expressão *começou a*, seguida da frase iniciada por <sup>V1</sup>INFINITIVO, indicando o início da ação. Já o valor aspectual iterativo, é reforçado pela expressão "E tanto cismei, e tanto cismei", indicando a repetição da ação no tempo.

Sendo objetivo deste trabalho aferir o grau de gramaticalização de cada uma das construções formadas por <sup>V1</sup>DAR + P(A)RA + <sup>V2</sup>INFINITIVO, levando em conta o critério frequência *token* e *type*, contabilizamos o número total de ocorrências das construções de (frequência *token*) bem como a frequência das diferentes funções identificadas (frequência *type*) em nosso *corpus*, modais e aspectuais, em cada um dos séculos selecionados para este estudo, XVIII, XIX e XX. A quantificação de nossos dados pode ser verificada na Tabela 1 a seguir:

**Tabela 1 – Frequência diacrônica das construções modais e aspectuais**

Categoria	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Modal	0%	2,5 (32,9%)	25,9 (87,8%)
Aspectual	0,45 (100%)	5,1 (67,1%)	3,6 (12,2%)
Total	0,45	7,6	29,5

Fonte: Dados coletados.

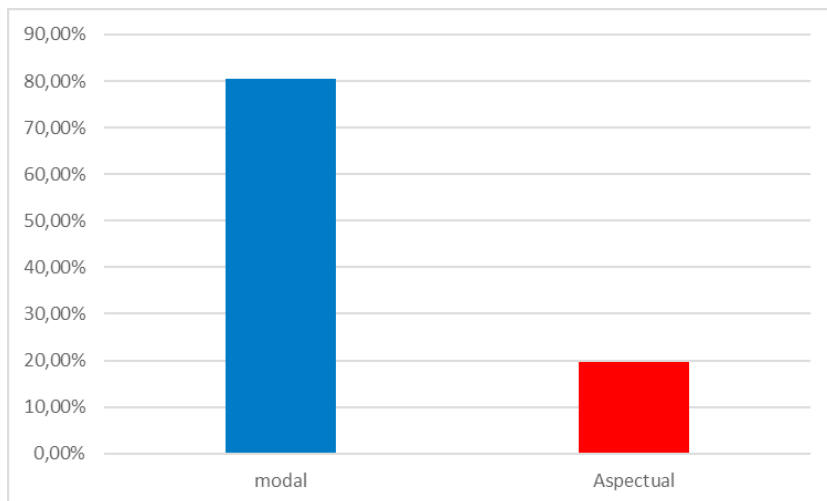
Os dados computados<sup>17</sup> demonstram que a construção aspectual é registrada no português desde o século XVIII, antes da forma modal,

<sup>17</sup> Para a normalização dos dados, levaram-se em conta os seguintes tamanhos dos corpora em cada século: XVIII, 2,2; XIX, 9,7; XX, 20,7.

e que no século XIX ela apresenta, ainda, uma frequência maior que a forma modal, sofrendo uma queda no século XX. No tocante à construção modal, começa a ocorrer no século XIX, mas é no século XX que apresenta um considerável aumento. O fato de as construções aspectuais serem identificadas na língua portuguesa desde o século XVIII, mesmo que com modesta frequência, demonstra que essa construção sintática aspectual apresenta alguma tradição na língua, sugerindo ser anterior à construção modal. Além disso, o brusco aumento de frequência da forma modal indica que a forma não está estável no sistema, podendo estar passando por algum processo de concorrência como, por exemplo, com a forma "ser + possível", conforme já levantado.

Considerando apenas o critério frequência, tendo em vista a comparação entre os dois *types*, a função modal seria a mais gramaticalizada e a função aspectual a menos gramaticalizada, conforme se verifica no Gráfico 1:

**Gráfico 1: Análise comparativa entre frequência total por type**

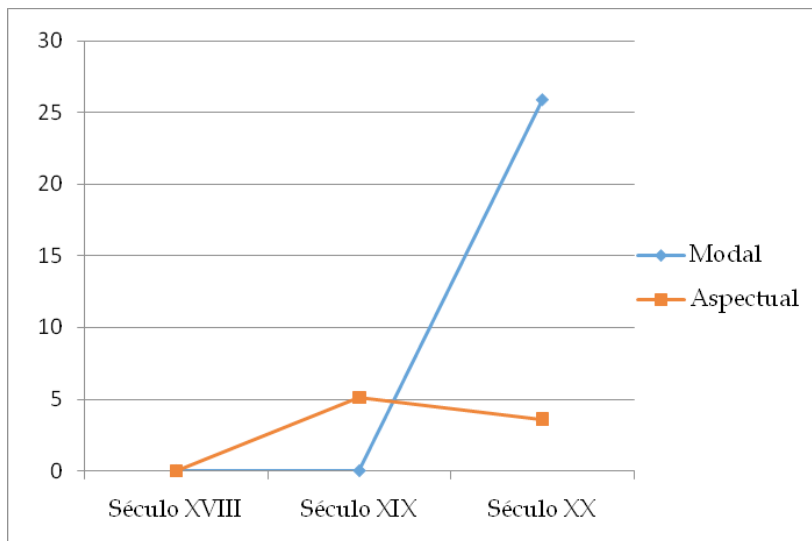


Fonte: Dados coletados.

No entanto, como a gramaticalização leva em conta diversos fatores e não apenas a frequências geral de um item, considerando o critério *frequência*, em decorrência do tempo, a forma aspectual seria a mais

gramaticalizada, uma vez que, além de ser anterior à forma modal, apresenta maior estabilidade no sistema no decorrer do tempo. A seguir, no Gráfico 2, chamamos a atenção para uma mudança significativa no sistema no século XIX:

**Gráfico 2: Análise comparativa entre frequência modal e aspectual por século**



Fonte: Dados coletados.

Observamos que, no século XIX, parece ocorrer alguma interferência que eleva consideravelmente a frequência da construção modal. Já a forma aspectual sofre uma pequena queda, que pode ter sido motivada pela entrada de outras formas marcadoras de aspecto cumulativo. Como parecem ter se gramaticalizado em séculos distintos, os auxiliares modais e os aspectuais se difundem assimetricamente na língua. Isso pode indicar tanto uma tendência da amostragem quanto sinalizar que o estágio de gramaticalização do auxiliar modal é posterior, tendo em vista sua frequência no decorrer do tempo.

Para medirmos o grau de conexão entre as construções *modais* e *aspectuais*, aplicamos os critérios de auxiliabilidade, conforme metodologia sugerida por Fonseca (2010), às ocorrências prototípicas de cada *type*.

Quanto maior o número de critérios atualizados, maior o grau de conexão e, portanto, maior o grau de gramaticalização do *type*. Tomaremos como base as ocorrências prototípicas a seguir selecionadas do *Corpus do Português*:

<b>Modal</b>	<b>Aspectual</b>
"O dinheiro nas mãos do Melo chegava para tudo! <i>Dava para comprar</i> o objeto e ainda para um troco"	"O sujeito já <i>deu pra beber</i> , está jogando, e, tolo, bem tolo, vendeu-se a supi"

Cruzando a lista dos dez critérios de auxiliaridade comuns entre os autores que discutem o assunto, conforme proposto por Fonseca (*op. cit.*), chegamos ao seguinte resultado:

### **Quadro 1 – Critérios de auxiliaridade das construções modais e aspectuais**

<b>Critérios de Auxiliaridade</b>	<b>Ocorrências prototípicas dos types de <sup>V</sup>DAR + P(A)RA + <sup>V</sup>INFINITO</b>	
	<b>Modais</b>	<b>Aspectuais</b>
1) Inseparabilidade na perífrase (prosódica sintática e semântica)	-	+
2) Detematização (sem propriedade de predicação)	+	+
3) Incidência da negação sobre a perífrase	-	+
4) Restrição paradigmática (defectividade)	-	+
5) Frequência alta	+	-
6) Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	+	+
7) Impossibilidade de desdobramento da oração	-	-
8) Critério da apassivização	-	-
9) Recursividade (coocorrência com a mesma raiz)	+	+
10) Oposição a uma forma simples correspondente.	-	-
<i>Grau de gramaticalidade</i>	4	6

Fonte: adaptado de Fonseca (2010).

Em relação ao critério 1, observamos que as perífrases modais permitem a intercalação do sujeito após a preposição, como em "dava para ele comprar o objeto, mas ele preferiu não comprar", mas não podemos dizer "dava pra ele beber constantemente", conservando o seu duplo



valor aspectual. Em relação ao critério 2, em ambas as construções, o verbo auxiliar perdeu a propriedade de atribuir funções semânticas, propriedade típica do seu uso como verbo lexical. O critério 3 prevê que a negação deve incidir sobre o grupo verbal e não entre ele e os elementos da construção. Encontramos no *corpus* construções modais com a incidência de negação, como em “não dava para comprar o objeto” ou “dava para comprar o objeto com apenas esse dinheiro não”. Sendo a modalidade um ponto de vista do falante em relação à determinada informação, ele pode negar ou afirmar determinada sentença, o que não ocorre com as construções aspectuais. Isso, a nosso ver, é um indício de maior restrição sintagmática dessas construções, que só ocorrem em contextos positivos. De acordo com o critério 4, restrição paradigmática, todo auxiliar é defectivo. As perífrases modais ocorrem em todos os tempos verbais: passado, presente e futuro. Podemos dizer “Dava pra comprar o objeto ontem”, “Dá para comprar o objeto hoje” e “Dará para comprar o objeto amanhã” ou “Vai dar pra comprar o objeto amanhã”. Já as construções aspectuais ocorrem, preferencialmente, no passado e no presente, não ocorrendo, em nenhum dos casos encontrados, no futuro. Geralmente, construções aspectuais são encontradas na fala de um sujeito “x” que relata o início e a repetição de uma determinada ação de um sujeito “y”, mas não temos o ponto final dessa ação, o que reforça o seu aspecto imperfectivo. Portanto, classificamos a construção aspectual como mais restritiva paradigmaticamente. Em relação ao critério 5, frequência, o *corpus* analisado mostra que a construção modal apresenta uma frequência total maior que a construção aspectual, no entanto, como já discutido acima, levando em consideração a mudança no decorrer do tempo, verificamos que, além de ter surgido antes da construção modal, a construção aspectual apresenta, também, uma maior estabilidade, apresentando discreto decréscimo se comparado com o forte crescimento do modal com o passar dos séculos. Além disso, as construções aspectuais carregam mais informações que as construções modais. Além do aspecto incoativo, também verificamos a presença do aspecto iterativo. Essa especialização faz com que a variedade de escolhas se estreite, o que justifica a sua baixa frequência em relação ao modal, que possui muito menos exigências formais e semânticas, atingindo significados semânticos mais

gerais. No que diz respeito à incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase, critério 6, o circunstante temporal deve incidir sobre toda a construção. Ambas as construções permitem essa composição. Veja que podemos dizer tanto “*Já dá pra comprar o objeto*”, indicando a possibilidade, como “*O sujeito já deu pra beber*”, indicando seu valor aspectual. As construções modais e aspectuais formam, com a base, um grupo indissociável, e ambos os auxiliares não constituem, por si só, núcleos de sintagmas verbais. Além disso, nenhuma das duas construções pode ser apassivada, recebendo, portanto, nos critérios 7 e 8, marcação negativa nesses quesitos.

Em relação à recursividade, Longo e Campos (2002) alertam para o fato de que:

Um verbo poder incidir sobre uma base idêntica é indício de que os falantes não sentem o verbo auxiliar e a base como sinônimos, e de que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo valor gramatical [...] a recursividade evidenciaria alto grau de gramaticalização.<sup>18</sup>

É importante notar que a formação de predicado complexo com o verbo *dar*, na posição de auxiliar e de principal, é possível em ambas as construções, como em “*Deu pra dar presente pras crianças no natal*”, se analisada como modal, e “*Agora ele deu pra dar uma cochilada à tarde*”, se analisada como aspectual. Nessas construções, os verbos só têm seu significado pleno quando ocupam a posição de verbo principal. Apesar de acreditarmos que a recursividade seja mais frequente com as construções aspectuais do que com as modais, ambas receberam valor avaliação positiva neste critério.

Sobre o último critério, oposição a uma forma simples correspondente, não há, para ambas as construções, uma forma simples correspondente que seja uma variante. No entanto, a frase “*Dava para comprar um objeto*”, como já mencionado, pode ser parafraseada como “*Foi possível comprar um objeto*”, traduzindo, dessa forma, o mesmo valor de verdade da sentença modal com o verbo *dar*. A construção aspectual

<sup>18</sup> LONGO; CAMPOS. A auxiliariade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado, p. 472.

“Traugott’s (1982) hypothesis that grammaticalization is from ‘less personal’ to ‘more personal’; Bybee’s (1985) hypothesis that grammaticalization is from ‘more relevant’ to ‘less relevant’ to the verb.”

não pode ser, como a modal, facilmente parafraseada. Para parafrasear a ideia de uma construção aspectual do tipo “O sujeito já deu para beber”, gastaríamos muito mais esforços, sendo praticamente impossível, já que teríamos que construir duas frases para expressar os diferentes valores aspectuais. Acreditamos, portanto, que o critério 10 não seja um critério que auxilie na aferição do grau de gramaticalidade no caso das construções aqui analisadas, o que não quer dizer que não sirva para aferir o grau de outros tipos de construções.

## Considerações finais

Pretendendo descrever as funcionalidades presentes na construção <sup>V1</sup>DAR + P(A)RA + <sup>V2</sup>INFINITIVO e as motivações semânticas e sintática que levaram a referida construção a marcar tanto a modalidade como o aspecto, empreendemos, tendo em vista a linguística de *corpus*, uma pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo que nos permitiu estabelecer a distinção entre as duas perífrases, assim como aferir o grau de gramaticalização de ambas, motivada pela metodologia adotada por Fonseca (2010). Os resultados da análise levaram a uma distinção entre tais categorias, modal e aspectual, que indica que a construção aspectual, apesar de menos frequente devido a sua especialização e a outros fatores, apresenta maior grau de gramaticalização em comparação com a construção modal, que apesar de alta frequência total, apresenta menos traços de gramaticalidade, conforme proposto por Fonseca (2010), com base nos preceitos de Heine *et al* (1993).

Verificamos que as construções aspectuais estão em um estágio mais avançado de gramaticalização em relação às construções modais, não obedecendo, portanto, à ordem “universal” dos morfemas verbais flexionais como postulado em Bybee (1985). Dessa forma, considerando que a construção modal é uma categoria do discurso e que não exige, necessariamente, um sujeito, e que a construção aspectual é mais antiga na língua exigindo, necessariamente, um sujeito, os resultados vão de encontro à hipótese de Traugott (1982) de que a gramaticalização segue o percurso do “menos pessoal” para o “mais pessoal”, sendo a categoria aspectual, portanto, mais gramatical que a categoria modal, resultado também aventado no trabalho de Coelho e Silva (2014).

Estamos conscientes de que as intuições aqui apresentadas são ainda bastante embrionárias. Ainda nos restam outros desafios como uma descrição mais detalhada dos verbos que ocupam a posição de verbo principal, o V2, assim como descrição da categoria *tempo*, pouco mencionada neste trabalho, de uma investigação a respeito dos traços semânticos presentes nos elementos de tais construções, dentre outros questionamentos. Além disso, o levantamento de dados nos permitiu hipotetizar a ocorrência de algum fenômeno no século XIX que levou a um crescente aumento das construções modais. Por fim, esperamos que este trabalho funcione como uma alavanca para estudos futuros e que contribua com a descrição dos verbos auxiliares no português de forma geral.

Mestranda em estudos linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: silmara.eliza@gmail.com

## Referências

- BYBEE, Joan L. Mechanisms of change in Grammaticization: The Role of Frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard (Ed.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackell, 2003. p. 602-623.
- BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985. (Typological Studies in Language, 9)
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador, n. 19, p. 25-63, mar. 1997.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Orientador: Theodoro Henrique Maurer Junior. 1968, 135 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Marília, 1968.
- COATES, Jennifer. The expression of root and epistemic possibility in English. In: BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, Suzanne (Ed.). *Modality in Grammar Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 56-66.
- COELHO, Sueli Maria. A gramaticalização das formas verbais (a)garrar, danar, desandar e desatar para expressão das categorias aspectuais incoativa, cursiva e iterativa na Língua Portuguesa. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 12, n. 22, p. 1-24, 2014.
- COELHO, Sueli Maria; SILVA, Silmara Eliza de Paula. O *continuum* de gramaticalização do verbo DAR: de predicador a auxiliar. Belo Horizonte, *Revista Scripta*, v. 18, n. 34, p. 23-40, 2014.
- COMRIE, Bernard. *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. (Cambridge Textbooks in Linguistics)
- DAVIES, Mark. FERREIRA, Michael. *Corpus do Português*. 45 milhões de palavras, 1300s-1900s. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

- FONSECA, Ana Maria Hernandez da. *A perífrase verbal ir + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.
- GIVÓN, T. *Syntax*. An Introduction. 2. ed. rev. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001. (v. 1, 2)
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
- HENGVELD, Kess. The grammaticalization of tense and aspect. In: HEINE, Bernd.; NARROG, Heiko (Ed.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 577-591.
- HOPPER, Paul J., TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. [1993]
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. 2. ed. Munique: Lincom Europa, 1995. (Lincom studies in theoretical linguistics) [LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien 49 – Projects, 1982. v. 1.]
- LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: Critérios de auxiliaridade. In: \_\_\_\_\_. *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.
- LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira, CAMPOS, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (Org.). *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497.
- LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. *A auxiliaridade e a expressão do tempo em português*. 1990. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística). 234 f. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1990.
- LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- SWEETSER, Eve E. Modality. In: \_\_\_\_\_. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 49-75.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. The development of modal verbs. In: \_\_\_\_\_. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 105-151. (Cambridge Studies in Linguistics)
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 2. ed. Uberlândia: Imprensa Universitária, 1985.
- VELLOSO, Mônica Monken. *Um estudo da idiomatização da construção modal com o verbo DAR no português do Brasil*. 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.



# Da carta de Caminha ao português brasileiro: um estudo do processo de gramaticalização de *para*

Elizete de Aguiar Miranda

## Considerações iniciais

Desde os parâmetros propostos por Lehmann (1982) para identificar os graus de gramaticalização de uma forma, os estudos de gramaticalização vêm se desenvolvendo e se ampliando, principalmente buscando explicar por que uma forma é mais ou menos gramaticalizada. Nesse viés, Heine (1991) levanta sete hipóteses que podem servir como uma espécie de descoberta para o estabelecimento de graus relativos ao conceito de gramaticalização, levando em conta os parâmetros fonéticos e morfosintáticos na tentativa de decidir se a categoria *x* é mais gramaticalizada que a categoria *y*.

Neste estudo, assumimos a hipótese de que a forma *para* ora estabelece uma relação sintática de preposição, ora de conjunção, o que pode se adequar em alguns parâmetros propostos por Hopper (1991), como o princípio da estratificação, que consiste na coexistência das formas, no léxico e na gramática. Algumas hipóteses propostas por Heine (1991) também se mostram relevantes nesse contexto, como é o caso do critério da etimologia, segundo o qual uma categoria é mais gramatical que a outra se ela for, etimologicamente, mais abstrata porque derivada da outra. Outra hipótese que se relaciona a nosso objeto de estudo é o princípio da relação: preposição relaciona palavras e conjunção relaciona termos, sintagmas e orações, como nos exemplos:

- (1) Comprei um livro *para* Maria. (*Para* preposição que relaciona os termos "livro" com o destinatário "Maria".)

(2) Fiquei em casa *para* estudar. (*Para* conjunção de finalidade que relaciona as orações “fiquei em casa” e “estudar”.)

Assim posto, nosso objetivo neste artigo é o de investigar, com base nas vertentes de estudos propostas por Hopper (1991) e por Heine (1991), o processo de mudança da forma *para* em suas possíveis funções gramaticais, ora preposição, ora conjunção, ou seja, como a mesma forma muda de categoria e continua coexistindo na língua e na gramática passando de um item gramatical para outro item mais gramatical. O fato de uma forma ter mudado de uma categoria lexical para uma categoria mais gramatical não impede que ela esteja sujeita a outros processos de mudança categorial, conforme descrito no princípio da divergência já proposto por Hopper (1991). Assim, nosso desafio é descrever os motivos semânticos e sintáticos que propiciaram tais mudanças, bem como traçar nos séculos investigados a frequência de cada item por categoria gramatical.

Dessa forma, na primeira seção do artigo, trazemos concepções do termo *gramaticalização* que mais dialogam com a nossa proposta, como os estudos de Lehmann (1982), de Heine (1991) e os de Hopper e Traugott (1991, 1993). Na segunda seção, dedicamo-nos de forma mais específica à descrição metodológica e à escolha do tema abordado nos estudos sobre processos de gramaticalização, destacando as contribuições dessa vinculação para a pesquisa da língua em uso. A terceira seção é dedicada principalmente à análise dos dados coletados em duas amostras linguísticas: “A carta de Pero Vaz de Caminha” (século XVI) e *Corpus do Português* (séculos XIX e XX). Por fim, na quarta seção, trazemos as considerações finais dos resultados de nosso estudo sobre os diversos usos do item *para* a partir do aparato teórico aqui apresentado, bem como as possíveis contribuições para o campo da linguística descritiva.

## **Gramaticalização: pressupostos teóricos**

Levando em conta que os estudos sobre gramaticalização não são tão recentes na literatura, percebe-se que há convergências e ampliações de pesquisas nessa área. Nesse sentido, selecionamos neste artigo uma explanação geral desses estudos. Assim, escolhemos um conceito de



gramaticalização que mais dialoga com nosso objeto de estudo e com os nossos objetivos.

Segundo Lehman (1982), Antoine Meillet, em 1912, cunhou pela primeira vez o termo “gramaticalização” para se referir à evolução das formas gramaticais e sugeriu que as palavras não são as únicas fontes de expressão gramatical, já que a mudança em sua ordem também pode interferir. Essa mudança na ordem das palavras remete ao processo de reanálise, ou seja, opera ao longo do eixo sintagmático das estruturas constituintes de maneira linear, não cria novas formas, mas as amplia no eixo sintagmático.

Ainda de acordo com Lehman (1982), em seguida, Edward Sapir (1921) amplia esse conceito ao mencionar que as palavras têm um poder de acordo com a ordem que ocupam. Para Hopper e Traugott (1993), o mecanismo mais relevante no processo de gramaticalização é o de reanálise, pois ocorre na mudança de sentido de um termo, podendo mudar de categoria gramatical, admitindo um efeito linear, sintagmático, muitas vezes local, reorganiza regras, cria novas estruturas gramaticais. Um lexema pode nascer de outro ou mudar o sentido de acordo com o contexto morfosintático ou semântico. Nesse sentido, percebemos que há uma expansão dos estudos da gramaticalização por vários autores, mas que se aproximam no sentido de mostrar que a tipologia gramatical está diretamente associada à evolução das formas gramaticais.

Outra colaboração conceitual relevante para nosso estudo consiste na descategorização, que, segundo propôs Hopper (1991), é a mudança de categoria. É normalmente o caso de gramaticalização em que substantivos e verbos mudam sua categoria dentro das construções e se movem ou criam novas categorias, mais gramaticalizadas. Por exemplo, quando o substantivo perde suas características nominais, torna-se parte de uma preposição complexa. Conforme Hopper (1991 citado por Bybee, 2003), um substantivo dentro de uma preposição complexa em inglês tende a perder a capacidade de ser plural, a ser modificado com um advérbio, para tomar uma variedade de determinantes, e ocorre livremente com outras preposições. Como veremos, o item *para* como preposição pode ter mudado de categoria dentro de construções semânticas e sintáticas, passando a uma nova categoria, a conjunção, sem que a primeira caísse

em desuso. Alguns exemplos do nosso *corpus* servem para ilustrar tais usos:

- (1) O menino com febre e ele o abraçando *para* vencer o frio com seu próprio calor.  
(Séc. XX)
- (2) Avança um pouco, apanha o rifle e com lentidão se dirige *para* a porta de Cajuango. – É o seu rifle, ele diz. (Séc. XIX)
- (3) Fez o Capitão suas diligências *para* o achar a umas e a outras partes e não apareceu mais. (Séc. XVI, Carta de Pero Vaz de Caminha, p. 15)

Nos exemplos (3) e (5), temos o item *para* na função de conjunção, relacionando orações no sentido de finalidade. Como nosso estudo envolve o processo de gramaticalização do item lexical *para* em seu contexto de unir dois termos (cf. 4) ou duas orações, vimos a relevância de aludir nesta seção a uma reflexão proposta por Hopper e Traugott (1993):

Se a gramaticalização é definida de forma ampla de maneira a incluir as motivações e o desenvolvimento de estruturas gramaticais em geral, então processos de combinação de orações claramente inserem-se em seu domínio.<sup>1</sup>

Além do princípio da *etimologia* proposto por Heine (1981) e o da *estratificação* apresentado por Hopper (1991), é necessária uma revisão de mais uma das cinco proposições de Hopper (1991), que será útil para a nossa análise. Trata-se, do princípio da *divergência*, que consiste na seguinte situação: quando um item lexical sofre gramaticalização, por exemplo, um auxiliar, um clítico ou um afixo, a forma original pode permanecer na língua como uma forma lexical autônoma, podendo, além disso, submeter-se às mesmas mudanças pelas quais venham a passar outro item qualquer de sua nova categoria. Consequentemente, temos a coexistência de duas formas com a mesma origem etimológica, mas com funções gramaticais diferentes, o que se relaciona com o nosso estudo do item *para* com função de preposição ou com função de conjunção.

## **Descrição dos procedimentos metodológicos**

Conforme explicitado na primeira parte deste texto, escolhemos trabalhar com o item *para*, adotando uma perspectiva diacrônica, pois, segundo Coelho (2013), no que diz respeito ao processo de mudança linguística, a

<sup>1</sup> HOPPER; TRAUOGOTT. *Gramaticalization*, p. 168.

perspectiva diacrônica pode assumir um lugar privilegiado, pois algumas mudanças se processam de forma bem mais lenta, fazendo com que seus efeitos denotem alterações mais profundas e sensíveis, impondo um novo parâmetro. Para isso, utilizamos como *corpus* o texto “A carta de Pero Vaz de Caminha”, representando o uso da língua no século XVI. Além de ser um documento histórico importante para a formação da literatura brasileira, trata-se de um texto do gênero crônica,<sup>2</sup> uma narrativa que serve para marcar os registros do PB.

Selecionamos também ocorrências extraídas do banco de dados do sítio *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira (2006). Esse banco de dados compõe-se de mais de quarenta e cinco milhões de palavras e contempla uma diversidade de gêneros e de tipos textuais produzidos no período compreendido entre os séculos XIV e XX. A plataforma permite ao pesquisador selecionar, de acordo com as necessidades da pesquisa, gêneros textuais orais de textos ficcionais, de textos jornalísticos e de textos acadêmicos; modalidade da língua portuguesa: português europeu e português brasileiro; por fim, o tempo, pois reúne textos escritos do século XIV ao século XX. Esses recursos se mostraram adequados para os propósitos deste estudo por contemplarem dados do PB.

Por questões metodológicas e para um melhor recorte do *corpus*, buscamos equiparar o número de palavras de cada período. Assim, devido ao fato de “A carta de Pero Vaz de Caminha” ter 7.770 palavras, selecionamos, entre os séculos em estudo no banco de dados do *Corpus do Português*, as primeiras páginas de cada um, de modo que somasse o número equivalente a esse número de palavras. Como não era nosso objetivo neste estudo traçar a curva da mudança, transpusemos alguns séculos, passando, na sequência, para amostras dos séculos XIX e XX, nas quais buscamos aproximar o número de palavras da carta de Caminha. Assim, para o século XIX e para o século XX, somamos as 15 primeiras páginas do banco de dados, o que foi equivalente a 7.654 para o século

<sup>2</sup> Entende-se aqui *crônica*, conforme postulado por Candido (1992), no velho sentido da palavra, é a carta de Pero Vaz de Caminha, o escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, que relata ao rei D. Manuel os lances da descoberta do Brasil em 1500. Ou seja, se comportou como um cronista, flagrou o presente, na medida em que seu relato é contemporâneo dos acontecimentos que narra.

XIX e a 7.631 para o século XX. Por considerar a recorrência do item em estudo nos períodos estudados, a opção por flagrar esses períodos parte do objetivo inicial de verificar o percurso de mudança gramatical do item *para*, buscando saber se uma categoria migrou-se para outra, ou seja, de preposição a conjunção.

Após selecionado o *corpus* da pesquisa, iniciamos o processo de categorização dos dados, dividindo essas ocorrências em duas classes gramaticais, que aqui chamaremos categorias gramaticais. De acordo com o contexto flagrado, pesquisamos os conceitos de preposição e de conjunção sob dois modelos teóricos: os da gramática prescritiva ou normativa que, segundo Silva (2002), explicita as regras determinadas para uma língua qualquer; e os da gramática descritiva, que tem por objetivo descrever as observações linguísticas atestadas entre os falantes de uma determinada língua, ou seja, busca-se estudar uma língua tal como ela se manifesta no momento da descrição.

Sistematizados esses conceitos, passemos para os pressupostos teóricos sobre gramaticalização. Iniciemos pelo critério da frequência para verificarmos a recorrência de uma categoria em um determinado período, utilizando a análise sintática e semântica das formas. Assim como evidenciado em Lehmann (1982) e proposto por Meillet (1912), um lexema pode nascer de outro ou mudar o sentido de acordo como o contexto gramatical, o que, posteriormente, amplia Sapir (1921 citado por Lehmann, 1982), ao mencionar que as palavras têm um poder de acordo com a ordem que ocupam, ou seja, a gramaticalização ocorre na mudança de sentido de um termo, podendo mudar de categoria gramatical.

## **Apresentação e análise dos dados**

Conforme explicitado anteriormente, trabalhamos com um *corpus* restrito a um período que compreende três séculos, XVI, XIX e XX (a opção por não selecionarmos os séculos XVII e XVIII se deve ao fato de analisarmos o marco inicial do PB no século XVI e o final no século XX), com a frequência do item *para*, ora preposição, ora conjunção. Por isso, vimos a necessidade da tentativa, em primeiro momento, da conceituação dessas categorias. Baseamo-nos, sobretudo, nos trabalhos de Cunha e Cintra (2007), de Bechara (2011), e de Bagno (2011). Em seguida, voltaremos

para a análise do nosso *corpus*, com o objetivo de traçar as possíveis mudanças, bem como de analisar as influências sintáticas e semânticas subjacentes ao processo de mudança.

Nos estudos de Cunha e Cintra (2007), temos que preposições são palavras que relacionam dois termos de uma oração, de modo que o sentido do primeiro é explicado pelo segundo. Mostram ainda que as preposições assumem diferentes valores de acordo com o contexto linguístico. No caso do *para*, predomina o movimento como tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva, com uma predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento: no espaço, no tempo, e na noção. Assim, ao associarmos com nosso *corpus*, podemos identificar alguns exemplos:

- (6) Se achasem pouso seguro *para* as naus, que amainassem. (Séc. XVI, grifos nossos.)
- (7) Havia feito esta diligência, não foi porque não conhecessem todos a grande necessidade que *para* a ocasião havia da pessoa do Senhor D. Duarte, senão porque chamá-lo antes. (Séc. XIX, grifos nossos.)

Temos então no exemplo (6) um movimento de lugar “para a naus” e em (7) um movimento de tempo “para a ocasião”. Segundo Bechara (2011), a preposição não aparece sozinha no discurso, mas se junta a outra palavra para marcar relações gramaticais, o que está associado ao que Lehmann chamou de critério de *autonomia* do item: “Quanto mais liberdade com que um item é usado, mais autônomo é: portanto, a autonomia de um item é inversa à sua gramaticalidade.”<sup>3</sup> Vê-se, pois, que a preposição é uma categoria gramatical.

Na *Gramática pedagógica do português brasileiro*, Bagno (2011) propõe que o termo preposição se aplica principalmente às línguas da família indo-europeia, ou seja, o que temos no PB são posposições, partículas que se colocam depois dos nomes ou dos verbos regentes. Além disso, faz parte de uma categoria que oferece dificuldades quanto à delimitação de seus componentes por seu caráter relacional que faz com que compartilhem semelhança com os advérbios e com as conjunções, além de permitir que outras palavras ou termos possam exercer sua função.

<sup>3</sup> LEHMANN. *Thoughts on Grammaticalization*, p. 172.

Nesse sentido, avalia que preposição e conjunção guardam tantas características comuns que torna difícil separá-las completamente ou incluí-las numa mesma categoria. Bagno (2011) tenta, então, traçar uma fronteira mínima entre esses itens e, para tanto, recorre a Carvalho (2001):

As preposições compartilham com as conjunções o traço semântico “relacional”, a diferença estando no tipo de relação e na natureza do complemento. A relação de subordinação estabelecida, ao mesmo tempo que aproxima as preposições das conjunções subordinadas, pode ser usada como critério para separar as preposições das conjunções coordenadas, pois estas estabelecem uma relação entre níveis iguais, na qual os dois elementos são colocados em posições paralelas. Quanto ao complemento, enquanto as preposições exigem um elemento nominal, as conjunções subordinadas requerem um elemento verbal e as coordenadas aceitam ambos.<sup>4</sup>

Percebemos que as conjunções coordenativas se diferem das preposições em dois pontos: (i) exprimem uma relação de equivalência e (ii) podem ter elementos nominais ou verbais como complemento. Vejamos os exemplos abaixo:

- (8) – O Peixoto, sim – disse-me ele, olhando gravemente *para* mim. – Veio casar a Vila Real como antigamente se ia casar. (Séc. XIX, grifos nossos.)
- (9) – O senhor não repare – disse ele. – À vontade – E *para* estabelecer intimidade tirei o casaco. (Séc. XIX, grifos nossos.)

Segundo esses conceitos, temos em (9) um exemplo de preposição, pois “para” pediu um complemento “mim” que se trata de um pronome, ou seja, um nome. Já em (10) temos um contexto em que ocorre conjunção, uma vez que ela expressa finalidade e “para” exigiu um complemento oracional.

Dessa forma, tomaremos como critério para análise dos dados os conceitos propostos por Bagno (2011): preposição exige um complemento nominal e são posposições na medida em que aparecem após um nome ou um verbo regente, o que na visão de Cintra e Cunha (2007) estabelece uma relação de movimento em direção a tempo, espaço e noção. Já a conjunção, quando subordinada, exige um complemento sempre verbal, aparece para separar elementos de níveis iguais em posições paralelas.

<sup>4</sup> BAGNO. *Gramática pedagógica do português brasileiro*, p. 882.

Vimos a necessidade de fazer também um estudo da origem da palavra *para* de modo a confrontarmos esses conceitos na nossa análise. No dicionário etimológico da língua portuguesa, encontramos o seguinte registro:

*Para* prep. [XVI, *pera* XIII] Do lat. *per ad*, que por sua vez é a gramaticalização de *per* + *ad*, duas preposições latinas. A preposição *ad* (origem da nossa *a*) expressa situação espacial ('junto de'), movimento espacial (em direção a) e movimento temporal ('até', 'por volta de'). Através da var. ant. *pera*, muito frequente em textos portugueses medievais; só a partir de meados do séc. XVII é que a forma atual *para* começa a suplantam a antiga *pera*.<sup>5</sup>

Nesse contexto, temos a aproximação da etimologia de *para* com o conceito proposto por Cintra e Cunha (*op. cit.*) ao delimitarem uma semântica específica em *para* como movimento que indica espaço, tempo e noção, como nos exemplos (6) e (7).

Estabelecidos os conceitos de gramaticalização, preposição, conjunção e da etimologia de *para*, passemos à análise de frequência dessa forma, conforme tabela abaixo, lembrando que, de acordo com o que dissemos anteriormente, a classe lexical aqui será denominada categoria lexical.

**Tabela 1 - Análise da frequência diacrônica da forma para**

<b>Categoria</b>	<b>Século XVI</b>	<b>Século XIX</b>	<b>Século XX</b>
Preposição	29 (52,7%)	201 (65,47%)	138 (50,54%)
Conjunção	26 (42,3%)	106 (34,53%)	135 (49,46%)
<i>Total</i>	<i>55</i>	<i>307</i>	<i>273</i>

Fonte: Dados coletados

Os dados dispostos na tabela acima nos mostram a frequência diacrônica do item *para* em duas categorias gramaticais. Assim, temos que, com relação à frequência da categoria preposição, houve um aumento significativo do século XVI para o XIX (considerando um intervalo longo de tempo) com um percentual de 13% a mais, caindo esse número no século XX e estabilizando novamente no percentual de 50%. Já com a conjunção ocorreu um processo diferente. Houve uma queda do século XVI para o

<sup>5</sup> CUNHA. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, p. 475.

XIX com um percentual de aproximadamente 8% com um aumento significativo no século XX com um percentual de 15%. A presença das duas categorias pode ser explicada por meio do princípio da *divergência* proposto por Hopper (1991), o qual prevê que, quando um item lexical sofre gramaticalização, a forma original pode permanecer na língua como uma forma lexical autônoma, podendo, além disso, submeter-se às mesmas mudanças pelas quais venham a passar outro item qualquer de sua nova categoria.

Caso comparemos a frequência de cada século em cada categoria, temos a predominância de frequência da preposição em todos os três séculos em análise. Conforme dito anteriormente, *para* lat. *per ad*, já sofrera um processo de gramaticalização de *per + ad* e continuou seu percurso de mudança. Para Heine (1991), a determinação de qual categoria (preposição ou conjunção) é mais gramatical pode ser determinada pelo princípio da etimologia: uma categoria gramatical pode ser mais gramatical que a outra se ela for, etimologicamente, mais abstrata derivada da outra. Vejamos nos exemplos abaixo:

## Preposição

- (10) Porém, um deles pôs olho no colar do capitão e começou a acenar com a mão *para* a terra. (Séc. XVI, grifos nossos.)
- (11) Estava com pressa, o xale traçado à toa, olhando sempre *para* a porta interior. – A mamã percebeu – disse ela. (Séc. XIX, grifos nossos.)
- (12) – Aquela gente? Oh! deixou-me uma impressão intensíssima. E toca a andar *para* Andaraí, namorada de D. Petronilha. (Séc. XX, grifos nossos.)

## Conjunção

- (13) E mandou ficar com ele, *para* ficar lá, um mancebo degradado, criado de D. João Telo, a que chamam Afonso Ribeiro, *para* andar lá com eles e saber de seu viver e maneira. (Século XVI, grifos nossos.)
- (14) Se caía geada, erguia a tampa dum jazigo de família *para* ir estender-se nas gavetas, entre caixões de chumbo. (Séc. XIX, grifos nossos.)
- (15) Menos a esperança e confiança em Deus. 2513 – A mulher é formada *para* amar, o homem *para* dominar. (Séc. XIX, grifos nossos.)

Assim, temos nesses exemplos uma ilustração da gramaticalização tal como proposta por Hopper (1991 citado por Bybee 2012), entendida como um processo de 'descategorização', implicando mudança de



categoria. No caso deste estudo, uma forma derivou de outra carregando semanticamente suas origens, o que pode ser visto na caracterização de preposição e de conjunção. Esta pode ser definida como uma categoria que une orações, sendo que o segundo termo serve para completar o sentido do primeiro com uma carga semântica de finalidade e apresenta sempre um complemento verbal. Já aquela serve para unir termos, dando uma ideia de movimento de espaço, tempo e noção e pede um complemento nominal. Em face dos dados diacrônicos levantados, o percurso de gramaticalização de PARA pode ser representado por meio do seguinte esquema:

<b>GRAMATICAL</b>	<b>GRAMATICAL</b>	<b>+GRAMATICAL</b>
Preposição	Conjunção	Preposição

O que podemos concluir, por ora, é que o que pode ter causado a mudança é a motivação sintática, dado que, conforme visto acima, quando o item *para* aparece como preposição, pede um complemento verbal e, quando surge como conjunção, pede um complemento nominal. Além disso, os vestígios de mudança estão voltados também para a origem da palavra *para* que, por sua vez, já sofreu gramaticalização em seu radical *per + ad = para* cujo valor era preposicional.

## Considerações finais

As reflexões aqui apreendidas levam-nos a acreditar que o processo de gramaticalização do item *para* já tenha passado por outros períodos da língua de acordo com a carga semântica que carrega com relação às duas categorias. Esse processo semântico da abstração de uma categoria até passar para outra nos contextos analisados, séculos XVI, XIX e XX, pode ter sido um indício de confirmação da nossa hipótese inicial de que a preposição pode ter migrado para a posição de conjunção e migrado novamente para preposição ou mesmo que os dois processos caminham em paralelo, conforme princípio da estratificação de Hopper (1993). Acreditamos também que futuras pesquisas podem ser feitas com um *corpus* mais representativo, verificando, sobretudo, os elementos sintáticos de cada século com vistas a testar a hipótese da motivação sintática aqui aventada. Fica então o convite para uma futura pesquisa,

pois estamos conscientes de que os dados aqui analisados são ainda embrionários, mas esperamos que constituam uma alavanca para outros estudos.

Aluna do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: elizeteamiranda@yahoo.com.br

## Referências

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: The Role of Frequency. JANDA, Richard D.; JOSEPH, Brian D. *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2003. p. 336-357.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao Rei Dom Manuel*. Belo Horizonte: Crisálida, 2002.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-113.
- CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. *Lexicografia bilingue português: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília: Thesaurus, 2001.
- COELHO, Sueli Maria. Gradualismo do processo de gramaticalização e princípio da persistência: indícios de uma hierarquia de traços? *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 519-541, jan./jun. 2013. No prelo.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2007.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-36.
- HOPPER, Paul J.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. 2. ed. Munique: Lincom Europa, 1995. (Lincom studies in theoretical linguistics) [LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien 49 – Projects, 1982. v. 1.]

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. 5. ed. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].

SAPIR, Edward. *Language*. An introduction to the study of speech. New York: Dover Publications, 2004. [1921]

SILVA, Taís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6. ed. ver. São Paulo: Contexto, 2002.



# O percurso de gramaticalização da interjeição *Virgem Maria* no dialeto mineiro

Vanêssa Aparecida de Almeida Dornelas

## Considerações iniciais

No Brasil, a diversidade sociocultural, a imensa extensão territorial, a formação diferente das populações regionais e outros fatores provocam a coexistência de numerosas variações linguísticas. Dentro desse contexto, é comum nos depararmos com a presença de interjeições, que tiveram origem em uma expressão nominal referencial, o que configura um processo de gramaticalização.

De acordo com Lopes (2003), manifestações de um processo de gramaticalização ocorrem quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo *status* como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (=recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema.

Tendo em vista as diferentes abordagens sobre o item *Virgem Maria!* apontadas pelos gramáticos, linguistas e dicionaristas, o presente estudo visa a contribuir para a descrição linguística ao trazer uma reflexão acerca das definições de interjeição e de seu estatuto gramatical. Busca-se, portanto, responder aos seguintes questionamentos: (i) o que levou a expressão nominal a assumir o estatuto de interjeição?; (ii) houve, de fato, perda fonética do item *Xi!*?; (iii) tal interjeição deriva do item *Virgem Maria*?

Considerando-se a perda fonética do item referencial *Virgem Maria* e a proximidade funcional dos contextos de uso de ambas as formas, partimos da hipótese de que a interjeição *Xi!* seja uma redução desse item referencial.

Dessa feita, o presente trabalho tem por finalidade buscar estabelecer o percurso de gramaticalização ocorrido com o item referencial *Virgem Maria*, que passou de item referencial às interjeições *Virgem Maria* e *Vixe Maria*. Sob essa perspectiva, adotou-se como parâmetro analítico a comparação dos estudos realizados por Traugott e Dasher (2002) para o item referencial *Jesus* em inglês e por Ramos (2009) para o item referencial *Nossa Senhora* no dialeto mineiro.

Portanto, torna-se relevante salientar, aqui, a comparação entre o percurso de gramaticalização que houve com a expressão *Jesus* em inglês com a ocorrência desse mesmo fenômeno linguístico nas expressões *Nossa Senhora* e *Virgem Maria* no dialeto mineiro. Desse modo, pode-se inferir que esse processo de gramaticalização não é exclusivo do português brasileiro, o que corrobora a assertiva de Alkimim (2012), “quando ressalta que qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações, já que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea e isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades.”<sup>1</sup>

Este artigo está dividido nas seguintes seções: a 1ª seção discorrerá sobre as concepções de gramaticalização (pressupostos teóricos); a 2ª, sobre a descrição da metodologia e a 3ª seção diz respeito à apresentação e à análise dos dados.

## **Pressupostos teóricos**

O Brasil é um país fortemente marcado pela heterogeneidade linguística, o que reafirma o caráter dinâmico do português. Constantemente, o português passa por profundas transformações no nível lexical, gramatical, morfológico, fonético ou semântico. Sob essa perspectiva, esta seção discorrerá sobre a trajetória de mudança de nosso objeto de estudo, qual seja, o item referencial *Virgem Maria*, o qual assumiu o estatuto de interjeição, apresentando também perda fonética, a exemplo de outros

<sup>1</sup> ALKIMIM. Sociolinguística, p. 35.

itens em processo de gramaticalização, inclusive no dialeto mineiro. Considerando-se que, no caso deste estudo, o percurso da mudança vai de item lexical/referencial a interjeição (item gramatical/funcional), cabe-nos definir essa classe.

Para Cunha (2008 [1989]):

Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções. A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação. Ao classificar as interjeições de espanto ou surpresa, apresenta como exemplo a interjeição *chi*.<sup>2</sup>

Ainda segundo Cunha (2008), "as interjeições não são incluídas entre as classes de palavras, considerando-as traduções de sentimentos súbitos e espontâneos, gritos instintivos, o que equivale a frases emocionais. Na escrita, elas vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação."<sup>3</sup>

Bechara (2009) apresenta concepção linguística semelhante à de Cunha (2008), ao definir interjeição como a:

Expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo.<sup>4</sup>

Para ele, as interjeições se repartem por quatro tipos – (i) "certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional", (ii) "palavras já correntes na língua", (iii) "palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem" e (iv) "locuções interjetivas" – além de serem proferidas em tom de voz especial,

<sup>2</sup> CUNHA; CINTRA. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, p. 605. Estamos assumindo que as formas *chi* e *xi* são variantes e que, hipoteticamente, derivam-se da redução de *Virgem*.

<sup>3</sup> CUNHA; CINTRA. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, p. 606.

<sup>4</sup> BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*, p. 330-331.

ascendente ou descendentes, conforme as diversas circunstâncias dos estados emotivos do falante.

Lobato (2009), em seu livro *Emília no país da gramática*, metáforiza a classe das interjeições, discorrendo sobre elas no capítulo intitulado "A casa da gritaria". Segundo descreve, elas não passam de gritinhos, visão da qual também partilha Aulete (1981). Ao classificá-las, o literato considera a interjeição *Xi!* como interjeição de aversão.

Na avaliação de Caixeta (2005):

O Fenômeno Interjeição é surpreendente, anormal e extraordinário justamente por ser um fenômeno ao qual não coube uma sistematização consistente — se é que para a língua(gem) viva, real, há essa possibilidade. Tratar as manifestações interjectivas como fenômeno linguístico implica assinalar que a língua(gem) é movimento, é dinâmica, e todas as concepções acerca dela se alternam ao longo do tempo. Nesse movimento linguístico, há sempre a tentativa de (re)explicar o que surpreende e/ou o que é próprio do homem, que são as suas emoções. Deve-se considerar, portanto, que a língua(gem) é uma capacidade simbólica que constitui o homem e viabiliza as (inter)ações para que, assim, o Fenômeno Interjeição seja considerado como um reflexo das (in)constâncias emocionais do homem perante si mesmo, perante a (inter)locução e perante o mundo em que está inserido.<sup>5</sup>

Em conformidade com Ramos (2010):

Inserir as interjeições no cenário da gramaticalização requer a superação de, pelo menos, duas dificuldades. Uma delas é o não reconhecimento das interjeições como itens gramaticais/funcionais. A outra dificuldade decorre de seu comportamento como marcadores pragmáticos, e as respectivas objeções à inclusão destes no processo de gramaticalização.<sup>6</sup>

De acordo com Kuryłowicz 1965 citado por Lehman (1982) citados por Ramos (2010), "as interjeições estariam excluídas do rol dos elementos gramaticalizados, pois a gramaticalização seria um processo que transforma lexemas em formativos gramaticais e transforma formativos gramaticais em formativos ainda mais gramaticais."<sup>7</sup>

<sup>5</sup> CAIXETA. *Macacos me mordam!* Interjeição: uma classe no limbo do sistema linguístico do português brasileiro, p. 13.

<sup>6</sup> RAMOS. Interjeições & Gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora, 323.

<sup>7</sup> RAMOS. Interjeições e Gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora, 326.



Na concepção de Traugott (1995) também citado por Ramos (2010), elas podem, contudo, ser abordadas na perspectiva da gramaticalização em virtude da subjetificação, que:

Em gramaticalização é o desenvolvimento de uma expressão gramaticalmente identificável da crença do falante ou atitude do ouvinte em relação ao que é dito. É um fenômeno gradual no qual formas e construções que inicialmente expressam significados concretos, lexicais e objetivos vêm servir, através de uso repetido em contextos sintáticos locais, a funções do falante, que são crescentemente abstratas, pragmáticas e interpessoais.<sup>8</sup>

Ramos (2010) ilustra esse processo, citando o trabalho de Traugott e Dasher (2002) para o item *Jesus*:

Sua análise do nome *Jesus* e a interjeição *Jesus* no inglês mostram que essa correlação parece se aplicar adequadamente aos itens em estudo aqui, uma vez que os estágios anteriores podem ser documentados, podendo a expressão nominal *Nossa Senhora* ser, de algum modo, inferida, exceto em relação ao último item do processo: *Nu!*<sup>9</sup>

Portanto, torna-se relevante salientar, aqui, a comparação entre o percurso de gramaticalização que houve com a expressão *Jesus* em inglês com a ocorrência desse mesmo fenômeno linguístico nas expressões *Nossa Senhora* e *Virgem Maria* no dialeto mineiro, tarefa a que nos dedicamos no âmbito deste texto.

## **Caracterização do *corpus* e análise dos dados**

O *corpus* desta pesquisa foi constituído de três fascículos de Novenas Virtuais de autoria do padre Reginaldo Manzotti,<sup>10</sup> as quais apresentaram três (03) ocorrências do item referencial *Virgem Maria*, e de oito (08) gravações de fala espontânea de moradores da cidade de Conselheiro Lafaiete, MG. Os informantes possuíam faixa etária entre 40 e 60 anos, ensino fundamental incompleto e nível socioeconômico equiparadas. Para cada gravação, foi estipulada a duração de quarenta minutos. Foi pedido aos informantes que contassem “casos” importantes que ocorressem ao longo de suas vidas. Nessas entrevistas, identificaram-se seis (06)

<sup>8</sup> RAMOS. Interjeições e Gramaticalização: Nól e Nossa Senhora, 328.

<sup>9</sup> RAMOS. Interjeições e Gramaticalização: Nól e Nossa Senhora, 325.

<sup>10</sup> Tais novenas foram extraídas do sítio [www.padrereginaldomanzotti.org.br](http://www.padrereginaldomanzotti.org.br)

ocorrências do item referencial *Virgem Maria* que atestam um processo de mudança categorial de item de conteúdo referencial para interjeição. Nesse contexto, observou-se que o item, ao se consagrar como interjeição, tem o valor semântico de lamentação, ou seja, assume sentido apelativo. Paralelamente, foi realizada uma análise da evolução desse item, o que sinalizou uma mudança de natureza fonológica, como, por exemplo, *Vixe* e *Xi*.

Para procedermos à análise dos dados, partiremos dos exemplos que se seguem. Os três primeiros, extraídos das novenas, ilustram ocorrências da expressão *Virgem Maria* como item referencial. Já os seis seguintes, extraídos de falas espontâneas de moradores da cidade de Conselheiro Lafaiete, MG, ilustram o percurso de gramaticalização da expressão de item referencial à interjeição.

- (1) "Concedei-nos, por favor, Senhor Deus, que nós, Teus servos, tenhamos contínua saúde de alma e corpo e, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada sempre *Virgem Maria*, sejamos livres das tristezas da vida presente e desfrutemos das alegrias da vida eterna. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém." (Novenas da *Virgem Maria*.)
- (2) "Confiastes, ó piedosíssima *Virgem Maria*, que jamais se tenha ouvido dizer que um somente de quantos tem acudido à Vossa proteção e implorado Vosso socorro, tem já sido desamparado. Eu pecador, animado com tal confiança, acudo a Vós, ó Mãe, *Virgem* das virgens. A Vós me apresento gemendo. Não queirais ó, Mãe do Verbo, desprezar minhas palavras; antes bem ouvi-las benignamente e atendei-as. Amém." (Novenas de São Bernardo.)
- (3) "Oremos: Senhor Deus, nós vos suplicamos que concedais a vossos servos perpétua saúde de corpo e alma, e que, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada sempre *Virgem Maria*, sejamos livres da tristeza presente e gozemos da eterna alegria. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém." (Ladainha de Nossa Senhora.)
- (4) "Tenho uma imagem grande da *Virgem Maria* que foi da minha bisavó. Ah, mais essa eu num vendo não. Eu tenho muito ciúme dela." (MC, 59 anos, grifo nosso, item referencial.)
- (5) "*Virgem Maria!* Se ela quebrá as minhas porcelanas, eu vou morrê de desgosto." (TN, 48 anos, grifos nossos, interjeição usada em contexto de invocação.)
- (6) "*Virgem Maria*, livrai-nos de todo o mal." (ASA, 56 anos, expressão nominal usada em contexto de invocação.)
- (7) "*Vixe Maria!* Se o Nonô pegá ela namorando com essa falta de vergonha é bem capaz de dá uma coça nela." (WMG, 59 anos, grifos nossos, perda de material fônico.)
- (8) "*Vixe!* quanta sujera que tem na horta dela. Num dá nem prusminino brinca." (AM, 60 anos grifos nossos, perda de material fônico.)

(9) "Xi! A água acabou. E agora, como vô dá almoço pros minino?" (AGG, 60 anos, grifos nossos, perda de material fônico.)

A partir da análise dos dados obtidos no *corpus* e ilustrado nos exemplos de 1 a 9, constatamos que a expressão *Virgem Maria*, tal como ocorrera com o item *Jesus* no inglês (cf. TRAUGOTT e DASCHER, 2002) e com a expressão *Nossa Senhora* (cf. RAMOS, 2009), passou por um processo de mudança categorial de item de conteúdo referencial para interjeição. Segundo pudemos recuperar a partir das ocorrências identificadas no *corpus*, é possível propor o seguinte percurso de mudança gramatical para o item em análise:

Virgem Maria > Virgem Maria! > Vixe Maria! >Vixe! >Xi!<sup>11</sup>  
expressão referencial > interjeição

Nossos resultados alinham-se aos de Ramos (2010), que:

Destaca o uso da expressão nominal *Nossa Senhora*, em contextos não religiosos, assumindo a função de interjeição, com sentido de espanto ou surpresa. Atesta também a perda de material fônico, constatando quase completa desvinculação do item referencial que lhe deu origem.<sup>12</sup>

Caixeta (2005), ao reunir exemplos de interjeições coletados de diversos autores, apresenta duas classificações para as interjeição *Xi!* e *Virgem Maria!*: uma delas como admiração ou espanto e outra como pena, comiseração ou lamento.

Hopper e Traugott<sup>13</sup> (1993) citados por Ramos (2010):

Argumentam que uma mudança semântica constituiria uma resolução de problemas, sendo um deles a busca de modos de regular a comunicação e de negociar a interação falante-ouvinte. Esse tipo de mudança, chamada metonímica, indicaria e apontaria significados que, de outro modo, permaneceriam encobertos.<sup>14</sup>

As considerações apontadas pelos autores aqui resenhados sobre os valores semânticos das interjeições podem ser atestados por nossos

<sup>11</sup> Esse último estágio é hipotético e carece de investigações mais aprofundadas para atestar sua adequação.

<sup>12</sup> RAMOS. Interjeições & Gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora, p. 316.

<sup>13</sup> HOPPER; TRAUGOTT. *Grammaticalization*, p. 86

<sup>14</sup> RAMOS. Interjeições & Gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora, p. 324.

dados. Nos exemplos (1) e (4), tem-se o item referencial, em (2) e em (3), aparece a expressão nominal usada em contexto de invocação, ainda com valor referencial. Já em (5) e em (6) tem-se a interjeição usada em contexto de invocação. Por fim, em (7), em (8) e em (9), observa-se a perda de material fônico e a provável desvinculação do referente da expressão que lhe deu origem.

Diante do exposto, pode-se dizer que os dados comprovam o caráter dinâmico das línguas, bem como corroboram o percurso de gramaticalização envolvido no estudo da expressão nominal *Virgem Maria*, que passa de item de conteúdo referencial à interjeição.

## Considerações finais

A partir da pesquisa realizada, é possível pensar que a expressão *Virgem Maria* passou por um percurso de gramaticalização, semelhante ao do *Jesus* em inglês e ao da expressão *Nossa Senhora*, no falar mineiro. Isso corrobora não apenas a dinamicidade das línguas, bem como a universalidade do processo de mudança linguística. É importante destacar, contudo, que a análise aqui apresentada é bastante embrionária e que a especulação acerca do último estágio do processo (*Xi!*) carece ainda de investigação aprofundada, o que abre espaço para novas investigações.

Mestranda em Estudos linguísticos pela UFMG. E-mail: dornelasvanessa@yahoo.com.br

## Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1.
- AULETE, Francisco Júlio de Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira, 1881.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CAIXETA, Geovane Fernandes. *Macacos me mordam! Interjeição: uma classe no limbo do sistema linguístico do português brasileiro*. 2005. 124 f. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de

Janeiro: Lexikon, 2008.

D'AVILA, Suzana. *Projeto Apoema Gramática 7*. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KURYŁOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. In: \_\_\_\_\_. *Esquisses Linguistiques II*. Munique: Wilhelm Fink, 1965. p. 38-54.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: A Programmatic Sketch*. Munique: Lincom Europa, 1982. [LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien 49 – Projects, 1982. v. 1.]

LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v. 18.

MANZOTTI, Reginaldo Manzotti. *Novena Virgem Maria*. Disponível em: <[https://www.padrereginaldomanzotti.org.br/capela\\_virtual/novenas\\_virtuais/virgem-maria/oracao-2.html](https://www.padrereginaldomanzotti.org.br/capela_virtual/novenas_virtuais/virgem-maria/oracao-2.html)> Acesso em: 27/11/2016

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Introdução à Linguística)

RAMOS, Jânia Martins (Org.). *Corpus de fala belo-horizontina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

RAMOS, Jânia Martins. Interjeições e Gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora. In: COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo Teixeira (Org.). *Estudos de Processos de Gramaticalização em Português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 315-332.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Subjectification in grammaticalization. In: STEN, Dieter e WRIGHT, Susan (Ed.). *Subjectivity and Subjectivisation: Linguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 31-54.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Comunicação apresentada no ICHL, 12. Manchester: University of Manchester, 1995.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. (Cambridge Studies in Linguistics)



# Gramaticalização da conjunção e nas Minas setecentistas

Shirlene Ferreira Coelho

## Considerações iniciais

Já é sabido que os processos de gramaticalização envolvem diferentes línguas. Esses processos ocorrem quando um item passa a assumir uma função gramatical, criando-se uma forma nova, a partir do que se tinha no léxico. Alguns trabalhos que ilustram processos de gramaticalização no português são os de Ramos (2010), que trata da gramaticalização da expressão *Nossa Senhora!*, no dialeto mineiro, usada, inicialmente em contextos religiosos, e que passou a assumir traços de interjeição (*Nó!*), demonstrando espanto, surpresa, e o de Cohen (2010), que estudou a gramaticalização e a reanálise da palavra *mente*, que passou de item lexical para sufixo em advérbios de modo.

Visto que os processos de gramaticalização podem ocorrer em diferentes classes de palavras do léxico de uma língua, propomo-nos a apresentar um breve estudo sobre a conjunção e no Português Brasileiro (PB). Tal conjunção é originária do latim *et* (Nascentes, 1955; Cunha, 2010) e servia para unir termos ou orações. Ainda, segundo Bluteau (1789), e é uma “conjuncção copulativa, que ata duas, ou mais proposições inteiras.”,<sup>1</sup> sendo que o termo “copulativo” é entendido como algo que serve para juntar ou unir. Dessa maneira, a conjunção exercia prototipicamente a função sintática de oração coordenada sindética aditiva.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> BLUTEAU. *Diccionario da lingua portuguesa*, p. 460.

<sup>2</sup> Essa definição é estabelecida pela Gramática Tradicional.

Apesar disso, foi verificado em nosso *corpus* exemplos da conjunção e com função adversativa, como pode ser visto no exemplo (1) abaixo:

- (1) e cumprirão exactamente tudo que pelo meu Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens lhes for mandado, dando contas ao [P]rovedor das Capellas da Comarca, a que a mesma Igreja pertencer, e *não* a outrem, por quanto a Mim pertence sómente tomar as contas pelos Ministros que me parecer, das Confrarias, sitas nas Igrejas das Ordens, por serem izentas por Bulla Apostolica de toda outra jurisdicção. (Estatuto do Santíssimo Sacramento, 1785, p. 2, grifo nosso.)

O exemplo (1) serve para evidenciar um possível processo de gramaticalização da conjunção e, uma vez que se nota a mudança de função gramatical exercida neste contexto. Nota-se uma relação adversativa, em vez de uma relação aditiva, tradicionalmente atribuída a essa conjunção. Levantamos a hipótese de que essa mudança seja resultado de uma ressignificação semântica, observada no discurso, o que resultaria nessa nova relação sintagmática. O presente trabalho se justifica, então, pela necessidade de se buscar evidências de que também esta conjunção estaria sofrendo um processo de gramaticalização. Para tanto, foi realizado um estudo com dados presentes em documentos de irmandades mineiras, datadas do século XVIII, a saber:

- (i) Estatuto da Ordem Terceira de São Francisco (1778);
- (ii) Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês (1781);
- (iii) Estatuto de Nossa Senhora do Amparo (1782);
- (iv) Estatuto do Santíssimo Sacramento (1785).

É importante ressaltar que, de acordo com Cohen (2010), algumas etapas são necessárias para o estabelecimento de um estudo desse cunho, visto que processos de gramaticalização podem ser diacrônicos, necessitando-se, assim, de, pelo menos, duas sincronias, bem como “há que se definir a profundidade de tempo necessária entre esses dois estados para que a gramaticalização seja visível”.<sup>3</sup> Apesar de nosso estudo se ater apenas a uma sincronia, ele apresenta sua relevância, pois são poucos os trabalhos que estudam o mesmo objeto. Trata-se, ainda, de um projeto-piloto, mas que visa, além de testar a hipótese aventada nesse estudo, a contribuir para a literatura atual sobre esse fenômeno.

<sup>3</sup> COHEN. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e a reanálise de –mente, p. 58.



O presente artigo está organizado da seguinte maneira: após as considerações iniciais, será apresentada a fundamentação teórica, com algumas definições da conjunção e e contribuições de alguns autores para os estudos sobre gramaticalização; a seção seguinte consiste na descrição da metodologia adotada para esse estudo; logo em seguida, serão apresentados os resultados e uma discussão sobre os dados coletados; após isso, será apresentada uma análise dos dados coletados, tendo por base alguns dos critérios propostos por Hopper (1991); por último, serão apresentadas as conclusões às quais chegamos.

## Fundamentação teórica

Segundo Lobato (1815), as conjunções não possuem significado por si só, mas, quando inseridas no discurso, servem para unir orações, ou parte delas. Isso significa que as conjunções já são itens funcionais, ou seja, gramaticalizados. O autor apresenta, ainda, a classificação das conjunções "mais notáveis":<sup>4</sup>

Copulativa: Ê, Também.

Disjuntiva: Ou Nêm.

Causaes: Porque, Por quanto, Pois, etc.

Condicionaes: Sê, Ainda que, Senão, Com tanto que.

Conclusivas: Logo, Por consequência, (a) Pelo que, Por tanto, Por causa.

Explicativas: A saber, Assim como, Verbi gratia.<sup>5</sup>

Também para Constancio (1831), as conjunções possuem a função de conectar as partes das frases (orações), estabelecendo correlação entre essas partes, seja de semelhança, de oposição ou de modificação. O autor afirma, ainda, que todas as conjunções são formadas de radicais substantivos ou de verbos. Constancio (*op. cit.*) faz uma crítica aos gramáticos do período, que alegam que algumas "partículas [são] simples e primitivas".<sup>6</sup> Nas palavras de Constancio (1831):

São estas nove conjunções: e, mas, nem, ou, pois, porém, que (e cá antigo) e se. A pezar de serem as mais dellas monosyllabos, he

<sup>4</sup> LOBATO. *Arte da grammatica da língua portuguesa*, p. 155.

<sup>5</sup> LOBATO. *Arte da grammatica da língua portuguesa*, p. 155-156.

<sup>6</sup> CONSTANCIO. *Grammatica analytica da lingua portugueza offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*, p. 195.

facil apontar os radicaes de que são contracções. *E*, de *et* latino, deriva de e [ɛ [...]] He evidente que as particulas conjunctivas, como todas as outras, são formadas de nomes ou verbos, e que as mais contractas não differem essencialmente daquelas cuja composição complexa he aparente.<sup>7</sup>

Lobato (1815) e Constancio (1831) fornecem pistas interessantes, que podem evidenciar uma possível mudança linguística quanto ao uso da conjunção *e*. Ambos os autores atribuem a essa conjunção a função sintática de *conjunção copulativa* (adição) e não remetem à função adversativa, como visto no exemplo (1). Constancio (1831) faz, ainda, uma importante observação, ao afirmar que todas as conjunções vieram de nomes ou de verbos. Essa observação sinaliza a possível fonte lexical das conjunções, itens funcionais oriundos de um processo de gramaticalização.

Em relação aos estudos sobre gramaticalização, Hopper e Traugott (1993) alertam para o fato de que 'a língua não existe separadamente de seus falantes'.<sup>8</sup> Para esses autores, as línguas são caracterizadas por regras abstratas, que desconsideram os usuários da língua, contudo essas regras podem mudar. Isso é observado, por exemplo, se analisarmos Ribeiro (1950),<sup>9</sup> em que o autor inclui um exemplo da conjunção *e* com valor adversativo, porém ela é tratada como conjunção copulativa (aditiva). Ribeiro (*op. cit.*) afirma que conjunções aditivas estabelecem relações entre proposições semelhantes, podendo ser duas positivas, uma positiva e uma negativa ou duas negativas. Para ilustrar esse conceito, o autor apresenta o seguinte exemplo: "Carlos lê muito e não escreve."<sup>10</sup> Este exemplo, apesar de incluída nas conjunções copulativas, devido ao uso da conjunção *e*, considerada uma "conjunção connexiva por excellencia",<sup>11</sup> possui valor adversativo, podendo a conjunção *e* ser

<sup>7</sup> CONSTANCIO. *Grammatica analytica da lingua portugueza offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*, p. 195.

<sup>8</sup> HOPPER; TRAUOGOTT, *Grammaticalization*, p. 33. (Tradução nossa.)

<sup>9</sup> É importante ressaltar que a primeira edição desse livro é de 1890, século posterior ao estudado neste estudo.

<sup>10</sup> RIBEIRO. *Serões grammaticaes*, p. 353.

<sup>11</sup> RIBEIRO. *Serões grammaticaes*, p. 353.

substituída por conjunções adversativas, sem perda de sentido: Carlos lê muito, mas não escreve.

Diferenças na conceituação podem ser observadas também no português brasileiro contemporâneo. Bechara (2009) afirma que “graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo de orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de ‘causa’, ‘consequência’, ‘oposição’, etc.”,<sup>12</sup> porém isso não “modifica a relação aditiva das unidades envolvidas”.<sup>13</sup> O autor argumenta que a expressão “rico e desonesto”,<sup>14</sup> por exemplo, possui uma relação gramatical de adição e um sentido suplementar de oposição, “rico *mas* desonesto” (grifo do autor),<sup>15</sup> sendo entendido como a adição de uma unidade negativa a uma unidade afirmativa, “rico e não honesto”.<sup>16</sup> Já na definição apresentada no dicionário Aulete *on-line*, a conjunção *e* é considerada tanto uma conjunção aditiva (indicando conexão) quanto uma conjunção adversativa (indicando oposição de ideias). Percebe-se, dessa maneira, uma divergência quanto ao estabelecimento da regra. Apesar de ser clara a nova relação sintática assumida por essa conjunção, a gramática tradicional tende a refutar a mudança, que leva à coexistência de formas com valores funcionais distintos em um mesmo período.

A esse respeito, pode-se citar o trabalho de Rocha (2010). Referenciando Sweetser (1991),<sup>17</sup> Rocha (*op. cit.*) argumenta que, tanto em se tratando de coordenação quanto de subordinação, as conjunções se manifestam em “sentido unidirecional, via operações metafóricas, o que permite a [re]elaboração constante de significados”.<sup>18</sup> A autora afirma, ainda, que o conteúdo exibido pelas conjunções remete ao mundo real e não a um sentido representacionista. “O falante elabora novos significados, graças à capacidade imaginativa de sua mente.”<sup>19</sup> Essa afir-

<sup>12</sup> BECHARA. *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 320.

<sup>13</sup> BECHARA. *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 320.

<sup>14</sup> BECHARA. *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 320.

<sup>15</sup> BECHARA. *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 320.

<sup>16</sup> BECHARA. *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 320.

<sup>17</sup> SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

<sup>18</sup> ROCHA. *Anyway, tuttavia, todavia: o mapeamento de uma mudança semântica*, p. 261.

<sup>19</sup> ROCHA. *Anyway, tuttavia, todavia: o mapeamento de uma mudança semântica*, p. 261.

mação entra em consonância com o que defendemos, visto que as novas relações sintáticas assumidas pela conjunção e podem ser resultado de uma resignificação. Além disso, a autora aponta para a influência de fatores extralinguísticos, assim como Hopper e Traugott (1993).

Baseando-se em Meillet (1912),<sup>20</sup> Longhin-Thomazi (2006) afirma que, entre os processos de gramaticalização, “a formação de conjunções tem se mostrado um domínio extremamente fértil, visto que na história das línguas, essa classe de palavras sempre esteve sujeita à renovação”.<sup>21</sup> A autora assume, também, o ponto de vista de alguns estudiosos quanto à transparência exibida nos processos diacrônicos de gramaticalização das conjunções. Longhin-Thomazi (*op. cit.*) também referencia Sweetser (1991), pois, para a autora, a reformulação semântica das conjunções, em específico da conjunção *logo*, estaria fundamentada em uma relação semântica de orientação cognitiva e aliada a processos pragmáticos dos atos de fala. Assim:

A gramaticalização consiste num processo gradual e histórico de pragmatização do significado, que envolve, por um lado, estratégias de caráter inferencial, que levam ao aumento de informação pragmática e, por outro lado, estratégias de caráter metafórico, que levam ao aumento de abstração.<sup>22</sup>

Verifica-se, portanto, a correlação entre semântica e pragmática no estatuto das conjunções. Isso explicaria, tal como estamos propondo, a nova relação sintática assumida pela conjunção e, resultado de uma provável reavaliação social e, conseqüentemente, de uma resignificação da conjunção.

<sup>20</sup> MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.

<sup>21</sup> LONGHIN-THOMAZI. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva, p. 60.

<sup>22</sup> LONGHIN-THOMAZI. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva, p. 60.

## Metodologia

Por se tratar de um projeto-piloto, para o presente estudo foram selecionadas aproximadamente 550 palavras<sup>23</sup> de 4 documentos, conforme seguem listados abaixo:

- (i) Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês (1781) – 559 palavras;
- (ii) Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo (1782) – 567 palavras;
- (iii) Estatuto da Irmandade do Santíssimo Sacramento (1785) – 581 palavras;
- (iv) Estatuto da Ordem Terceira de São Francisco (1778) – 560 palavras.

Esses documentos, até então inéditos, foram editados pelas Profas Dras Aléxia Teles Duchowny e Sueli Maria Coelho (2013). São documentos datados do século XVIII e pertencem à Mitra Arquidiocesana de Diamantina. Visto que foram selecionados excertos para composição do *corpus*, a contabilização desses dados foi feita manualmente e as ocorrências foram identificadas e definidas de acordo com a função sintática que exercem dentro do contexto em que estão inseridas. A quantidade de ocorrências encontradas foi tabelada por meio de regra de três simples e, para a análise dos dados, recorreremos a alguns dos critérios apresentados por Hopper (1991 citado por Gonçalves; Carvalho, 2007), a fim de verificar se, conforme hipótese aventada por nós, a conjunção e estaria em processo de gramaticalização.

## Apresentação dos dados e discussão dos resultados

Consenso entre muitos dos gramáticos e dicionaristas, a conjunção e é tida como conjunção coordenativa de adição, seja ligando termos, seja ligando orações. Isso pode ser devido à sua origem etimológica (latim *et*), visto que essa poderia ser a função primária da conjunção. Contudo, como visto no exemplo (1), há casos em que essa conjunção pode assumir valor adversativo. Abaixo, na tabela 1, está apresentada a quantidade de ocorrências encontradas no *corpus*, de acordo com a relação sintática que assumem dentro do contexto em que foram empregadas. Para uma melhor organização dos dados, as conjunções aditivas que ligam termos foram separadas das que ligam oração:

<sup>23</sup> Houve a necessidade de se equalizar os *corpora*, para que um *corpus* não fique privilegiado em detrimento do outro. Apesar disso, houve algumas diferenças quanto à quantidade de palavras, mesmo que pouca, para se manter o conteúdo do excerto completo em cada documento.

**Tabela 01 – Ocorrências da conjunção e em documentos adamentinos mineiros**

<b>Documentos</b>	<b>Aditiva ligando termos</b>	<b>Aditiva ligando orações</b>	<b>Adversativa</b>	<b>Total</b>
<b>Relação sintática</b>				
Estatuto da Irmandade do Santíssimo Sacramento (EISS)	24 (15%)	10 (7%)	01 (1%)	35 (23%)
Estatuto da Ordem Terceira de São Francisco (EOTSF)	16 (11%)	21 (14%)	02 (2%)	39 (27%)
Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês (EINSM)	18 (12%)	15 (10%)	-	33 (22%)
Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo (EINSA)	15 (10%)	28 (18%)	-	43 (28%)
<b>Total</b>	<b>73 (48%)</b>	<b>74 (49%)</b>	<b>03 (3%)</b>	<b>150 (100%)</b>

Fonte: dados computados.

Como pode ser observado na tabela 01 acima, a maior quantidade de ocorrências encontradas foi de conjunções com relação sintática aditiva, seja ligando termos, seja ligando orações, com uma quantidade somada de 147 ocorrências (97%), do total de 150. Isso é reflexo de sua origem etimológica, em que essa conjunção exercia a função copulativa, conforme visto em Lobato (1815), em Constancio (1831), em Ribeiro (1950), em Nascentes (1955) e em Cunha (2010). Os exemplos (2) a (9) ilustram esses casos:

Conjunção aditiva (ligando termos):

- (2) "Sob nosso signal, **e** Sello." (EOTSF, 1778, fol. 3v, grifo nosso.)
- (3) "Por mim numerado, **e** rubricado." (EINSM, 1781, fol. 2v, grifo nosso.)
- (4) "Evitando imprestimos dos moveis, **e** paramentos da mesma." (EINSA, 1782, fol. 2r, grifo nosso.)
- (5) "Rainha de Portugal, **e** dos Algarves, d'aquém, **e** d'além mar." (EISS, 1785, p. 2, grifo nosso.)

Conjunção aditiva (ligando orações):

- (6) "Das pessoas que aõde ser ademetidas a esta Ordem, **e** forma emque o devem ser." (EOTSF, 1778, fol. 5r, grifo nosso.)
- (7) "Para eles poderem Levantar **e** Erigir de novo neste Arraial uCapela." (EINSM, 1781, fol. 4v, grifo nosso.)
- (8) "Nesta Irmandade haverá hum Capellam, o qual Sera eleito pela Meza, **e** Selheldará apurção pelo que for ajustado." (EINSA, 1782, fol. 1r, grifo nosso.)
- (9) "O Provedor não terá a regalia de trazer a chave do Sacrario ao pescoço, que he só própria do Paroco; **e** o Escrivão não terá fé pública nas suas Escrituras." (EISS, 1785, p. 2, grifo nosso.)

Vê-se que, nas ocorrências de (2) a (9), a conjunção *e* é empregada conforme especificado por dicionaristas e gramáticos. Em todos esses casos, é verificada a conexão de termos e orações, sendo que as partes possuem o mesmo valor de verdade. Nas palavras de Ribeiro (1950), "as conjunções copulativas [ou aditivas] estabelecem entre proposições semelhantes uma relação de unidade, fundada em sua semelhança mesma".<sup>24</sup>

Por outro lado, foram encontradas três ocorrências (3%) em que a conjunção *e* possui relação sintática adversativa, conforme demonstram os exemplos (10), (11) e (12):

- (10) E cumprirão exactamente tudo que pelo meu Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens lhes for mandado, dando contas ao [P]rovedor das Capellas da Comarca, a que a mesma Igreja pertencer, **e não** a outrem, por quanto a Mim pertence sómente tomar as contas pelos Ministros que me parecer, das Confrarias, sitas nas Igrejas das Ordens, por serem izentas por Bulla Apostolica de toda outra jurisdicção. (EISS, 1785, p. 2, grifo nosso.)
- (11) Conforme a ella se vottará sobre a pettiçam, na qual se escreverá a mesma imformaçam pello Irmam Secretario, assignada por elle, e pellos imformadores. **E nam** a vendo na meza as dittas pessoas que imformem: o Irmam Secretario, escreverá a dous Irmaons desconhecida verdade que morem para as partes aonde rezide o pertendente, paraque estes debaixo desegredo, o imformem dos requezitos neçarios. (EOTSF, 1778, fol. 5r, grifo nosso.)
- (12) E amesma forma seguardará na Profisam, para a qual sempre precederá a imformaçam do Irmam Mestre dos Noviços, e do Irmam Zellador, de commo tem satisfeito com as suas obrigaçoens; **enam** Professará sendohomem, semtrazer Abito. (EOTSF, 1778, fol. 6r, grifo nosso.)

Em (10), em (11) e em (12), observamos que, diferentemente dos exemplos de (02) a (09), a conjunção *e* expressa ideia de oposição da segunda proposição em relação à primeira, o que pode estar realçado, no contexto, pela presença do *não*. Em todas as ocorrências identificadas no

<sup>24</sup> RIBEIRO. *Serões grammaticaes*, p. 353.

*corpus*, a conjunção e com valor adversativo ocorre adjunta a um advérbio de negação. Acreditamos que seja esse o contexto sintático que permitiu a reanálise da conjunção aditiva em adversativa. Em todos os três contextos, a construção e *não* pode ser substituída por uma conjunção adversativa (*mas, porém, contudo* etc.), sem prejuízo de sentido.

Uma observação importante acerca do contexto sintático refere-se ao exemplo (13) abaixo:

- (13) "A obrigação do Juiz, he a de maior importancia, que há nesta Irmandade, porque a ele pertence deligenciar com todo o Cuidado, que os Irmaões sejaõ muito Zelozos, **e não** faltem as Suas obrigações." (EINSA, 1782, fol. 1v, grifo nosso.)

No exemplo (13), diferentemente do que ocorre nos casos de adversativas (exemplos de (10) a (12)), a conjunção e instaura apenas a relação sintática de adição. Apesar da presença do vocábulo *não*, como nos outros casos, o sentido que se abstrai é de que os irmãos, além de serem zelosos, não podem faltar de suas obrigações. Isso sugere que o contexto da reanálise tenha sido um contexto negativo, mas também se alinha à descrição de Bechara (2009), segundo a qual preexiste uma relação aditiva no conteúdo suplementar de oposição.

## **Gramaticalização da conjunção e: aplicação dos critérios de Hopper (1991)**

De acordo com Gonçalves e Carvalho (2007), os critérios apresentados por Hopper (1991) servem como "guia empírico para a identificação de tendências de gramaticalização, passíveis de serem apreendidas na língua em uso".<sup>25</sup> Dada essa característica dos critérios de Hopper (1991), torna-se possível verificar se os casos apresentados na seção anterior configuram um processo de gramaticalização da conjunção e. Isso porque, ao que parece, trata-se de um provável estágio inicial da mudança, já que foram poucas as ocorrências encontradas da conjunção assumindo uma relação sintática adversativa.

Dentre os cinco parâmetros estabelecidos por Hopper (1991) para a identificação de estágios de gramaticalização, os que auxiliaram no presente estudo foram os da *estratificação*, da *divergência* e da *persistência*.

<sup>25</sup> GONÇALVES; CARVALHO. Critérios de gramaticalização, p. 90.



O parâmetro da *estratificação* é caracterizado pela coexistência de formas novas com as antigas. Isso ocorre porque a substituição das formas antigas não acontece de imediato, deixando de existir assim que as novas formas surgem. Muitas vezes, essa substituição pode, inclusive, não ocorrer. Dessa forma, há a interação/coexistência das formas, conforme o que foi visto no presente estudo: a forma inovadora, conjunção e com valor adversativo, coexiste com a forma antiga, conjunção com valor de adição. Ambas as formas coexistem, ainda, no português contemporâneo, como pode ser visto nas definições do dicionário Aulete *on-line* e de Bechara (2009), que, apesar de não considerar a nova relação sintática exercida pela conjunção, reconhece o sentido de oposição.

O parâmetro da *divergência* pode ser entendido como um tipo especial de *estratificação*, contudo sua diferença se pauta na possibilidade de se remeter a diferentes graus de gramaticalização. Segundo Gonçalves e Carvalho (2007), “[ela] é aplicável aos casos em que um mesmo item lexical autônomo se gramaticaliza em um contexto, deixando de o fazer em outros”.<sup>26</sup> Isso explicaria “a existência de formas etimologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes”.<sup>27</sup> É o que parece ter ocorrido com a conjunção *e*. A origem etimológica da conjunção *e* remete ao latim *et*, que possuía a função sintática de adição, (Constancio, 1831; Nascentes, 1955; Cunha, 2010). Já os dados encontrados no *corpus*, exemplos (10), (11) e (12) referem-se a essa mesma conjunção, que assumiu uma relação sintática diferente do que se tinha em sua origem etimológica. Assim, a relação aditiva ou adversativa só pode ser identificada em face do contexto em que a conjunção é empregada no discurso.

O parâmetro da *persistência*, por sua vez, remete à “manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada”.<sup>28</sup> No caso da conjunção *e*, quando com valor de adição, ela pode ligar tanto termos (cf. exemplos (02) a (05)), quanto orações (cf. exemplos (06) a (09)). Já a forma mais gramaticalizada, com valor

<sup>26</sup> GONÇALVES; CARVALHO. Critérios de gramaticalização, p. 81.

<sup>27</sup> GONÇALVES; CARVALHO. Critérios de gramaticalização, p. 81.

<sup>28</sup> GONÇALVES; CARVALHO. Critérios de gramaticalização, p. 83.

adversativo, mesmo ainda exibindo a função aditiva de conectar elementos do discurso, não pode ser utilizada para ligar termos, restringindo-se apenas à conexão de orações. Isso ilustra uma restrição do contexto sintático do item *e*, conseqüentemente, uma redução de seu escopo, o que lhe confere maior grau de gramaticalidade. Ademais, explica “o valor suplementar” de oposição atribuído por Bechara (2009) a essa conjunção. Ao afirmar que o valor aditivo persiste na relação, permitindo uma leitura suplementar adversativa, o gramático remete à persistência da função copulativa, oriunda do sentido etimológico.

Os parâmetros da *especialização* e *descategorização*, por hora, não foram passíveis de se aplicar ao presente estudo. O primeiro se relaciona à frequência de uso da forma mais gramaticalizada. Percebe-se um “estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função”.<sup>29</sup> Como nosso recorte temporal foi restrito, assim como a amostragem, julgamos pertinente abstermo-nos da análise desse critério, para não correremos o risco de incorreremos em generalizações precipitadas. Já o parâmetro da *descategorização*:

Remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. [...] Em outras palavras, a forma em gramaticalização tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas como nomes e verbos, vindo a assumir atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, como advérbios, pronomes, preposições, clíticos, afixos, podendo, em alguns casos, chegar a zero.<sup>30</sup>

Considerando-se a perspectiva sincrônica da análise, esse parâmetro não é passível de análise em nosso *corpus*, visto que as conjunções, assim como sugere Constancio (1831), teriam vindo de nomes e de verbos do latim, e considerando o que Longhin-Thomazi (2006) afirma sobre o fato de que a fonte das conjunções é “diacrônica e, até certo ponto, transparente”,<sup>31</sup> é provável que também com a conjunção *e* isso possa ter ocorrido. Desse modo, para incluirmos esse parâmetro na análise é

<sup>29</sup> GONÇALVES; CARVALHO. Critérios de gramaticalização, p. 82.

<sup>30</sup> GONÇALVES; CARVALHO. Critérios de gramaticalização, p. 84.

<sup>31</sup> LONGHIN-THOMAZI. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva, p. 60.

indispensável um estudo diacrônico, que congregue dados da língua latina, bem como uma quantidade maior de dados. Por ora, apenas os três parâmetros avaliados são suficientes para o alcance de nossa análise.

## Considerações finais

A partir do que foi explorado no presente estudo, nossa hipótese se confirma, dado que alguns dos critérios (*estratificação, divergência e persistência*) apresentados por Hopper (1991 citado por Gonçalves; Carvalho, 2007) possibilitaram a identificação de um processo de gramaticalização, bem como a análise do contexto em que tais ocorrências foram empregadas. É importante ressaltar que se trata de um estudo inicial, mas que aponta para fortes indícios de que a conjunção *e*, assim como outras conjunções (*todavia* e *logo*, por exemplo), tenha sofrido um processo de gramaticalização, assumindo uma nova relação sintática com valor adversativo, além da relação sintática de adição, exercida anteriormente. Isso é perceptível, basicamente, nas diferenças no discurso encontrada em nosso *corpus*. Torna-se urgente, então, um estudo mais aprofundado acerca dessa mudança linguística, analisando-se sua ocorrência em diferentes sincronias do PB, o que possibilitará definir um *continuum* de gramaticalização do item estudado.

Licenciada em português/italiano pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestranda em Estudos Linguísticos pela mesma universidade. O presente artigo foi elaborado como parte integrante de atividades da disciplina "Seminário de tópico variável em linguística teórica e descritiva: uma abordagem teórica da mudança linguística sob a perspectiva da gramaticalização", ministrada pela Profa. Dra. Sueli Maria Coelho. *E-mail*: shirlenecoelho@outlook.com

## Referências

- AULETE ONLINE. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em: 10 fev. 2017.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLUTEAU, D. Raphael. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <<https://bit.ly/2GZpbgs>> Acesso em: 8 ago. 2017.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e a reanálise de –mente. In: COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo Teixeira (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e*

aplicações. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 57-74.

CONSTANCIO, Francisco Solano. *Grammatica analytica da lingua portugueza offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. Paris/Rio de Janeiro: Casa de J. P. Aillaud/Em Casa de Souza, Laemmert e C<sup>a</sup>, 1831. Disponível em: <<https://bit.ly/2GVwBVX>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon/FAPERJ, 4. ed. rev. e atual., 2010, p. 233.

DUCHOWNY, Aléxia Teles; COELHO, Sueli Maria. *Edição semidiplomática e fac-similar de documentos adamantinos setecentistas*. Belo Horizonte: Viva Voz. 2013.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 67-90.

HOPPER, J. Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1991. p. 17-35. v. 1.

HOPPER, Paul J.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. (Cambridge Textbooks in Linguistics).

LOBATO, Antonio José dos Reis Lobato. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos, 1815. Disponível em: <<https://bit.ly/2H1yH2Q>> Acesso em: 8 ago. 2017.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 59-72. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2F83UDL>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1921.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguêsã*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1995. v. 1.

RAMOS, Jânia Martins. Interjeições e gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora! no dialeto mineiro. In: COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo Teixeira. *Estudos de processos de gramaticalização em português*: metodologias e aplicações. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 315-332.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticæes*. 4. ed. Salvador: Aguiar e Souza, 1950.

ROCHA, Ana Paula Antunes. Anyway, tuttavia, todavia: o mapeamento de uma mudança semântica. In: COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo Teixeira. *Estudos de processos de gramaticalização em português*: metodologias e aplicações. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 255-273.

SWEETSER, Eve. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

# Gramaticalização de *senhor*: a abreviatura como pista gráfica

Vivian Canella Seixas

## Introdução

Objeto de pesquisa de várias áreas da linguística, o vocábulo *senhor* é bastante produtivo no Português Brasileiro (PB) devido à variedade de significados que possui e às funções que lhe são atribuídas.

Quanto à mudança na sua forma, Seixas (2016) evidencia que *senhor* tem como origem o latim *senior*, palavra com raiz proto indo-europeia *\*sen-*, e parece ter passado pelo seguinte percurso de mudança morfológica: PIE<sup>1</sup> *\*sen-* > latim *senior* > português antigo *sennor* → português antigo *senhor* → português antigo *señor* > português moderno *senhor*. Além disso, ao considerar as formas coocorrentes do século XIII, quais sejam, *sennor*, *senor* e *señor*, a autora aponta, ainda, que essa transformação ocorreu provavelmente por motivação fonética, o que a fez sugerir o seguinte percurso para a mudança até a forma hodierna: primeiramente, a transformação se deu por assimilação total progressiva do fonema /i/, posteriormente por síncope do fonema /n/ e, por fim, por nasalização e palatalização do fonema /n/.

De uma perspectiva funcional, esse item passou por processo de gramaticalização, de um estatuto menos gramatical, com função de nome, a mais gramatical, com função de pronome, tendo a sua extensão de sentido ocorrido da seguinte maneira: *homem idoso* > *homem possuidor de bens e pessoas* > *homens poderosos* > *homens de respeito*.

<sup>1</sup> Proto indo-europeu.

Passou também por redução morfofonológica, encontrando-se, atualmente, também nas formas *sinhô* e *sô* (Ramos, 2006).

Nesses termos, considerando-se que o *senhor* passou por mudança linguística, este trabalho também o analisa, porém, à luz de novos dados: busca-se investigar se as suas abreviaturas são indícios superficiais do processo de mudança.

Consideraremos, então, as abreviaturas como ferramenta de análise, ou seja, itens que possuem, de fato, informações valiosas sobre processos linguísticos, o que vai ao encontro da proposta de Cohen (2016) quando afirma que “as abreviaturas são língua, significam linguisticamente”.<sup>2</sup>

Ressalta-se que a escolha das abreviaturas do vocábulo *senhor* não foi aleatória. Isto é, deu-se a partir da observação de que, em cartas do século XVIII, elas eram muito frequentes e apresentaram variadas formas, como as que podem ser vistas nas frases a seguir:

- (1) Sobr. o mais am.<sup>e</sup> saudoso, Sr. e m q me acho em hum Reino. (1777, corpo do texto.)
- (2) *Snr*’. M<sup>el</sup>. Vieira de Araujo. (1776, saudação.)
- (3) *Snr*’ Cap.<sup>m</sup> Luis da S.<sup>a</sup> Valle. (1787, saudação.)
- (4) *Snr* T.<sup>e</sup> Luis da Sylva Valle. (s/d, saudação.)
- (5) Ao S<sup>r</sup> Luis Ant. de Barros. (1790, destinatário.)
- (6) *Snr* Luis Ant. de Barros. (1790, saudação.)
- (7) Eu não pedi ao S.<sup>r</sup> Joaquim. (1792, corpo do texto.)

Observou-se, nesse *corpus*, que as abreviaturas variavam quanto à extensão do item, à presença ou à ausência de sinais (ponto, apóstrofo e traço) e ao uso de iniciais maiúsculas e minúsculas, e que eram usadas como nome e como pronome de tratamento.

Sabe-se que uma das funções das abreviaturas era economizar espaço e acelerar o processo da escrita quando não se possuía papel ou papiro em abundância.<sup>3</sup> Porém, além dessa função de economia, as abreviaturas podem exercer outras funções e fornecer informações que transcendem os aspectos ortográficos (Chaves, 2006), o que nos fez refletir se a variedade das formas nos fornece dados, ainda que ocultos superficialmente.

<sup>2</sup> COHEN. Pelos caminhos de Minas: o Português nos manuscritos da Estrada Real, p. 19.

<sup>3</sup> Ressalta-se que havia exceções, visto que algumas abreviaturas eram mais extensas do que os nomes.

Cabe ressaltar que a análise da forma de um item em estudos diacrônicos tem se mostrado uma ferramenta importante na investigação de processos de mudanças, como feito por Chaves (2006), que investigou o pronome *Vossa Mercê* e as suas abreviaturas como pistas gráficas do processo, e por Cohen (2010), que utilizou as formas abreviadas do sufixo *-mente* para evidenciar o *continuum* diacrônico da sua gramaticalização e para detalhar os diversos graus de coesão do item.

Além disso, de acordo com Cohen (2010), a mudança categorial de um item e os graus de coesão podem ser observados a partir da sua mudança da estrutura subjacente devido a um processo de reanálise. Isso nos levou a questionar se as abreviaturas de *senhor* são os elementos visíveis da estrutura subjacente, assim como a referida autora revelou que as abreviaturas do sufixo *-mente* o eram.

Nesse contexto, consideramos que a gramaticalização é um processo recorrente nas línguas e que, a ele, vincula, dentre outros, o aspecto coesivo. Nesse caso, a análise desse aspecto se mostra pertinente, principalmente pelo fato de haver variação na forma da estrutura superficial, isto é, nos seus constituintes, o que nos leva a pensar, também, que essa variação é um reflexo dos graus de coesão e de gramaticalização do item e que eles podem ser identificados.

Assim, o problema que motivou essa pesquisa foi a variedade de abreviaturas empregadas no século XVIII como representação do vocábulo *senhor*. E, sob o ponto de vista do uso da forma para a investigação da mudança, este trabalho tem como objetivo principal verificar se elas fornecem alguma informação funcional acerca do processo de gramaticalização.

Diante das observações apresentadas, os seguintes questionamentos foram levantados:

- (i) Quais são as formas abreviadas de *senhor* nos textos do século XVIII?
- (ii) Os constituintes das abreviaturas refletem os graus de coesão de *senhor*?
- (iii) As abreviaturas refletem o processo de gramaticalização de *senhor*?

Antes de ser iniciada a análise, será apresentada uma síntese do aporte teórico, bem como os procedimentos metodológicos adotados. E, por fim, serão apresentadas as considerações finais.

## Aporte teórico

Haja vista que um dos objetos dessa pesquisa é a abreviatura, cabe discorrer sobre a norma adotada na sincronia investigada e, para fins de cotejamento, na atual.

Assim, quanto à recomendação para o emprego de abreviatura, não foi encontrada norma prescritiva em gramática do século XVIII, o que pode explicar a ausência de sistematicidade naquele momento. O que se encontra é a definição de abreviatura e a sua função, ainda relacionada ao ganho de rapidez na escrita, como pode ser visto no trecho encontrado em Bluteau (1728):

ABREVIATURAS, Abreviatũras. Palavras abreviadas, ou caracteres, que tem lugar de palavras inteiras. Forão inventadas para escrever com mais brevidade, & hã tres modos de abreviar a palavra, que se quer pintar na escritura. O primeiro modo, he por uma só letra, que signifique huma dicção inteira. O segundo, he pôr algumas letras, & deixar as outras. O terceiro he formar huns caracteres, ou figuras, que ainda não sejam as letras, não deixão de significar a palavra, que se quer dizer. [...] Escrevesse por abreviaturas, o que se vay dictando com muita pressa, & corre a mão, de quem escreve tão veloz, como a lingua, de quem falla.<sup>4</sup>

Por sua vez, gramáticas do século XIX já forneciam as prescrições para o uso das abreviaturas, incluindo o emprego da forma quando se trata de pronomes de tratamento:

Usa-se de algumas abreviaturas para as quaes não há regras seguras, por isso deve-se nestes casos proceder de modo que as letras escriptas dêem a conhecer facilmente as palavras que queremos representar, como: SS<sup>mo</sup> Santissimo, Ex.<sup>mo</sup>, Excellentissimo, Ill<sup>mo</sup> Illustrissimo, R.<sup>mo</sup> Reverendissimo, *Sr. Senhor, Sr<sup>a</sup> Senhora*<sup>5</sup>

Além disso, era obrigatória a escrita dos títulos e tratamentos de reverência com letra maiúscula (Chaves, *op. cit.*).

A definição de abreviatura hoje é a de que ela consiste na “representação contraída de uma palavra ou de locução por uma ou mais letras dessa palavra, geralmente as iniciais, seguidas de um ponto, como, por exemplo, *dr.* (doutor), *Ita*.”<sup>6</sup>

<sup>4</sup> BLUTEAU. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...*, p. 42-43.

<sup>5</sup> CHAVES. *Implementação do pronome “Você”*: a contribuição das pistas gráficas, p. 61. (Grifo nosso.)

<sup>6</sup> <http://www.aulete.com.br/abreviatura>



Ainda, conforme Chaves (2006), há um consenso no PB contemporâneo em relação às regras que organizam o uso e a formação das abreviaturas. Mais especificamente, no que diz respeito ao objeto deste trabalho, quando o item a ser abreviado é um pronome, a norma prescreve que seja iniciado com letra maiúscula e que possua ponto abreviativo, como no caso de *senhor* (*Sr.*). Quando possui letra sobrescrita, a tendência atual é inserir essa letra no corpo da palavra e deslocar o ponto abreviativo para o final delas, como em *senhora* (*Sr<sup>a</sup>.*).

Quanto ao aspecto funcional dessa pesquisa, para a análise do objeto em questão, considera-se a gramaticalização, conforme proposto por Meillet (1912), como o processo de atribuição de um estatuto gramatical a um item anteriormente autônomo e, também, a definição de Kuryłowicz (1965), na qual o processo de gramaticalização consiste na passagem do item menos gramatical ao mais gramatical.

Além disso, sabe-se que a mudança se dá de forma gradual e não abrupta, e que, em seu percurso, há estágios intermediários pelos quais os itens perpassam, sendo esses estágios denominados graus de gramaticalização. É possível, ainda, conforme Lehmann (1982), aferir o grau de gramaticalização de um item devido à relação que esse aspecto possui com a sua autonomia. Para o autor, a relação é a seguinte: quanto maior a liberdade com a qual um item é usado, mais autônomo ele é e, portanto, menos gramatical. Desse modo, a autonomia de um item é inversamente proporcional à sua gramaticalidade. Se quisermos medir o grau de gramaticalização de um item, temos, então, que determinar o seu grau de autonomia.

Sendo assim, consideramos, neste trabalho, a gramaticalização como um processo de escala temporal passível de variações em seu processamento, as quais possuem níveis e podem ser perceptíveis. Mais especificamente, espera-se que o grau de gramaticalização do item *senhor* utilizado nas cartas possa ser aferido através da posição da abreviatura na carta, já que, quando utilizado como nome, ele pode ocorrer em posições distintas na estrutura sintática, o que lhe confere maior grau de autonomia, enquanto, quando usado como pronome de tratamento, tem posição fixa, somente podendo ser utilizado antes de nome próprio, o que lhe atribui menor grau de autonomia.

Isso se relaciona, também, ao aspecto da coesão proposto por Lehmann (*op. cit.*), mais exatamente ao parâmetro da variabilidade sintagmática de um item, que é a facilidade com que pode ser deslocado em seu paradigma. No caso de um item gramaticalizado, trata-se principalmente de sua mutabilidade posicional no que diz respeito a esses componentes com os quais entra em construção. A partir dela é possível, então, determinar o grau de gramaticalização de um item, tendo em vista que a variabilidade sintagmática diminui à medida que a gramaticalização aumenta.

Além disso, o referido autor trata a questão do escopo, ou constituinte, como outro parâmetro sintagmático. Nesse quadro, o peso sintagmático ou escopo de meios estruturais é o tamanho estrutural da construção que ele ajuda a formar. O tamanho estrutural de uma construção será considerado, na ausência de critérios mais precisos, como sendo determinado pelo seu nível de estrutura constituinte. Esse parâmetro se articula com a gramaticalização, uma vez que o peso de um item diminui à medida que o grau de gramaticalização aumenta.

E visto que o aspecto da coesão é uma das etapas do processo de gramaticalização (Cohen, 2010) e que, para Harris e Campbell (1995 citado por Cohen, 2010), “a questão da coesão seria uma das informações fornecidas pela estrutura subjacente que pode estar em jogo nos processos de gramaticalização”,<sup>7</sup> investigaremos se há relação entre os elementos constituintes da abreviatura e os aspectos coesivos mencionados.

O processo de gramaticalização de *senhor* tem, também, relação com o de reanálise, uma vez que esse “mecanismo muda a estrutura subjacente de um padrão sintático e que não envolve uma modificação intrínseca ou imediata na sua manifestação superficial”<sup>8</sup> (Harris e Campbell, 1995 citado por Cohen, 2010). Com a reanálise ocorre, ainda, o apagamento das fronteiras entre determinados constituintes sem alteração da estrutura superficial da unidade sintática, desenvolvendo-se uma nova estrutura (Lehmann, 1982).

<sup>7</sup> COHEN. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e reanálise de *mente*, p. 70.

<sup>8</sup> COHEN. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e reanálise de *mente*, p. 61.

Como a reanálise está associada à estrutura profunda, ou seja, aos constituintes, à estrutura hierárquica, às categorias lexicais, às relações gramaticais e à coesão, ao ocorrer uma reinterpretação, qualquer propriedade destes elementos é atingida (Harris e Campbell, 1995). Isto é, com a reanálise, o que muda são os traços associados às unidades lexicais e funcionais. No caso do objeto em questão, parece que atinge a coesão.

Diante do exposto, consideraremos, então, que tais aspectos se aplicam ao item *senhor*, pois não há mudança explícita em sua forma por extenso, somente dos constituintes das suas abreviaturas, e, baseando-nos nos pressupostos acima evidenciados, pretendemos verificar se a combinação dos seus constituintes reflete variados graus de coesão que poderiam estar em jogo naquele momento e se as abreviaturas refletem o processo de gramaticalização.

## **Procedimentos metodológicos**

A partir dos pressupostos da sociolinguística, o aporte metodológico utilizado neste trabalho para lidar com o *corpus* é a Teoria da Variação (Labov, 1972), tendo em vista a necessidade de se quantificar os dados.

Mais especificamente, nesse trabalho, como o processo é diacrônico, foram analisados dados de uma sincronia pretérita, o século XVIII, tendo como contraponto a forma padrão do item *senhor* adotado no PB hodierno, qual seja, a abreviatura *Sr.*

Para a realização da análise com base no tempo real, foi investigada uma amostra composta por 60 cartas pessoais da segunda metade do século XVIII, com datação entre 1775 e 1792. Estes documentos fazem parte do *Fundo Barão de Camargos*, arquivo que se encontra no museu Casa do Pilar, o anexo III do Museu da Inconfidência, localizado na cidade de Ouro Preto. Esse acervo é composto por caixas que contêm correspondências e documentos que pertenciam ao primeiro Barão de Camargos e aos seus familiares, ascendentes e descendentes. Para esta pesquisa, selecionamos cartas que fazem parte de três caixas, pertencentes a (a) Manoel de Oliveira Pinto (1730-1778); a (b) Luis Silva Valle (1770-1817) e a (c) Clara Felicia da Roza (1777-1785).

Quanto à coleta dos dados, buscamos todas as formas abreviadas do vocábulo *senhor*, observando-se a forma abreviada não desenvolvida.

No que tange à organização dos dados, foi feita uma distinção em relação à posição da abreviatura na carta, a saber: saudação, corpo do texto, despedida, destinatário e remetente, haja vista que a posição de um item pode refletir a sua função naquele contexto.

A partir do levantamento, obtivemos os constituintes das abreviaturas. E, para a organização dos dados para a análise, ordenamos as abreviaturas de acordo com os seguintes aspectos, nessa ordem: (1º) quantidade de letras; (2º) ordem alfabética; (3º) inicial maiúscula; (4º) inicial minúscula; (5º) ausência de sinal abreviativo (apóstrofo); (6º) presença de sinal abreviativo (apóstrofo); (7º) presença de sinal abreviativo (ponto); (8º) ausência de letra sobrescrita e (9º) presença de letra sobrescrita.

No que diz respeito à análise dos dados, apoiando-nos no trabalho desenvolvido por Cohen (2010) e nos pressupostos de Lehmann (1982) e de Harris e Campbell (1985), consideramos a abreviatura e os seus constituintes a ferramenta linguística para a identificação do grau de coesão dos constituintes da abreviatura e, conseqüentemente, dos graus de gramaticalização do item *senhor*.

Para tanto, foi necessário medir o grau de autonomia do item, e como o aumento da coesão de um item está relacionado à combinação dos seus itens linguísticos (Lehmann, 1982), analisamos, então, os constituintes da abreviatura como índices coesivos. Foi necessário determinar, portanto, quais são os aspectos que estabelecem o grau de autonomia do item. E, considerando-se que quanto menos autônomo um item é, maior é a sua coesão, e tendo como contraponto a forma padrão do PB atual *Sr.*, após identificarmos os constituintes das abreviaturas, estabelecemos os seguintes critérios para atestar o grau coesivo: (i) a extensão da abreviatura (a quantidade de letras); (ii) o emprego das letras semelhantes e distintas; (iii) o uso de inicial maiúscula ou minúscula; (iv) a presença ou a ausência de sinal (ponto, apóstrofo ou traço) e (v) presença ou a ausência de letra sobrescrita.

Ou seja, considerando-se *Sr.* a forma mais gramatical, haja vista sua posição fixa na função de pronome de tratamento, delimitamos que,

quanto mais parecida com a forma padrão atual, mais gramatical e mais coesa será a abreviatura.

## Análise dos dados

Visto que um dos objetivos é descrever as abreviaturas de *senhor*, apresentam-se, na tabela 1, a seguir, as ocorrências em função da sua posição na carta.

**Tabela 1 – Abreviaturas de senhor em função da posição no texto**

	Abrev.	Saudação	Corpo do texto	Despedida	Destinatário	Remetente	TOTAL
1	S		2				2
2	S'		1				1
3	S.		2				2
4	S. <sup>r</sup>	4	3				7
5	s <sup>r</sup>			1			1
6	S <sup>r</sup>			2			2
7	Sr.	1	4				5
8	sr.	1	1				2
9	Snr	2	3				5
10	Snr.	1					1
11	Snr'	7		3		1	11
12	Snr'.	2					2
13	Snr	1					1
14	S <sup>or</sup>	1					1
15	Snr <sup>o</sup>	1	1				2
16	Snr <sup>o</sup> .		1				1
17	Snr <sup>os</sup>		1				1
18	Snr <sup>os</sup> .		1				1
19	Snr <sup>or</sup>		1				1
20	Senr. <sup>r</sup>		1				1
	<i>Total</i>	21	22	6		1	50

Fonte: Dados computados.

A análise dos dados revelou que, dentre as 50 ocorrências de abreviaturas do item *senhor*, há 20 formas distintas. As variações se dão quanto ao número de letras (de um a cinco), ao uso de inicial maiúscula

ou minúscula, ao uso de sinais (ponto e apóstrofo) e à ausência/presença de letra(s) sobrescrita(s). Além disso, são utilizados dois sinais: o ponto, com muito mais frequência, e o apóstrofo.

Diante dessa diversidade e do fato de que os dados mais significativos<sup>9</sup> estão na saudação, analisamos somente os dados dessa parte da correspondência. Além disso, esse critério se mostra relevante visto que a saudação é a posição em que o item *senhor* é fixo e exclusivamente utilizado como pronome de tratamento, o estatuto mais gramatical, o que nos auxilia a descrever um possível grau de coesão da forma nessa função.

Observamos, inicialmente, que o principal sinal empregado nas abreviaturas da palavra é um ponto abreviativo, logo em seguida à palavra abreviada, elemento empregado ainda hoje. E, com frequência bem menor, foi encontrado o apóstrofo. Conforme mencionado anteriormente, o ponto é um sinal padrão no final da abreviatura, porém o seu uso apresentou variação, já que em algumas formas esse sinal ocorreu antes da letra sobrescrita (*S.<sup>r</sup>*) ou, simplesmente, não ocorreu (*S<sup>r</sup>*).

Listamos as formas abreviadas da saudação em função da quantidade de letras: (i) 4 letras: *Snr<sup>o</sup>*; (ii) 3 letras: *Snr*, *Snr.*, *Snr'*, *Snr'.<sup>r</sup>*, *Snr'<sup>r</sup>*, *S<sup>or</sup>*; (iii) 2 letras: *S.<sup>r</sup>*, *Sr.*, *sr*.

Diante da variação das abreviaturas, para o cotejamento das formas, consideramos, nessa análise, somente aquelas que contêm as mesmas letras. Dois grupos foram, então, selecionados: a) grupo I – as formas que contêm as letras “s” e “r”: *S.<sup>r</sup>*, *Sr.* e *sr.*; e b) grupo II – as formas que contêm as letras “s”, “n” “r”: *Snr'.<sup>r</sup>*, *Snr'<sup>r</sup>*, *Snr.*, *Snr* e *Snr<sup>r</sup>*.

O primeiro grupo apresenta as seguintes formas: *S.<sup>r</sup>* (4 ocorrências/19,04%), *Sr.* (1 ocorrência/4,76%) e *sr.* (1 ocorrência/4,76%). Nas três formas, abreviam-se as mesmas letras, porém, elas se distinguem no que diz respeito ao uso de inicial e ao uso de letra sobrescrita. Cabe destacar que a abreviatura *Sr.*, a forma atual do PB, já aparecia naquele momento, apesar de ter sido somente uma ocorrência.

Além disso, visto que o padrão era o uso de inicial maiúscula e o ponto abreviativo no final (Chaves, 2006), a forma *sr.* é a que menos se

<sup>9</sup> Aqueles que evidenciam maior discrepância no número de ocorrências entre abreviaturas com a mesma quantidade de letras.

distancia da padrão *Sr.*, pois apresenta as mesmas letras e o sinal na mesma posição.

Por fim, a forma mais distante da padrão é *S.<sup>r</sup>*, devido ao uso do “r” sobrescrito e o ponto em posição anterior a essa letra.

O emprego do ponto na abreviatura merece destaque, uma vez que, como deve ser considerado um sinal e não pontuação (Barroca, 2000), a sua função naquele momento se limitava a delimitar o término de uma abreviatura. Porém, parece que essa função estava atrelada à sua posição no texto, ou seja, deveria ficar no final da abreviatura. E, se a posição desse constituinte muda, a sua função também pode ter sido alterada. Nesse caso, o ponto abreviativo em posição anterior à letra sobrescrita, como em *S.<sup>r</sup>*, poderia estar atuando como uma fronteira sintática entre os constituintes da abreviatura, assim como o ponto final, que, no século XVIII, era um índice de limite sintático na estrutura frasal (Seixas, 2013).

O fato de o ponto abreviativo em *S.<sup>r</sup>* não estar no final da abreviatura pode ter favorecido o uso da letra sobrescrita.<sup>10</sup> E, considerando-se o ponto abreviativo como uma quebra sintática, ele poderia estar atuando como uma fronteira entre os constituintes da abreviatura. Isso faria, portanto, com que *S.<sup>r</sup>* possuísse um elemento, o ponto, que impedia a maior coesão dos seus constituintes. Posteriormente, o ponto abreviativo retornou para o final da abreviatura, a sua posição inicial e aquela em que tem a função de delimitar o término de uma abreviatura, o que favoreceu a descida do “r”, transformando-se em *sr*.

Se pensarmos dessa maneira, a forma *sr.*, por sua vez, não possuía uma quebra sintática entre os seus constituintes, mas o uso de inicial minúscula é um elemento sintático distinto da forma padrão, o que também será considerado como constituinte menos coesivo, visto que a norma hoje prescreve o uso de inicial maiúscula.<sup>11</sup>

Diante do exposto, depreende-se que a escala de coesão do grupo I envolvida na gramaticalização de *senhor* é a seguinte:

<sup>10</sup> São necessários mais dados para testar essa hipótese.

<sup>11</sup> É necessário investigar o que motivou isso.

### Figura 1 – Escala de coesão do grupo I

- coeso	intermediário	+ coeso
S. <sup>r</sup>	sr.	Sr.

Interpretando a escala acima, a forma *S.<sup>r</sup>* representa o primeiro grau de coesão (sugerindo ser esse o estágio – coeso da escala de coesão envolvida nesse processo), a forma *sr.* representa o segundo grau de coesão (estágio intermediário de coesão) e a forma *Sr.* vincula-se ao terceiro grau de coesão (estágio + coeso).

No que diz respeito ao grau de gramaticalização, o fato de *S.r* possuir mais ocorrências (04) parece indicar que, naquele momento, essa era a forma mais gramatical, porém, estava indo em direção à forma *sr.* e, posteriormente, à forma *Sr.*, a mais gramatical hoje.<sup>12</sup>

No que diz respeito ao grupo dois, o que contém as formas *Snr'*. (2 ocorrências/9,52%) *Snr.* (1 ocorrência/4,76%), *Snr'* (7 ocorrências/33,3%), *Snr* (2 ocorrências/9,52%) e *Snr* (1 ocorrência/4,76%), observamos que, além de terem mais letras do que a forma *Sr.* do PB atual (o que faz com que tenham menos coesão do que as formas *S.<sup>r</sup>*, *sr.* e *Sr.*), elas contêm dois sinais abreviativos, o ponto e o apóstrofo.

Em relação ao ponto, já apresentamos uma reflexão. Quanto ao apóstrofo, além da função de ser um sinal abreviativo, não encontramos uma função sintática para esse sinal no século XVIII. No século XIX, ele tinha a função de representar a omissão de alguma letra ou a união de palavras (Barbosa, 1822) e hoje ele possui as mesmas funções (Bechara, 1999).

Porém, não parece que o apóstrofo na abreviatura estava indicando a omissão de alguma letra devido à sua posição após a última letra do item senhor, o "r". Assim, se ele não indica supressão, qual seria a sua função como constituinte da abreviatura? Pode ser que a presença do apóstrofo interfira, então, no seu peso sintagmático, já que esse parâmetro, o do escopo (extensão de um item), articula-se com a gramaticalização, uma vez que o peso de um item diminui à medida que a o grau de gramaticalização aumenta. Assim, se pensarmos do mesmo modo como

<sup>12</sup> Uma pesquisa futura pode ser feita na tentativa de verificar em qual sincronia a forma *Sr.* passou a ser a mais gramatical.



foi feito em relação ao ponto abreviativo, o apóstrofo, por ter a mesma forma que a vírgula, poderia, nesse caso, ter a mesma função sintática que ela, a de representar uma quebra sintática na estrutura frasal menor do que a do ponto final (Seixas, 2013).

Considerando isso e os critérios propostos para a análise (cf. seção 2) para atestar o grau coesivo, a escala de coesão do grupo II seria a seguinte:

**Figura 2 – Escala de coesão do grupo II**

- coeso	- coeso	intermediário	+coeso	+coeso
Snr'	Snr.	Snr'	Snr	Snr

Assim, a presença de dois sinais representa mais peso do que de apenas um, o que explicaria, então, *Snr'*. ser o item menos coeso de todos. Posteriormente, *Snr.* tem menos peso do que *Snr'*, visto que o ponto teria mais peso do que o apóstrofo. Nesta, houve a “queda” do apóstrofo, o que a transformou em *Snr*, porém, pode ter havido uma necessidade de se preencher a posição ocupada pelo apóstrofo, o que ocasionou a subida do “r” para a posição sobrescrita em *Snr*.

Quanto ao grau de gramaticalização, o fato de *Snr'* possuir mais ocorrências (07) pode significar que essa era a forma mais gramatical no grupo II.

No que diz respeito ao fato de as abreviaturas refletirem o grau de gramaticalidade do item *senhor*, tendo em vista a dependência disso em relação ao grau de coesão dos constituintes e aplicando os critérios estabelecidos, podemos inferir, então, que o grupo I era o mais gramatical e o grupo II, o menos gramatical.

E, diante dos dados obtidos sobre o grau de coesão dos constituintes, a figura abaixo evidencia possíveis etapas<sup>13</sup> do *continuum* diacrônico de *senhor*, o qual reflete a mudança do estatuto menos gramatical para mais gramatical, em função dos graus de gramaticalização das abreviaturas:

<sup>13</sup> Devido à grande variedade de formas, é possível que outros graus estivessem presentes naquele momento.

**Figura 3 – Graus de gramaticalização de senhor**



Observando a figura anterior, quanto à passagem do grau de gramaticalidade I para o II, é possível que, de *Snr* para *S.r*, como não havia um elemento mais coeso, como o apóstrofo anteriormente, para finalizar a abreviatura e não permitir a “queda” do “n”, a consequente omissão do “n” possa ter sido suprida por um ponto.

Sendo assim, parece que nas abreviaturas, de uma forma geral, a posição que perde algum constituinte é preenchida, ou por outro menos coeso, que esteja em posição posterior, ou, na ausência deste, por ponto abreviativo.

### Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho foi descrever as abreviaturas do vocábulo *senhor* empregadas em cartas da 2ª metade do século XVIII e investigar se elas refletem o processo de gramaticalização pelo qual o item estava passando naquele momento.

Nesse quadro, a título elucidativo, retomando o primeiro questionamento feito, qual seja, “quais são as formas abreviadas de *senhor* nos textos do século XVIII?”, podemos dizer que, dentre as 50 ocorrências, foram encontradas 20 abreviaturas distintas. Essa distinção se deu quanto ao número de letras (de um a cinco), ao uso de inicial maiúscula ou minúscula, ao uso de sinais (ponto e apóstrofo) e à ausência/presença de letra(s) sobrescrita(s).

Quanto ao segundo questionamento feito, a saber, “os constituintes das abreviaturas refletem os graus de gramaticalização do item *senhor*?”, verificamos que os constituintes representam sim os níveis de coesão e, também, atribuímos a eles duas escalas coesivas: (i) no grupo I, a forma *S.r* representa o estágio – coeso da escala de coesão, a forma *sr*. o estágio intermediário de coesão e a forma *Sr*. o estágio + coeso; (ii) no grupo II, os graus de coesão foram ordenados da seguinte forma, do menos para o mais coeso: *Snr'*, *Snr.*, *Snr'*, *Snr* e *Snr*.

O que foi exposto acima está diretamente relacionado ao terceiro questionamento, qual seja, “as abreviaturas refletem o processo de gramaticalização do item *senhor*, visto que o grau de gramaticalidade de um item depende do seu grau de coesão?”. Assim, pudemos verificar, mediante atribuição de critérios, que havia dois graus de gramaticalidade: o grupo I, mais gramatical, e o grupo II, menos gramatical.

Retomando o fato de que no processo de gramaticalização a reanálise afeta o aspecto coesivo da sua estrutura sintática, isto é, a disposição dos constituintes da abreviatura, sem alterar a estrutura superficial e que nesse processo ocorre o apagamento das fronteiras entre determinados constituintes sem alteração da estrutura superficial da unidade sintática, (Harris e Campbell, 1995), verificamos, então, que é possível detalhar a mudança ocorrida na estrutura profunda por meio das abreviaturas. Verificou-se, portanto, que o que tornou *senhor* mais gramatical foi a alteração da coesão entre os constituintes da abreviatura.

Ademais, diante do fato de analisarmos as abreviaturas como elementos de valor linguístico, percebemos a necessidade de desenvolver pesquisas que estabeleçam a função sintática dos sinais abreviativos, nesse caso, o ponto abreviativo e o apóstrofo. A análise que fizemos aqui foi uma proposta, que, no entanto, carece de investigação mais aprofundada.

Por fim, ressaltamos que a colaboração dessa pesquisa está no fato de que oferece subsídios para as investigações que adotam abreviaturas como ferramentas linguísticas e, conseqüentemente, para a melhor compreensão da língua portuguesa no século XVIII. Além disso, os vários questionamentos acerca das abreviaturas e dos seus constituintes aqui suscitados abrem precedentes para futuras investigações.

Doutoranda em Estudos Linguísticos (Universidade Federal de Minas Gerais) e mestre em Estudos da Linguagem (Universidade Federal de Ouro Preto). Atua na área de Língua Portuguesa, Linguística Histórica e Sociolinguística.  
E-mail: vi\_seixas@yahoo.com.br

## Referências

- ALBUQUERQUE, Salvador Henrique. *Compendio de Grammatica portugueza*. 12. ed. Rio de Janeiro: A. A. Lopes do Couto, 1874.
- AULETE, Francisco Júlio de Caldas. *Aulete digital*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/senhor>>. Acesso em: 2 nov. 2016.
- ABREVIATURA. In: Francisco Júlio de Caldas. *Aulete digital*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/senhor>>. Acesso em: 2 nov. 2016.
- BARBOSA, Jerônimo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1822. Disponível em: <<https://bit.ly/2va9EsF>>. Acesso em 15 nov. 2016.
- BARROCA, Mário Jorge. *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. v. 1.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. v. 8. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 1 nov. 2016.
- CHAVES, Elaine. *Implementação do pronome "Você": a contribuição das pistas gráficas*. Orientadora: Jânia M. Ramos. 2006. 273 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. Pelos caminhos de Minas: o Português nos manuscritos da Estrada Real. *Caletroscópio*, Mariana, v. 4, n. especial, p. 8-26, 2016.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e reanálise de mente. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli Maria. *Estudos de processos de gramaticalização em português*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 57-74.
- HARRIS, Alice C.; CAMPBELL, Lyle. *Historical Syntax in Cross-Linguistic Perspective*. New York: Cambridge University Press, 1995. (Cambridge Studies in Linguistics).
- HOPPER, Paul J.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. (Cambridge Textbooks in Linguistics).
- KURYLOWICZ, Jerzy. The Evolution Of Grammatical Categories. In: \_\_\_\_\_. *Esquisses Linguistiques II*. Munique: Wilhelm Fink, 1975. p. 38-54. [1965]
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. Munique: Lincom Europa, 1982.
- MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: \_\_\_\_\_. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912. p. 130-148. [1948]
- RAMOS, Jânia. VITRAL, Lorenzo. O percurso de senhor. In: \_\_\_\_\_. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. p. 161-172.
- SEIXAS, Vivian Canella. De *senior* a *senhor*: etimologia e mudança. In: DUCHOWNY, Aléxia Teles (Org.). *Pelas veredas da etimologia*. São Paulo: Arquivos do NEHILP/FFLCH/USP, 2016. p. 121-138.
- SEIXAS, Vivian Canella. *Negação sentencial em textos dos séculos XVIII e XIX: Estrutura Inovadora em Foco*. Orientadora: Mônica Guieiro Ramalho Alkmim. Mariana, 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2013.

# **Analisando os graus de gramaticalização do tempo passado perfeito composto em Português e em Espanhol**

Alonso Erick Gómez Trujillo

## **Introdução**

Várias pesquisas no campo da mudança linguística, mais especificamente aquelas relacionadas com a mudança de itens numa categoria [-gramatical] para [+gramatical], especializam-se em mudanças que acontecem dentro de um mesmo sistema linguístico. Porém, o estudo das mudanças de cunho gramatical pode ser usado não só para descrever estes processos, mas também para compará-los com processos semelhantes dentro de línguas que pertencem à mesma árvore genealógica. O principal objetivo deste tipo de pesquisa, segundo Lamiroy e Mulder (2012), não seria identificar o grau de proximidade das línguas estudadas com a língua mãe, mas mostrar tendências entre elas e entender como esses tipos de processos se desenvolvem dentro das diferentes línguas, fornecendo, desse modo, dados que sustentem o princípio universal de gradualidade nos processos de gramaticalização. Dentro da pesquisa de Lamiroy e Mulder (2012), eles apresentam exemplos de gramaticalização do francês, do italiano e do espanhol para compará-los, criando assim um *cline* no qual eles classificam as três línguas segundo seus graus de gramaticalização.

Contudo, dentro da pesquisa anteriormente descrita, a língua portuguesa não está sucintamente considerada, ainda que também faça parte da família de línguas latinas e possua um alto número de falantes nativos. É por isso que, neste artigo, nós retomaremos os resultados da pesquisa de Lamiroy e Mulder (2012) sobre a relação entre os tempos

pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto no Espanhol, e o compararemos com uma análise semelhante com dados do Português.

A hipótese a ser testada é baseada no texto de Lamiroy e Mulder (2012), no qual eles indicam que, segundo o *cline* proposto por Harris (1982) sobre os estágios de gramaticalização do passado perfeito composto, o Português se encontra no estágio II e o Espanhol se encontra no estágio III deste *cline*. Assim, o objetivo principal deste artigo é agregar novos dados para confirmar ou refutar esta hipótese, assim como propor um *cline* onde a língua portuguesa esteja incluída.

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, os pressupostos teóricos para o desenvolvimento da análise são apresentados, descrevendo assim os conceitos básicos necessários para entendê-la. Na sequência, apresenta-se a metodologia usada para analisar os dados do Português que serão comparados com a pesquisa de Oliveira (2010) sobre o grau de gramaticalização do pretérito perfeito composto no Espanhol. Na terceira parte, os dados são apresentados, assim como sua respectiva análise e sua significância para atestar a tese proposta. Finalmente, apresentam-se as conclusões deste artigo.

## Pressupostos teóricos

Inicialmente, temos que apontar algumas das diferenças do Espanhol e do Português com em relação à estrutura do tempo passado perfeito composto (PPC). Primeiramente descreveremos suas estruturas.

- (1) Yo he estudiado mucho últimamente.
- (2) Eu tenho estudado demais ultimamente.

O tempo PPC no Espanhol é formado por a perífrase [ $HABER_{\text{presente}} + V_{\text{participio pasado}}$ ], como apresentado em (1), enquanto no Português a perífrase normalmente utilizada é [ $TER_{\text{presente}} + V_{\text{participio pasado}}$ ], conforme (2). Embora essa última estrutura seja a mais usada no português, a estrutura que inclui o verbo *habere* também existe, mas seu uso é restrito ao tempo passado, sendo totalmente agramaticais estruturas com o auxiliar no presente (3a, 3b).

- (3) a. Ele havia estudado muito para a prova.  
\*b. Ele há estudado muito para a prova.

Devido à hipótese norteadora deste artigo estar baseada no trabalho de Lamiroy e Mulder (2012), adotaremos o conceito de gramaticalização deles. Durante a primeira parte do seu artigo, Lamiroy e Mulder (*op. cit.*) citam a definição de Heine e Narrog (2010) de gramaticalização que, segundo eles, é um fenômeno que resulta da interação entre fatores fonéticos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos e que, além disso, existem quatro parâmetros principais para a identificação de processos que estão experimentando o fenômeno de gramaticalização: extensão (analogia), dessemantização (perda de conteúdo semântico), descategorização (perda de características de uma categoria e ganho de características de outra), e redução fonética. É importante mencionar novamente que os parâmetros anteriormente descritos não têm como objetivo identificar o grau de gramaticalização das estruturas aqui apresentadas, senão identificar se as estruturas estão sofrendo algum tipo de processo de gramaticalização.

Normalmente, para identificar o grau de gramaticalização das estruturas aqui estudadas (pretérito perfeito simples (PPS) e pretérito perfeito composto (PPC)), os parâmetros de Lehmann (1982) deveriam ser utilizados; contudo, os parâmetros de Harris (1982) serão utilizados para medir o grau de gramaticalidade do PPS e o PPC, já que foram usados anteriormente por ele para descrever a evolução da estrutura perifrástica do latim, e apresentam uma maior flexibilidade para descrever as possíveis mudanças no PPC. Os parâmetros de Harris (1982) são chamados de estágios, e são detalhados mais profundamente no trabalho de Squartini e Bertinetto (2000). Segundo eles, o *cline* de Harris (1982) está composto de quatro estágios:

Estágio I: Segundo Lamiroy e Mulder (2012), o valor da construção PPC é meramente aspectual, expressando significado resultativo. Contudo, Squartini e Bertinetto (2000) complementam esta definição e falam que o PPC se restringe a descrever estados presentes provavelmente resultantes de ações passadas recentes, e mais importante, não é usado para descrever ações passadas em se. Tanto o siciliano como o calabriano são exemplos dados por Harris (1982) como línguas que possuem este valor resultativo.

Estágio II: Segundo Lamiroy e Mulder (2012), neste estágio, a estrutura do PPC tem valor temporal, indicando eventos passados cujo resultado dura até o momento de fala. Por outro lado, Squartini e Bertinetto (2000) complementam esta definição falando que ocorre só em contextos muito específicos, e que estes contextos são marcados, segundo suas noções aspectuais, como durativos ou repetitivos. Exemplos de línguas que possuem este tipo de valor são o português, o galego, e algumas variedades do espanhol do continente americano.

Estágio III: No trabalho de Lamiroy e Mulder (2012), eles afirmam que neste estágio se descrevem eventos passados que têm relevância no presente. Squartini e Bertinetto (2000) concordam plenamente com esta definição, mas acrescentam que existe algum tipo de sentimento psicológico por parte do falante que poderia mudar o que ele considera relevante.

Estágio IV: Para Lamiroy e Mulder (2012), quando uma construção do tipo PPC chega ao estágio quatro, ela pode ser utilizada para se referir a eventos passados. Novamente, Squartini e Bertinetto (2000) concordam com esta definição, mas adicionam a característica de usar as estruturas do tipo PPC em contextos informais, enquanto o PPS continua sendo usado, menos frequentemente, só em registros formais.

Segundo apresentado nos trabalhos aqui resenhados, o português se encontra no estágio II dos anteriormente mencionados e, ao mesmo tempo, o espanhol se encontra no estágio III. No entanto, existem algumas pesquisas sobre os estágios atuais de ambas as línguas que sugerem uma mudança em direção a um grau de gramaticalização maior. É por isso que vamos nos basear na pesquisa de Oliveira (2010), que estudou a mudança no grau de gramaticalização do PPC no espanhol e, por conseguinte, utilizaremos uma metodologia semelhante à dela para analisar nossos dados e assim identificar se existe algum tipo de mudança semelhante no português.

## **Metodologia**

Na pesquisa de Oliveira (2010), ela analisa o grau de gramaticalização do PPC do espanhol já que, segundo sua hipótese, o espanhol está avançando no *cline* proposto por Harris (1982) do terceiro para o quarto



estágio. Para testar sua hipótese, ela analisa notícias de sete diferentes fontes: seis de capitais hispano-americanas (Buenos Aires, Santiago do Chile, La Paz, Lima, Havana e a Cidade do México) e uma de Madri, que representa o espanhol europeu.

É por isso que, neste artigo, dez notícias escritas na língua portuguesa são também analisadas. Com o objetivo de tornar a amostra mais representativa, esta pesquisa analisou duas notícias de cada uma das cinco regiões do Brasil. As notícias que compuseram o *corpus* foram postadas no dia 9 de novembro de 2016, e têm o mesmo tópico em comum: as eleições nos Estados Unidos da América e a vitória do candidato Donald Trump. Finalmente, a média de palavras das notícias analisadas foi de 750 palavras.

Para levar a cabo a análise dos dados, primeiramente se analisaram as ocorrências do PPC nas notícias e, posteriormente, os dados obtidos segundo o *cline* proposto por Heine (1982). Na sequência, os dados já analisados foram comparados com aqueles obtidos na pesquisa de Oliveira (2010) sobre a análise dos dados do espanhol. Finalmente, as conclusões obtidas foram comparadas com aquelas de Lamiroy e Mulder (2012), e o lugar do português no *cline* do nível de gramaticalização nas línguas românicas foi estabelecido.

## **Apresentação e análise dos dados**

Infelizmente, dentro dos 10 textos analisados neste artigo, só se encontraram nove ocorrências do tempo PPC; contudo, só cinco deles serão utilizadas dentro da análise deste artigo porque quatro pertencem a uma perífrase verbal diferente ([PODER + TER + V<sub>passado participio</sub>]). A tabela 1, a seguir, ilustra os estágios nos quais os cinco exemplos restantes se encontram localizados, segundo os únicos dois níveis de gramaticalização que são considerados para o caso do português:

**Tabela 1 – Porcentagens de ocorrências do PPC no português.**

<b>Valor do PPC</b>	<b>Número e porcentagem de frequência</b>
Estágio I (Resultativo)	0 0%
Estágio II (Continuidade)	4 80%
Contexto de ambiguidade	1 20%
<i>Total</i>	5 100%

Fonte: Dados analisados.

Dentro da mostra estudada, foi encontrado um possível caso no qual o PPC é considerado como ambíguo. Tal exemplo se mostra agora dentro do seu contexto original, assim como um dado no estágio II:

- (4) A campanha foi agressiva, cheia de xingamentos entre Trump e Hillary Clinton. Em um dos três debates na TV, o republicano atacou o marido da adversária, o ex-presidente Bill Clinton, que estava na plateia: – Se você olhar Bill Clinton... *O que ele tem feito para as mulheres...* nunca houve ninguém na história da política nesse país que tenha sido tão abusivo para as mulheres. Antes, ao se referir à derrota de Hillary nas primárias internas do Partido Democrata, em 2008, para Obama, afirmou: – Ela (Hillary) ia derrotar Obama. Ia derrotá-lo, era favorita, e foi enrabada. Ela perdeu, perdeu.<sup>1</sup>
- (5) Do calor da campanha mais suja da história americana para os dias seguintes à eleição, algo mudou. *O Donald Trump presidente eleito tem se comportado de forma diferente do político agressivo, por vezes fanfarrão, da campanha.* Sereno, o bilionário já não fala em deportar todos os 11 milhões de imigrantes ilegais. Apenas 3 milhões, garantiu em entrevista no domingo. Apenas? Sobre outra de suas promessas polêmicas, a construção de um muro na fronteira com o México, admite que, em alguns trechos, poderá erguer uma cerca, e não uma barreira de concreto.<sup>2</sup>

Tanto (4) como (5) são exemplos encontrados na mesma notícia em um periódico de Rio Grande do Sul. Porém, embora as estruturas sejam as mesmas, parece que a intenção do uso desta estrutura é diferente em ambos os casos. No excerto (5), o PPC é claramente de tipo

<sup>1</sup> <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2016/11/trump-candidato-x-trump-presidente-eleito-dos-eua-8323354.html>

<sup>2</sup> <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2016/11/trump-candidato-x-trump-presidente-eleito-dos-eua-8323354.html>

*continuo* (Estágio II de Harris), enquanto não poderia se dizer o mesmo do excerto (4).

No excerto (4), o autor da notícia cita o que Donald Trump falou durante um dos debates antes das votações. Dentro do que Trump falou, ele não menciona uma atividade que Bill Clinton começou a fazer há pouco tempo, mas está se referindo a uma atividade que aconteceu no passado e que é relevante no presente. Contudo, o tempo usado para descrever esta ideia não é o passado simples, ou o presente simples (com uso narrativo) que comumente são usados neste tipo de situações, mas o PPC é preferido pelo autor desta notícia.

É provável que, devido ao fato de a língua na qual o discurso foi originalmente produzido ser o inglês, exista algum tipo de erro na tradução da reportagem. Não obstante, dentro dos exemplos considerados como dentro da categoria II neste artigo, existe um que apresenta também um contexto um pouco peculiar, conforme se demonstra em (6):

(6) A inimizade dos dois tem raízes às vezes mais pessoais do que políticas: *há anos, Trump tem alimentado uma teoria da conspiração com conotações racistas sobre o local de nascimento de Obama, antes de voltar atrás durante a campanha, sem explicação.*<sup>3</sup>

O excerto (6) está claramente dentro da categoria II de Harris. Contudo, é a construção adverbial “*há anos*” que chama nossa atenção nesta parte da análise, pois este contexto marca uma distância maior do tempo de fala, o qual poderia ser um ambiente propício para uma mudança em direção ao nível seguinte de gramaticalização. No entanto, não existem dados suficientes para respaldar esta hipótese e deixaremos essa ideia apenas registrada, o que poderá ser aprofundado oportunamente.

Agora apresentaremos os dados finais da pesquisa de Oliveira (2010). Na tabela 2, apresenta-se um resumo da análise da sua pesquisa:

<sup>3</sup> <http://www.paraibaurgente.com.br/destaque/reunidos-na-casa-branca-obama-e-trump-prometem-transicao-pacifica>

**Tabela 2 – Valor do PPC em variedades do espanhol: percentual de frequência**

Estágio da evolução do PPC	Variedades do Espanhol						
	Buenos Aires	Santiago do Chile	La Paz	Lima	Havana	Cidade do México	Madri
Resultado (Estágio I)	0	0	0	0	0	0	0
Continuidade (Estágio II)	48%	60%	67,7%	44,2%	69,7%	84,6%	22,4%
Relevância presente (Estágio III)	40%	40%	32,3%	51,2%	30,3%	15,4%	75%
Aoristo (Estágio IV)	0	0	0	2,3%	0	0	0

(Oliveira, 2010 (pg. 242))

Fonte: OLIVEIRA. *Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*, p. 242.

Considerada como uma das hipóteses dentro da pesquisa de Oliveira (2010), a ideia de que o espanhol de Madri apresentaria casos nos quais o PPC poderia ter significados do tipo Aoristo (Estágio IV) é refutada, já que não apareceram dados que respaldaram tal hipótese. Apesar disso, aparecem outros tipos de dados inesperados no dialeto de Lima, os quais respaldam a ideia de o PPC estar experimentando um processo de reanálise e, por conseguinte, uma mudança do estágio III para o estágio IV.

Comparando os dados analisados neste artigo com aqueles resultantes da pesquisa de Oliveira (2010), poderia se dizer que existem alguns indícios de uma possível mudança nos estágios do espanhol e do português, contrariando em certo grau a proposta de Lamiroy e Mulder (2012), que estimam que os estágios atuais do espanhol e do português são III e II, respectivamente.

Para respaldar esta ideia, citamos os parâmetros de Heine e Narrog (2010) anteriormente descritos, mais especificamente os parâmetros de extensão e de dessemantização, pois, embora não possa se dizer o mesmo do português, o espanhol está sofrendo um aumento no uso da estrutura PPC e uma mudança no seu uso.

Cabe mencionar que o uso do PPC no português está mais limitado devido às especificidades deste sistema linguístico para expressar

os valores das categorias III e IV: neste caso, o PPS junto com diferentes advérbios. Isso se assemelha àquilo proposto por Lamiroy e Mulder (2012), que consideram que se um falante tem um repertório mais amplo para eleger formas segundo suas intenções comunicativas, estas são menos gramaticalizadas do que aqueles sistemas nos quais o número de formas para expressar a mesma ideia é menor. Desse modo, pode se dizer que, pelo menos no caso do PPC, o português é menos gramaticalizado do que o espanhol. Com base nestas conclusões, o cline das línguas românicas, em relação ao tempo PPC, seria: Francês > Italiano > Espanhol > Português.

Sintetizando os parâmetros propostos por Heine e Narrog (2010) para identificar se algum item apresenta algum tipo de mudança de cunho gramatical, podemos concluir que as estruturas aqui estudadas se encontram nos primeiros dois parâmetros propostos: a expansão e a dessemantização. As estruturas, tanto do espanhol quanto do português, estão lentamente se expandindo para outras comunidades linguísticas: no caso do espanhol, a variação de Madri provavelmente influenciou na variedade de Lima, Peru, a qual adquiriu esta nova forma na tentativa de seguir a norma culta. Por outro lado, no tocante ao português, parece que a extensão da forma PPC está iniciando na parte sul do país; as mostras de Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e São Paulo respaldam essa afirmação. Além disso, embora esta pesquisa apresente poucos valores que respaldem uma expansão de contextos diferentes dos comumente utilizados, a existência de um deles abre a pauta para nos perguntar se isso está realmente acontecendo, embora seja provavelmente devido à influência de outra língua.

No tocante ao segundo parâmetro, podemos concluir que, no caso do espanhol, existem evidências que poderiam sugerir uma dessemantização do significado comum da estrutura PPC, a qual permite agora não só permitir o significado do estágio III de Heine, mas uma provável aquisição do significado do estágio IV. No caso do português, esta dessemantização é ainda ambígua, e o contexto não permite sugerir que tal processo está realmente acontecendo.

Finalmente, devido a ambos os sistemas linguísticos apresentaram só características dos dois primeiros parâmetros de Heine e Narrog

(2010), os parâmetros de descategorização e da redução fonética não são relevantes neste artigo, já que não existem dados que apresentem essas características.

## Considerações finais

No início deste artigo, nós chamamos a atenção para o fato de que no trabalho de Lamiroy e Mulder (2012) a língua portuguesa não foi considerada dentro do *cline* proposto por eles e, ainda que tenha sido mencionada como referência no tocante ao PPC, os dados para demonstrar que se encontrava no estágio II do modelo de Harris não foram fornecidos. É por isso que o objetivo principal deste artigo foi fornecer dados da língua portuguesa que respaldassem a afirmação de que ela se encontra no estágio II e, como segundo objetivo, comparar estes dados com outras pesquisas recentes para identificar algum tipo de mudança nestes estágios, caso existisse alguma. Com base nos dados obtidos e em sua análise, pode-se concluir que

- a. efetivamente, a perífrase verbal do tempo PPC do português se encontra no estágio II da escala proposta por Harris (1982);
- b. segundo as conclusões finais de Oliveira (2010), o espanhol também se encontra no estágio descrito por Lamiroy e Mulder (2012), o estágio III;
- c. o número de ocorrências do tempo PPC é maior na língua espanhola do que no português, especialmente em textos de cunho jornalístico;
- d. não foram encontrados dados suficientes que permitam afirmar que existe um processo de mudança nos estágios do português. Porém, no caso do espanhol, existe uma possibilidade maior de que este fenômeno esteja começando;
- e. com base no único exemplo encontrado que poderia evidenciar algum tipo de mudança do estágio II para o III (no caso do português), parece que este tipo de mudança está motivado por uma influência externa, neste caso a língua inglesa;
- f. finalmente, o número de recursos usados pelos falantes da língua portuguesa para expressar as ideias dos estágios III e IV da escala de Harris (1982) são completamente diferentes dos recursos que os falantes de espanhol têm. No caso do Português, o tempo PPS é mais gramaticalizado do que o PPC; o oposto é aplicado ao espanhol.

Com base nestas conclusões, gostaríamos de mencionar algumas limitações deste estudo, assim como algumas sugestões para futuras pesquisas.

- (i) Primeiramente, nós aventamos a hipótese de que, devido à natureza formal dos textos analisados, as possibilidades de encontrar estruturas do tipo PPC diminuíram consideravelmente já que, segundo Squartini e Bertinetto (2000), as mudanças ocorrem primeiramente em contextos informais. Por causa disso, aconselharíamos procurar dados em algum tipo de texto diferente, tal como narrativas, textos de ficção, ou dados orais informais, tanto no espanhol quanto no português;
- (ii) Das cinco regiões que existem no Brasil, só duas apresentaram a estrutura PPC em textos de tipo jornalístico. É por isso que nos recomendaríamos ampliar o número de textos analisados, mas, nesta vez, se concentrar só nas áreas sudeste e sul do país;
- (iii) Finalmente, devido à natureza de que alguns dos dados aqui analisados foram produto de traduções da língua inglesa para a portuguesa, seria pertinente analisar esta relação, e verificar se existe algum tipo de influência no português por parte do inglês, e como é que este fenômeno poderia repercutir na gramática da língua portuguesa.

Mestrando da Universidade Federal de Minas Gerais, do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Bolsista da Organização dos Estados Americanos (OEA). *E-mail*: aerickgt@gmail.com

## Referências

- CASA Branca cancela primeira foto de casais Obama e Trump, diz Wall Street Journal. *O Paraná*. 10 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.oparana.com.br/noticia/casa-branca-cancela-primeira-foto-de-casais-obama-e-trump-diz-wall-street-journal/34502/>>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- DONALD Trump surpreende o mundo e é eleito presidente dos EUA. *Estado de Minas*. 09 nov. 2016. Disponível em: <[http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2016/11/09/interna\\_internacional,822292/donald-trump-surpreende-o-mundo-e-e-eleito-presidente-dos-eua.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2016/11/09/interna_internacional,822292/donald-trump-surpreende-o-mundo-e-e-eleito-presidente-dos-eua.shtml)>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- EMPRESÁRIO Donald Trump é eleito presidente dos Estados Unidos. *Midiamax*. Disponível em: <<http://www.midiamax.com.br/politica/empresario-donald-trump-eleito-presidente-estados-unidos-321601>>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- FLORESTAN, Fernandes. Cai um muro, ergue-se outro. *El País*. 10 nov. 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/09/opinion/1478725028\\_572863.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/09/opinion/1478725028_572863.html)>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- GARSCHAGEN, Bruno. Por que Donald Trump venceu as eleições nos EUA? *Extra*. 09 nov. 2016. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/sem-mimimi/por-que-donald-trump-venceu-as-eleicoes-nos-eua-20441648.html>>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- HARRIS, M. The 'past simple' and the 'present perfect' in Romance. In: HARRIS, VICENT, Nigel. HARRIS, Martin (Ed.). *Studies in the Romance Verb*. London: Croom Helm, 1982. p. 42-70.
- LAMIROY, Béatrice; MULDER, Walter De. Degrees of grammaticalization across languages. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford Handbooks Online, 2012. p. 245-258.

- LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. 2. ed. Munique: Lincom Europa, 2002. [1982]
- LOPES, Rodrigo. Trump candidato X Trump presidente eleito dos EUA. *GaúchaZH*. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/mundo/noticia/2016/11/trump-candidato-x-trump-presidente-eleito-dos-eua-8323354.html>>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *As duas formas do pretérito perfeito: análise de corpus*. Orientadora: Luizete Guimarães Barros. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- OLIVEIRA, Leandra Cristina de. *Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. Orientadora: Luizete Guimarães Barros. 2010. 270 f. Dissertação (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- REPUBLICANO Donald Trump é eleito presidente dos Estados Unidos. *Jornal Hoje*. 09 nov. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/11/republicano-donald-trump-e-eleito-presidente-dos-estados-unidos.html>>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- SQUARTINI, M.; BERTINETTO, P. M. The simple and compound past in Romance Languages. In: DAHL, Östen. *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000, p. 385-402. (Empirical Approaches to Language Typology).
- TORRES, Mike. Donald Trump é eleito o novo presidente dos Estados Unidos. *Diário de Pernambuco*. 09 nov. 2016. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2016/11/09/interna\\_mundo,674196/donald-trump-e-o-novo-presidente-dos-estados-unidos.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2016/11/09/interna_mundo,674196/donald-trump-e-o-novo-presidente-dos-estados-unidos.shtml)>. Acesso em: 10 de out. 2017.
- VITÓRIA de Trump nos EUA gera incerteza ao redor do mundo. *Tribuna*. 09 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.tribunaribeirao.com.br/aplicativo/vitoria-de-trump-nos-eua-gera-incerteza-ao-redor-do-mundo/>>. Acesso em: 10 de out. 2017.



# ***Ter* e *il y a*: uma análise dos graus de gramaticalização em construções existenciais**

Juliana Sander Diniz

## **Considerações iniciais**

O presente trabalho tem por motivação pesquisas anteriores (Lamiroy e De Mulder, 2012; Meulleman, 2010) que avaliam comparativamente os processos de gramaticalização em diferentes línguas românicas. Tais pesquisas partem da hipótese de que propriedades essenciais da gramaticalização podem ser aplicadas dentro de uma mesma família linguística, de modo que os mesmos processos de gramaticalização sejam observados, de maneira mais ou menos avançada, em diferentes línguas.

Tanto Lamiroy e De Mulder (2012) como Meulleman (2010) analisaram comparativamente o *status* atual de itens nas línguas francesa, italiana e espanhola, observando estruturas mais gramaticalizadas no francês. Objetivando dar continuidade a essa linha de pesquisa, busca-se, neste artigo, realizar uma comparação entre o francês e o português, outra língua também da família românica. Justifica-se, assim, a relevância do presente estudo, uma vez que o mesmo almeja incluir a língua portuguesa neste cotejo, o que, até então, não ocorreu.

Duas construções existenciais foram escolhidas para a análise, sendo elas o verbo *ter* do português e a construção francesa *il y a* – composta, por sua vez, pelo verbo *avoir*. Ambas as construções foram escolhidas, portanto, em função de seus verbos formadores possuírem origem possessiva. A fim de restringir o escopo da pesquisa, ambos os itens foram avaliados apenas no presente do indicativo, com base em exemplos de *corpora* escritos – o jornal francês *Le Monde* (cf. Meulleman,

2010) e o *Corpus do Português* –,<sup>4</sup> tais quais “**Il y a** en Bosnie entre 1500 et 2000 volontaires de Croatie.”<sup>5</sup> (*Le monde*, 18.02.1994, cf. Meulleman, 2010) e “**Tem** um pessoal especializado em São Paulo” (cosmobrain.com.br, cf. *Corpus do Português*). Hipotetiza-se que a estrutura *il y a* se encontre em um estágio mais avançado de gramaticalização do que sua correspondente portuguesa, em função do que já fora apontado por Lamiroy e De Mulder (2012), assim como por Meulleman (2010).

A metodologia adotada para testar essa hipótese, baseia-se na aplicação dos parâmetros da gramaticalização propostos por Lehmann (1982) para a avaliação dos exemplos selecionados. Além da tentativa de se medir os graus de gramaticalização em ambas as estruturas, a análise dos exemplos em português é feita a fim de buscar ocorrências do verbo *ter* existencial em funcionamento análogo às diferentes formas de emprego de *il y a*.

A primeira seção desse artigo apresentará os pressupostos teóricos que o embasam, partindo de uma apresentação do conceito de gramaticalização e passando pela descrição dos parâmetros propostos por Lehmann e pelas pesquisas realizadas anteriormente em relação às línguas francesa, italiana e espanhola. Na seção seguinte, a metodologia adotada será mais bem descrita, seguida, na terceira seção, da análise das construções existenciais em francês e em português. Por fim, são feitas algumas considerações finais acerca do que pôde ser observado a partir do teste da hipótese aqui considerada.

## **Pressupostos teóricos**

### **A gramaticalização e os parâmetros propostos para identificá-la**

Segundo Lehmann (1982), o termo “gramaticalização” foi cunhado em 1912 por Antoine Meillet e seu conceito é até hoje aceito e empregado na linguística, ainda que tal conceito e ideias a ele relacionadas datem de períodos anteriores a esse linguista. Entende-se, a partir da perspectiva

<sup>4</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/>

<sup>5</sup> “Há, na Bósnia, entre 1500 e 2000 voluntários da Croácia.” (Tradução nossa.)

de Jerzy Kuryłowicz (cf. Lehmann, 1982), que o processo de gramaticalização é um mecanismo que transforma não apenas itens lexicais em itens gramaticais, mas também torna itens “menos gramaticais” em “mais gramaticais”.

Lehmann (1982) estabelece seis parâmetros como recursos metodológicos usados para medir o grau de autonomia de um item, sendo o processo de gramaticalização o resultado de uma correlação do aumento (ou diminuição) desses seis parâmetros. Três aspectos são levantados pelo autor e definidos nos eixos paradigmático e sintagmático, resultando, dessa forma, nas seis propriedades variáveis dos itens. São eles: o *peso* do item, propriedade que o diferencia de outros membros de sua classe e favorece sua proeminência no sintagma; a *coesão*, que seria a capacidade que um item possui de se relacionar sistematicamente com outros itens; e a *variabilidade*, ou seja, certa mobilidade do item em relação a outros.

Considerando cada um dos três aspectos sob os eixos paradigmático e sintagmático, essa nova ótica de análise originará os seis parâmetros de gramaticalização. Primeiramente, o peso, sob o eixo paradigmático, constitui a *integridade* do item, seu tamanho substancial, tanto semântica como fonologicamente; sintagmaticamente, tem-se seu *escopo*, ou seja, a extensão da construção que o item forma ou ajuda a formar. Já a coesão, paradigmaticamente, é chamada de *paradigmaticidade*, enquanto, no nível de sintagma, chama-se *coalescência*, ou grau no qual um item depende de outro. Finalmente, tem-se a *variabilidade paradigmática*, que é a possibilidade de empregar outros itens no lugar de um primeiro, ou de omiti-lo por completo; a *variabilidade sintagmática*, por sua vez, seria a possibilidade de mudar um item de lugar em uma construção.

## **A comparação dos graus de gramaticalização entre as línguas românicas: uma breve revisão da literatura**

Lamiroy e De Mulder (2012) analisaram a ocorrência de diferentes estruturas gramaticalizadas em francês, em italiano e em espanhol, avaliando-as com base em sua extensão a novos contextos e a outros falantes da

comunidade linguística; em seu processo dessemantização; em seu processo de decategorialização, ou seja, a perda de propriedades morfossintáticas típicas de itens lexicais ou formas menos gramaticalizadas; e em seu processo de redução fonética.

Os autores avaliaram, nas três línguas, os percursos de mudança por que passaram os verbos auxiliares TAM (tempo, aspecto e modalidade), o passado simples, o modo subjuntivo, os determinantes e pronomes demonstrativos, e as construções existenciais, verificando que os itens franceses estão em um estágio mais avançado no *cline* da gramaticalização.

A análise das construções existenciais realizada por Lamiroy e De Mulder (2012) teve por base os estudos anteriores de Meullemann (2010). Segundo esse trabalho, a construção existencial presente no francês é mais gramaticalizada que aquelas do espanhol e do italiano, em função dos resultados da análise de quatro parâmetros. Primeiramente, no que concerne à extensão, *il y a* se tornou uma expressão obrigatória quando se deseja restringir o foco ao sujeito em questão; além disso, em sentenças existenciais, a sintaxe francesa é a única que apresenta realmente sentido impessoal por meio da expressão *il y a*. Ademais, essa construção é a mais dessemantizada, ocorrendo sem sentido existencial em alguns casos, nos quais funciona apenas como ferramenta discursiva. Por fim, *il y a* teria sofrido a maior descategorialização, podendo também funcionar como marcador temporal, o que apontaria para um caso de poligramaticalização. Meullemann (*op. cit.*) também destaca o fato de a expressão francesa ser a única passível de sofrer erosão fonética (*il y a > y a*).

Lamiroy e De Mulder (2012) ressaltam que as questões por eles discutidas podem fomentar futuras pesquisas, como, por exemplo, uma possível análise da relação entre todas as línguas românicas no âmbito da gramaticalização – e não apenas as línguas francesa, espanhola e italiana. Assim, seria necessário saber se já haveria dados de outras línguas acerca dos mesmos processos por eles analisados, a fim de fortalecer as hipóteses formuladas, uma vez que ainda não se sabe se a análise de apenas algumas línguas de uma mesma família seria suficiente para endossar teorias acerca de fatores que determinam seus diferentes graus de gramaticalização. Tais considerações seriam, assim, pontos motivadores

da presente pesquisa, voltada à análise do paralelo francês-português, sendo a mesma relevante ao incluir mais uma língua românica na análise comparativa dos processos de gramaticalização.

## **Descrição da metodologia adotada**

Estabeleceu-se como objeto de análise da presente pesquisa a seleção de ocorrências do verbo *ter* existencial no presente do indicativo, encontradas em blogs por meio do *Corpus do Português*. O item *tem* foi a entrada selecionada para pesquisa na seção “Web/Dialetos” do *Corpus do Português*. Tal escolha foi motivada pelos exemplos de *il y a* fornecidos por Meulleman (2010) da língua francesa, retirados também de *corpora* escritos, como o jornal *Le Monde*. Alguns exemplos colocados pela autora, no entanto, parecem ter sido formulados pela mesma, a título de ilustração de algumas ocorrências específicas da construção existencial.

Em seguida, após a busca por ocorrências do item *tem* no português em contextos semelhantes aos de *il y a*, as construções foram analisadas sob os parâmetros da gramaticalização de Lehmann (1982) – integridade, escopo, paradigmaticidade, coalescência, variabilidade paradigmática e variabilidade sintagmática. Por fim, fez-se uma comparação dos resultados obtidos para cada parâmetro para as duas estruturas, a fim de se verificar, de acordo com a hipótese desse trabalho, se *il y a* estaria realmente em um estágio mais avançado no *cline* da gramaticalização do que a construção portuguesa.

## **Análise dos dados**

### **Entendendo os processos de gramaticalização das construções existenciais**

Meulleman (2010) define como “frases existenciais” todos os enunciados que afirmam ou que negam a existência de algo, apontando algumas características interessantes que tais estruturas possuem em diferentes línguas. Destaca que:

Algumas línguas alcançam a ordem V-S para sujeitos indefinidos a partir da introdução de uma partícula inicial especial para essa

construção. Em inglês (*there*) e holandês (*er*), a partícula inicial possui origem locativa. No francês e no alemão, por outro lado, a partícula inicial é o pronome de terceira pessoa do singular, o neutro (*es*) em alemão e o masculino (*il*) em francês.<sup>1</sup>

Em relação à construção existencial formada na língua portuguesa com o verbo *ter*, Vitório (2013) discute sua situação de variação com o verbo *haver* que seria, na escrita, a estrutura canônica, em função de pressões normativas. Vários estudos, porém, já evidenciaram a presença de *ter* existencial na escrita padrão (cf. Callou e Duarte, 2005; Avelar, 2006; Vitório, 2010 citado por Vitório, 2013). Tal estrutura não apresenta a partícula inicial apresentada acima por Meulleman (*op. cit.*), como ocorre em outras línguas.

É importante destacar como teria se dado o processo de gramaticalização de *ter* possessivo a existencial, conforme salientado por Avelar e Callou (2007 citado por Vitório, 2013):

Os autores também mostram evidências de que, com a redução do paradigma flexional, o sistema perde a categoria pro-referencial, o que impossibilita ao falante atribuir uma interpretação possessiva ao sujeito nulo das sentenças formadas com o verbo *ter* pessoal, havendo, assim, uma reanálise das construções possessivas em construções existenciais, uma vez que estas dispensam a instanciação de um sujeito pleno.<sup>2</sup>

A análise da construção francesa *il y a* (cf. Meulleman, 2010) revela um processo de gramaticalização composto de mais de um processo de reanálise,<sup>3</sup> uma vez que as três partículas formadoras da construção possuíam anteriormente diferentes interpretações semânticas e funções gramaticais. A estrutura comporta o verbo *avoir*, originalmente possessivo,

<sup>1</sup> MEULLEMAN. Les constructions existentielles en français, en espagnol et en italien, p. 371. Tradução livre do original: "Some languages achieve the V-S order for a presentative (indefinite) subjects by introducing a special initial particle designed for this construction. In English (*there*) and Dutch (*er*), the initial particle is of a locative origin. In French and German, on the other hand, the initial particle is a third person singular pronoun, neuter (*es*) in German and masculine (*il*) in French."

<sup>2</sup> VITÓRIO. As construções existenciais e a representação do sujeito pronominal, p. 77.

<sup>3</sup> Adota-se aqui o conceito de reanálise definido por Langacker (1977 citado por HOPPER e TRAUOGOTT, 1993), como sendo uma "mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões, que não envolve modificação imediata ou intrínseca em sua estrutura superficial". HOPPER; TRAUOGOTT. *Grammaticalization*, p. 40.

que fora reanalisado pelos falantes, ganhando uma interpretação existencial, tal qual se deu com o *ter* em português. Além disso, a partícula inicial *Il* é, nessa construção, esvaziada do sentido lexical do pronome sujeito referente a um ser masculino singular, funcionando de maneira puramente gramatical, para preencher o sujeito, visto que o francês é uma língua de sujeito não nulo.

Já o pronome locativo *y* que, isoladamente, refere-se à ideia de “em um local específico”, substituindo um sintagma preposicional, fora também esvaziado de carga semântica na construção, sendo um item genérico, de origem locativa – assim como o item *there*, presente nas construções existenciais *there is* e *there are*, do inglês. Segundo Meulleman (2010), a perda de significação da partícula *y* nesses contextos começou no século XV, no francês antigo, quando os falantes passaram a empregar o pronome locativo *y* e o sintagma preposicional que ele deveria substituir ao mesmo tempo, como em:

(a) Sire, fet ye, n’y a chevaler *en tot le mond*.<sup>4</sup> (FFW 56 citado por Meulleman, 2010)

Percebe-se, assim, a partir da diferença entre os processos de gramaticalização das construções francesa e portuguesa, indícios de que seus graus de gramaticalização sejam diferentes. Em função das três estruturas reanalisadas em francês, comparada a apenas uma reanálise no português, é possível vislumbrar um provável avanço de *il y a* no *cline* da gramaticalização, em relação ao *ter* existencial – conforme fora pensado como hipótese do presente trabalho.

Cabe, entretanto, comparar ocorrências de funcionamento de ambas as estruturas, aplicando-lhes os parâmetros de Lehmann (1982), a fim de realmente tentar medir seus graus de gramaticalização.

## ***Il y a e tem* sob a ótica dos parâmetros de Lehmann**

O primeiro parâmetro definido por Lehmann (1982) é a integridade, ou peso paradigmático. Verifica-se, assim, que a diminuição da integridade fonológica de um item leva à erosão fonética, o que aponta para um

<sup>4</sup> Na construção do francês antigo, é possível reconhecer “*en tot le mond*” como sintagma preposicional locativo.

maior grau de gramaticalização do mesmo. Enquanto a construção com *ter* existencial sempre se manifesta da mesma maneira fonologicamente (*tem*, no presente do indicativo), *il y a* pode sofrer perda fonética no francês falado (*il y a > ya*), o que apontaria para a diminuição de sua integridade fonológica e, conseqüentemente, para um maior grau de gramaticalização. Já a diminuição da integridade semântica do item gera a dessemantização, tornando-o mais funcional.

Sintagmaticamente, verifica-se um maior escopo da construção *il y a*, visto que ela possui maior tamanho estrutural que a estrutura portuguesa. Um escopo maior apontaria, entretanto, para um menor grau de gramaticalização.

No que se refere à coesão paradigmática (paradigmaticidade), tanto *il y a* como *tem* possuem apenas uma forma no paradigma – uma vez que só funcionam conjugadas na terceira pessoa do singular –, o que revela a homogeneidade paradigmática e um alto grau de gramaticalização em ambos os casos. Já a coalescência, ou coesão sintagmática, em *il y a* pode ser considerada maior que em *tem*, uma vez que a estrutura possui três itens formadores com alto grau de interdependência – ou ainda, quando oralmente, dois itens dependentes (*ya*). Tal característica aponta para um maior grau de gramaticalização dessa forma.

A variabilidade das duas construções existenciais pode ser também avaliada sob os eixos paradigmático e sintagmático. A variabilidade paradigmática, ou a possível substituição do item por outro, pode ser verificada no francês da seguinte maneira (cf. Meulleman, 2010):

(b) *Il y a* Odile qui a perdu son chapeau.<sup>5</sup>

(c) Dieu *existe*.<sup>6</sup>

Nota-se a existência de uma estrutura capaz de substituir *il y a*, o verbo *exister*. Em português, também duas construções podem cumprir a função existencial, a saber, os verbos *ter* e *haver*:

(d) E *tem* uma coisa que chama histeria coletiva. (ceticismoaberto.com, cf. Corpus do Português)

(e) *Há* tratamento sim. (007blog.net, cf. Corpus do Português)

<sup>5</sup> Em tradução livre: “Tem Odile que perdeu seu chapéu.”

<sup>6</sup> Em tradução livre: “Deus existe.”



Desse modo, o paradigma se dá da mesma forma tanto em francês, como em português, tendo o falante duas possibilidades de escolha nas duas línguas, o que aponta para um mesmo grau de gramaticalização, em se tratando desse parâmetro.

Finalmente, a variabilidade sintagmática, segundo Lehmann (1982), está ligada à possibilidade de deslocamento do item dentro do contexto, de modo que uma menor variabilidade indique o aumento da gramaticalização. Como colocado por Meulleman (2010), o verbo deve sempre preceder seu complemento nas “frases existenciais”, o que se dá tanto em francês, como em português. Verifica-se, assim, um baixo grau de variabilidade dentro do sintagma, em ambos os casos:

- (f) *Il y a là une contradiction qui n'est pas soutenable.*<sup>7</sup> (*Le Monde*, 15.01.1994, cf. Meulleman, 2010)
- (g) *Lá il y a une contradiction qui n'est pas soutenable.*<sup>8</sup>
- (h) \**Là une contradiction qui n'est pas soutenable il y a.*<sup>9</sup>
- (i) *Tem* um pessoal especializado em São Paulo. (cosmobrain.com.br, cf. Corpus do Português)
- (j) Em São Paulo, *tem* um pessoal especializado.
- (k) \*Em São Paulo, um pessoal especializado *tem*.

Tanto em (g) quanto em (j) é possível deslocar o elemento locativo para uma posição precedente às construções existenciais. No entanto, a posposição dessas construções em relação a seus objetos diretos é, de fato, impossível, gerando enunciados agramaticais.

O quadro abaixo sumariza a análise feita acima, indicando o que fora percebido para cada construção sob a abordagem dos seis parâmetros de Lehmann (1982), o que nos permite avaliar a adequação da hipótese.

<sup>7</sup> Em tradução livre: “Tem aqui uma contradição que não é sustentável.”

<sup>8</sup> Em tradução livre: “Aqui tem uma contradição que não é sustentável.”

<sup>9</sup> Em tradução livre: \*”Aqui uma contradição que não é sustentável tem”, sendo o asterisco identificador de uma estrutura agramatical.

**Quadro 1: Síntese das análises de *il y a* e *tem* sob a ótica de cada um dos seis parâmetros de Lehmann (1982).**

<b>Parâmetro</b>	<b><i>il y a</i></b>	<b><i>tem</i></b>
Integridade	+ gramaticalizado	- gramaticalizado
Escopo	- gramaticalizado	+ gramaticalizado
Paradigmaticidade	Mesmo grau de gramaticalização	Mesmo grau de gramaticalização
Coalescência	+ gramaticalizado	- gramaticalizado
Variabilidade paradigmática	Mesmo grau de gramaticalização	Mesmo grau de gramaticalização
Variabilidade sintagmática	Mesmo grau de gramaticalização	Mesmo grau de gramaticalização

Assim, nota-se que dois parâmetros (integridade e coalescência) apontam para um maior grau de gramaticalização da construção existencial francesa, enquanto apenas o escopo indica que o *ter* existencial seria mais gramaticalizado, e três parâmetros (paradigmaticidade, variabilidade paradigmática e variabilidade sintagmática) foram observados de maneira semelhante nas duas línguas.

A análise realizada não encontrou, portanto, uma quantidade majoritária de parâmetros que apontassem para uma maior gramaticalização da estrutura francesa. Dessa forma, a hipótese que embasa o presente artigo, – de que *il y a* seria uma construção mais avançada no *cline* da gramaticalização do que o verbo *ter* existencial – não pôde ser comprovada a partir da aplicação dos seis parâmetros propostos por Lehmann (1982).

## **Considerações finais**

O presente trabalho teve por objetivo dar continuidade à linha de pesquisa de Lamiroy e De Mulder (2012) e de Meullemann (2010), que analisaram comparativamente o *status* atual de itens nas línguas francesa, italiana e espanhola, observando estruturas mais gramaticalizadas no francês. Nesse sentido, buscou-se, nesse artigo, avaliar uma construção francesa em paralelo a outra língua românica, o português.

Foram escolhidas as construções existenciais *ter*, do português, e *il y a*, do francês, às quais se aplicaram os seis parâmetros da

gramaticalização de Lehmann (1982) – integridade, escopo, paradigmaticidade, coalescência, variabilidade paradigmática e variabilidade sintagmática. Buscou-se avaliar se a estrutura *il y a* estaria em um estágio mais avançado de gramaticalização do que sua correspondente portuguesa. Apenas dois dos seis parâmetros apontaram para um possível avanço de *il y a* no *cline* da gramaticalização, em relação ao verbo *ter* existencial, não configurando maioria. Logo, a hipótese considerada na presente análise não pôde ser comprovada.

Ainda que tal hipótese não tenha se verificado, esse trabalho possui relevância por incluir a língua portuguesa no rol das línguas românicas a serem analisadas comparativamente no âmbito da gramaticalização, podendo fomentar estudos futuros, já que, visando a corroborar o a maior gramaticalização de algumas estruturas francesas (cf. Lamiroy e DE Mulder, 2012) em relação a suas correspondentes românicas, ainda há muito que ser pesquisado. Seria recomendável aumentar a quantidade de línguas analisadas, assim como a quantidade de estruturas.

Mestranda em Estudos Linguísticos. E-mail: sanderdinizju@gmail.com

## Referências

- AVELAR, Juanito. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de haver no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74. 2006.
- AVELAR, Juanito; CALLOU, Dinah. Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro. In: Castilho, Ataliba Teixeira de et al. (Org.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Editora Pontes, p. 375-402. 2007.
- CALLOU, Dinah; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. A fixação do verbo *ter* em contextos existenciais. In: DUARTE, Inês; FARIA, Isabel (Org.). *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL. 2005. p. 149-155.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 25 de novembro de 2016.
- HETZRON, Robert. The Presentative Movement or Why the Ideal Word Order is V.S.O.P. In: LI, Charles N. (Ed.). *Word Order and Word Order Change*. Austin: University of Texas Press, 1975. p. 347-438.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAMIROY, Béatrice; MULDER, Walter De. Degrees of grammaticalization across languages. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford Handbooks Online, 2012. p. 245-258.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. 2. ed. Munique: Lincom Europa, 1995. (Lincom studies in theoretical linguistics) [LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien 49 – Projects, 1982. v. 1.]

MEULLEMAN, Machteld Claire. Les constructions existentielles en français, en espagnol et en italien. In: M. Iliescu, H. M. Siller-Runggaldier e P. Danler (Ed.), *Actes du XXVe CILPR (Innsbruck, 3-8 septembre 2007)*, Tome II, De Gruyter: 369-378. 2010.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. As construções existenciais e a representação do sujeito pronominal. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro: v. 9, n. 2, p. 75-90, dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/viewFile/4488/3259>>. Acesso em 16 nov. 2016.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Um estudo sobre a variação ter e haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. *Revista Eletrônica Via Litterae*, Anapolis, v. 2, n. 1, p. 75-87, jan./jun. 2010.

# O morfema *al* (ال) nas palavras da língua portuguesa: gramaticalização ou desgramaticalização?

Jéssica Nayra Sayão de Paula

## Considerações iniciais

Neste artigo, buscamos fazer uma investigação sobre um possível processo de (des)gramaticalização ocorrido com a forma *al* (ال), morfema presente em grande parte das palavras portuguesas oriundas da língua árabe como *arroz*, *açúcar*, *álcool* etc. Partindo-se dos pressupostos de Lehman (1982) e, principalmente, de Norde (2012), estamos assumindo que o processo ocorrido com essa forma pode ser visto como um caso de desgramaticalização, uma vez que, ao se tornar parte constitutiva das palavras, a forma perdeu o seu valor funcional de artigo definido, empregado originalmente na língua árabe, para integral o radical da nova palavra.

Para tentar compreender todo esse processo e examinar o tipo de mudança ocorrida com a forma selecionada para este estudo, iremos nos valer dos pressupostos da gramaticalização e da desgramaticalização. O quadro teórico a ser utilizado será o de Norde (2012), que construiu conceitos da desgramaticalização ou degramaticização, estruturando-se nos parâmetros de Lehman (1982) aplicados para casos de gramaticalização, com o fim de identificar quais parâmetros podem figurar no processo mencionado e como é possível analisá-lo, de acordo com as perspectivas a serem adotadas.

Embora a gramaticalização seja um fenômeno mais comum nas línguas, não se deve desconsiderar a desgramaticalização, prevendo-se a possibilidade de itens passarem pelo processo inverso ao esperado nos

processos de gramaticalização. Ao iniciar os estudos da forma explorada neste artigo, supúnhamos se tratar de um processo avançado de gramaticalização; entretanto, ao estudá-lo com mais cuidado, identificamos um processo inverso, o que justifica seu estudo, independentemente da frequência desse tipo de fenômeno. A língua está em constante mudança e é possível que diversos processos ocorram de maneira peculiar em cada caso, tal como ocorreu com o item *al* (ال). A partir disso, o seu estudo é instigante pelo fato de a desgramaticalização ser algo pouco estudado, embora bastante contestado, e pela pouca atenção dada a esse morfema tão presente no léxico da língua portuguesa.

O item *al* (ال), na língua árabe, exerce uma função de artigo definido, uma categoria considerada funcional, ao passo que na língua portuguesa ele faz parte do radical das palavras, atuando como um item lexical. Portanto, na língua árabe, ele manteve o seu valor semântico-funcional, mas na língua portuguesa, no português europeu e no português do Brasil, isso se perdeu, anulando também a função de marcar o grau de definitude, de determinante de outro item. Nessas línguas, ao integrar o morfema lexical das palavras, perdeu não apenas sua função de determinante, mas também uma parte de seu material fonético e fonológico como se percebe na palavra *arroz* (no árabe lê-se *a-rruz*). Na língua árabe, o *al* ao se juntar com outras letras, pode perder o seu material fonético, embora mantenha o seu valor semântico. Isso ocorre devido a algumas regras dessa língua, segundo as quais algumas letras tendem a repelir o *l*, fazendo com que apenas o *a* seja a parte representativa do artigo definido. Isso, de certo modo, foi perpetuado nas palavras que vieram para o português europeu e, conseqüentemente, para o português brasileiro, embora tenha se perdido a função gramatical da forma.

Acreditamos que a desgramaticalização do *al* (ال) na língua portuguesa, decorra do fato de essas palavras terem entrado na língua via contato linguístico. Entretanto, para fins de delimitação deste estudo, a análise que será feita se restringe às palavras mais recorrentes no léxico do português brasileiro.

Tendo como objetivo mais amplo testar os pressupostos dos teóricos sobre a desgramaticalização, cuja base dos parâmetros listados por Norde (2012) está nos parâmetros da gramaticalização propostos

por Lehman (1995 [1982]), o estudo também congrega alguns objetivos específicos que visam a delinear melhor o estudo: (i) recorrer às gramáticas da língua árabe para compreender a função do item *a/* (ا) de sua língua de origem; (ii) apresentar algumas palavras iniciadas pelo morfema, como são ditas e escritas no árabe, (iii) fazer uma comparação das funções do *a/* na língua árabe e na língua portuguesa e (iv) verificar se o processo de mudança em tela constitui um caso de (des)gramaticalização.

Antes de proceder a tais objetivos, é importante apresentar as seções em que se organizará o artigo: na primeira seção deste trabalho, serão apresentados os pressupostos teóricos referentes à gramaticalização, à desgramaticalização e seus aspectos que estarão adequadas aos propósitos deste trabalho; na segunda seção, será apresentada a descrição do *corpus* e o procedimento metodológico adotado e, na terceira e última seção, apresentam-se as análises dos dados obtidos, as intuições sistematizadas a partir das reflexões, seguidas das considerações finais.

## **Pressupostos teóricos**

No início do século XX, o linguista francês Antoine Meillet propôs o primeiro conceito sobre o fenômeno da gramaticalização, o qual, para ele, se refere à "passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical".<sup>1</sup> Partindo-se dessa concepção, outros estudiosos buscaram ampliá-la e apresentar outras linhas de pesquisa que demonstrassem os graus dos processos de gramaticalização, como Hopper (1993), por exemplo, que indica alguns parâmetros que devem ser observados para identificar processos de gramaticalização, como a *estratificação*, a *divergência*, a *especialização*, a *persistência* e a *descategorização*. Além deles, Lehman (1982) demonstrou que haveria uma escala de gramaticalização a ser considerada para analisar os itens, de acordo com o conceito de liberdade que concerne à relação entre o usuário da língua e os signos que utiliza. A perspectiva de Lehman (1982) é a que se aplica para analisar processos de gramaticalização mais avançado, já que aborda a relação existente entre o grau de gramaticalização e a autonomia do item. Tal autonomia é determinante para determinar a gramaticalidade

<sup>1</sup> MEILLET. *Linguistique historique et linguistique générale*, p. 131.

de uma forma, pois quanto mais gramaticalizado um item, menor a sua autonomia.

Além desses parâmetros de gramaticalização propostos pelos autores citados, muito se discute acerca do termo *desgramaticalização*. Apesar de algumas controvérsias, de acordo com o consenso geral, existiria apenas o movimento do léxico para a gramática e não o contrário, fenômeno que configuraria a desgramaticalização. Entretanto, ao longo das décadas e dos contínuos estudos sobre esse fenômeno linguístico, identificaram-se algumas evidências de dados que apontam para a desgramaticalização (*degramaticalização/degramaticização*), o que enfraqueceu um pouco as afirmações feitas pelos estudiosos sobre a impossibilidade da ocorrência desse fenômeno. Dentre os estudiosos que se dedicam a investigar este fenômeno, temos Muriel Norde, que publicou um livro no ano de 2009 denominado *Degramaticalization*, para explicar sobre o fenômeno e discutir suas aplicações. Além desse livro, também foi publicado, em 2012, no *The Oxford Handbook of Grammaticalization* um artigo em que apresenta sumariamente algumas questões relacionadas ao fenômeno, bem como parâmetros que podem ser empregados para analisá-lo.

Tendo-se em vista que se trata de um fenômeno pouco abordado, pouco frequente e pouco estudado, mas não inexistente, é necessário apresentar aqui o conceito de desgramaticalização e seus parâmetros, os quais serão empregados na análise dos dados deste estudo. De acordo com Norde (2009), “degramaticalização é uma mudança composta em que um determinado item, em um contexto específico, adquire autonomia ou a substância em mais de um nível linguístico (semântica, morfologia, sintaxe ou fonologia)”.<sup>2</sup>

A autora afirma que a relação entre gramaticalização e desgramaticalização pode ser vista como uma ideia que vai além da noção de que um processo é o inverso do outro. Embora existam semelhanças no processo em relação à mudança e à gradualidade, eles possuem diferenças significativas relacionadas à direcionalidade das mudanças primitivas em

<sup>2</sup> NORDE. *Degramaticalization*, p. 1. Tradução nossa do original: “Degramaticalization is a composite change whereby a gram in a specific context gains in autonomy or substance on more than one linguistic level (semantics, morphology, syntax, or phonology).”



cada um deles. Uma diferença significativa, que é válida de ser ressaltada, refere-se à questão da semântica: o processo de gramaticalização envolve perda semântica, ao passo que o de desgramaticalização envolve o fortalecimento semântico, de modo que a palavra gramatical possa mudar para a categoria de palavra lexical.

Para Norde (*op. cit.*), há três tipos básicos de desgramaticalização: *degramation* (degramação), *deinflectionalization* (desflexionalização) e *debonding*. *Degramation* ou degramação consiste em uma mudança composta por meio da qual a função de uma determinada palavra em um contexto específico é reanalisada como um membro de uma classe maior de palavras, de modo que adquira propriedades morfossintáticas típicas dessa determinada classe, passando a adquirir substância semântica. *Deinflectionalization* ou desflexionalização é uma mudança composta em que um afixo inflexional de um contexto linguístico específico adquire uma nova função, mudando para um tipo de morfema independente. *Debonding* é considerada uma mudança em que um morfema fixo, em um contexto específico, torna-se um morfema livre.

Além desses três tipos básicos propostos pela linguista, ela lista os parâmetros a serem aplicados na desgramaticalização. Tais parâmetros, que serão adotados como instrumento metodológico em nossa análise, foram formulados a partir daqueles propostos por Lehmann (1982), para precisar o grau de gramaticalização de um item, conforme comparado no quadro abaixo:

**Quadro 1: Parâmetros propostos por Norde (2012), conforme Lehman (1982)**

<b>Lehman (1982): Gramaticalização</b>	<b>Norde (2012): Desgramaticalização</b>
Integridade	Ressemantização e fortalecimento fonológico
Paradigmaticidade	Desparadigmaticidade
Variabilidade Paradigmática	Deobligatorification
Escopo Estrutural	Escopo Expansivo
Ligação	Separação
Variação Sintagmática	Flexibilização

Apresentados os parâmetros listados por Norde (2012), para diagnosticar possíveis casos de desgramaticalização, passaremos a uma

breve resenha acerca do emprego do artigo *al* na língua árabe para, na sequência, testarmos a hipótese da desgramaticalização do artigo árabe *al* na formação da língua portuguesa, à luz dos parâmetros apresentados.

## O artigo *al* (ال) na língua árabe

De acordo com o *Manual Introdutório ao Árabe Clássico para falantes de português*, de Vicente Massip (2013), o artigo *al* (ال) é um artigo definido e invariável, podendo ser empregado tanto para o feminino quanto para o masculino, e também para o singular e o plural. Deve-se ressaltar que, na língua árabe, há apenas o artigo definido e não há artigo indefinido. O artigo *al* apresenta, pois, uma forma única e sempre se transcreve unido ao substantivo ou à palavra que substantiva. No árabe, o artigo sozinho possui seu valor semântico, ao passo que, nas palavras a que foi incorporado na língua portuguesa, não apresenta nenhum significado, já que passa a integrar o radical das palavras que, no léxico, são dadas como palavras que se iniciam com *al*.

Exemplo:

كِتَابٌ *kitāb* - livro

كِتَابٌ *al-kitāb* - O livro

Como a maioria das letras do alfabeto árabe são consideradas como consoantes, elas são divididas em letras solares (*rharf shmasii*) e letras lunares (*qamar*).

Consoantes solares: *t, ṭ, d, ḍ, r, s, z, ṣ, ṣ̣, l, n, q, ṭ*.

Consoantes lunares: *ʾ*(hamza), *b, j, k, m, q, h, w, (ʾain), ḡ, ī*

A consoante *l*, presente no artigo *ʾal-*, que vem antes dos substantivos que se iniciam com consoantes solares, por assimilação, é substituída por uma consoante igual a que se segue. Isso faz com que haja uma assimilação ortográfica que dá à consoante posposta ao artigo a letra dobrada, como há na palavra *arroz*. Como o *r* é considerado como uma letra solar, compõe-se a palavra da seguinte forma *ʾal-* equivalente fonético *ʾar-* valendo-se como artigo, e de *-ruz*, formando a palavra que conhecemos como *arroz ar + ruz*. Nas palavras com consoantes lunares, entretanto, não há assimilação, pois o *l* figura na escrita, articula-se e segue o processo das formações regulares, como na palavra *alface* em que se tem *ʾal-* (artigo) + *-kachs*.

No árabe clássico, a artigo *al* é mais comum e mais produtivo; entretanto, como não há muitas vogais na língua, o que a faz ser considerada uma língua consonantal, é possível que se encontre o *el* como artigo, como em “El Jouhari” (a joia ou o joalheiro), muito usado no árabe popular, dependendo do dialeto.

É importante considerar a influência dos árabes na formação da língua portuguesa, pois, como o português brasileiro recebeu muitas palavras do português europeu, devido às influências dos mouros, com a invasão da Península Ibérica, as influências culturais e lexicais perduram em nossa língua até os dias atuais. A língua árabe foi considerada como um adstrato, pois ela conviveu com a língua portuguesa em territórios portugueses e espanhóis, fazendo com que o vocabulário fosse mais facilmente absorvido do que necessariamente a própria língua árabe, o que não levou à sobreposição de uma língua em relação à outra. De acordo com Cunha e Cintra (2008), em português, o léxico de origem árabe tem sido estimado entre quatrocentos mil termos, quase todos substantivos referentes à organização guerreira (alferes), à agricultura e à jardinagem (alface, alecrim), ao comércio, a pesos e medidas (arroba), a ofícios, a cargos (alfaiate) a instrumentos musicais (alaúde) e às ciências (álgebra).

## **Concepção de artigo e de morfema**

Para compreendermos o processo ocorrido com o objeto de estudo deste artigo o *a*<sup>3</sup> (ا), é importante observarmos os conceitos de artigo e de morfema para compararmos suas funções nas línguas árabe e portuguesa. Começamos com o conceito de artigo. Segundo David Crystal, no *Dicionário de Linguística e Fonética*, artigo é um “termo usado na classificação gramatical das palavras, com referência a uma subclasse de determinantes, cujo papel primário é diferenciar os usos dos substantivos (Ex.: o/um em português)”.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Na tentativa de buscar os significados a serem atribuídos ao *al-*, nas obras lexicográficas pesquisadas como Caldas Aulete, Aurélio e Priberam, não se encontrou referência ao item como um radical ou como sufixo formador das palavras da língua portuguesa.

<sup>4</sup> CRYSTAL. *Dicionário de Linguística e Fonética*, p. 32.

Dada a concepção abordada por Crystal em seu dicionário, é importante compreender a classe que o item abordado no estudo pertence na sua língua original. Na língua árabe, tal como descrito na seção precedente, a função de artigo se limita à definitude do substantivo, já que não existe artigo indefinido.

Levando-se em consideração que o contato entre as duas línguas favoreceu a incorporação de palavras no léxico da língua portuguesa e que os falantes do português não tinham conhecimento de que o *al* presente nas palavras árabes existia separadamente como artigo, este foi reanalisado como parte integrante da palavra, fazendo com que as palavras iniciadas com *al* fossem (e ainda são) processadas como um vocábulo único. A partir dessa reanálise fonético-fonológica, o *al* perdeu seu valor gramatical genuíno de artigo na língua árabe, passando a integrar, na língua portuguesa, o radical das palavras. Apesar de funcionar como um morfema no português, não é um morfema gramatical, ou seja, aquela unidade significativa responsável por delimitar categorias gramaticais, mas um morfema lexical, unidade que remete ao léxico da língua. Essa mudança de categoria gramatical em categoria lexical é que nos leva a cogitar sobre seu processo de desgramaticalização, influenciado pelo contato linguístico.

## **Análise dos dados**

Apresentados os pressupostos teóricos que nortearam a hipótese da desgramaticalização do artigo *al* na passagem do árabe ao português, procederemos à análise dos parâmetros de desgramaticalização, aplicados a um *corpus* de palavras de origem árabe extraídas de duas obras lexicográficas: Houaiss (2001) e Aurélio (1999). As palavras serão apresentadas no quadro abaixo, tendo-se como base a pronúncia no árabe, com a presença do artigo, e a palavra correspondente no português.

## Quadro 2: Palavras iniciadas com 'al-

Palavras do árabe	Palavras escritas na língua portuguesa
<i>al-Hiçân</i>	<i>Alazão</i>
<i>al-barda'a</i>	<i>Albarda</i>
<i>al-ghattas</i>	<i>Albatroz</i>
<i>al-burnus</i>	<i>Albornoz</i>
<i>al-kasaba</i>	<i>Alçaçova</i>
<i>al-kharshof</i>	<i>Alcachofra</i>
<i>al-qaid</i>	<i>Alcaide</i>
<i>al-qaid</i>	<i>Alcaidaria</i>
<i>al-kawwad</i>	<i>Alcaiole</i>
<i>Al-qantarah</i>	<i>Alcântara</i>
<i>al-karawiya</i>	<i>Alcaravia</i>
<i>al-karabís</i>	<i>Alcaravis</i>
<i>Al-qati</i>	<i>Alcateia</i>
<i>Al- kohul</i>	<i>Alcool</i>
<i>Al-kuran</i>	<i>Alcorão</i>
<i>Al-kuniah</i>	<i>Alcunha</i>
<i>Al-ḍay'ah</i>	<i>Aldeia</i>
<i>al-qabu</i>	<i>Alcova</i>
<i>al-iklil</i>	<i>Alecrim</i>
<i>al-itríya</i>	<i>Aletria</i>
<i>al-khaç</i>	<i>Alface</i>
<i>al-Hâfa</i>	<i>Alfafa</i>
<i>As-sukar</i>	<i>Açúcar</i>
<i>Ar-ruz</i>	<i>Arroz</i>
<i>al-jami'a</i>	<i>Algema</i>
<i>al-kharruj</i>	<i>Algeroz</i>
<i>al-kutun</i>	<i>Algodão</i>

Ao observar as palavras dispostas no quadro, é possível perceber que houve, de fato, um processo de reanálise do artigo definido no árabe, que passou a integrar o radical das palavras portuguesas, o que configura, ainda que em sentido *lato sensu*, o fenômeno da desgramaticalização. Na língua portuguesa, a partícula *al-* não traduz nenhum significado nem semântico, nem funcional, quando aparece desvinculado do radical ao qual se agrega, o que atesta ser ele parte do morfema lexical das palavras. Desse modo, testando-se empiricamente os dados ao conceito

de desgramaticalização proposto por Norde (2012), confirmamos tal processo nesse caso, uma vez que *al* deixou de ser uma palavra gramatical para compor parte da estrutura lexical das palavras. Isso configura um caso de ressemantização, pré-requisito para se atestar o fenômeno ocorrido.

No tocante aos cinco parâmetros propostos por Norde (2012), percebemos que apenas a *desparadigmatização* e a *expansão de escopo* são aplicáveis ao objeto analisado. Em se tratando da perda do paradigma, entendemos que o artigo definido *al* do árabe, ao ser reanalisado como integrante do morfema lexical no português, passou a pertencer a uma classe maior e mais produtiva do que a classe dos artigos, à qual pertencia antes de se desgramaticalizar no contato da língua árabe com a língua portuguesa. Identificamos também expansão do escopo, devido ao aumento de contextos que o *al-* passa a figurar nas palavras, tanto primitivas quanto derivadas, enquanto na língua árabe sua função era de apenas preceder o substantivo.

Assim, o percurso da mudança linguística oriunda do contato entre as línguas árabe e portuguesa pode ser assim sistematizado:

artigo definido árabe <i>al</i> (ال)	>	parte do morfema lexical do português
Al-kuniah	>	<i>algunha</i>
Artigo-substantivo		morfema lexical
Ar-ruz	>	<i>arroz</i>
Artigo Ar-substantivo		morfema lexical
(assimilação do L pelo R)		redobro do R

## Considerações finais

A pesquisa aqui desenvolvida, embora breve, partiu da hipótese de que o artigo definido *al* (ال) do árabe teria se desgramaticalizado ao ser reanalisado e incorporado ao radical de palavras portuguesas. Além de testar essa hipótese, pretendemos verificar quais dos parâmetros propostos por Norde (2012), a partir de Lehman (1982), melhor se aplicavam ao objeto de nossa análise. Visando a testar empiricamente os pressupostos teóricos contra os dados linguísticos, compusemos um *corpus* de palavras portuguesas de origem árabe, todas iniciadas por *al-*, as quais foram coletadas em duas obras lexicográficas bastante populares, a saber, Houaiss e

Aurélio. Para nos assegurarmos da origem árabe das palavras selecionadas, realizamos uma pesquisa bibliográfica em gramáticas do árabe clássico. Tal pesquisa foi essencial também para nos ajudar a compreender as funções exercidas pelo artigo *a/* no árabe, bem como para entendermos o processo de reanálise fonético-fonológico ocorrido no contato linguístico.

Os dados mostraram confirmaram a adequação de nossa hipótese. Assim, a partir das reflexões empreendidas, chegamos às seguintes generalizações: (i) a partícula *a/* passou por um processo de ressemantização por não apresentar nenhum valor funcional na língua portuguesa; (ii) não houve perda substancial significativa, apenas redução fonética e fonológica, quando da reanálise do artigo em morfema lexical; (iii) ocorreu, no contato linguístico, um processo de desgramaticalização, já que o *a/* (ا) deixou de ser uma palavra gramatical, abdicando-se de sua antiga função de artigo definido, para se tornar um morfema lexical, integrando-se ao radical das palavras que compõem o léxico da língua portuguesa.

Por ora, parece-nos suficiente ter demonstrado que o item pesquisado sofreu um processo inverso ao da gramaticalização, o que pode constituir objeto para trabalhos futuros, envolvendo uma comparação maior entre o árabe e o português ou mesmo entre outras línguas românicas.

Mestranda em estudos linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. *E-mail*: jessicanayra@yahoo.com.br

## Referências

- CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CUNHA, Cunha; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. (Cambridge Textbooks in Linguistics).
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOURANI, Albert Habib. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. 2. ed. Munique: Lincom Europa, 1995.

(Lincom studies in theoretical linguistics) [LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien 49 – Projects, 1982. v. 1.].

MASSIP, Vicente. *Manual Introdutório ao árabe clássico para falantes do português*. Recife: EDUFPE, 2013.

NORDE, Muriel. *Degramaticalization*, Oxford: Oxford University Press, 2009. (Oxford Linguistics).

NORDE, Muriel. Degramaticalization. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (Ed.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford Handbooks Online, 2012. p. 381-389.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.



# A extensão das funções gramaticais de *that*

Bruna Rodrigues Fontoura

## Considerações iniciais

Um item lexical pode se tornar gramatical, assim como pode se mover de uma categoria menos gramatical para uma mais gramatical, tal como apontado por Kuryłowicz (1965). Desse modo, foi tomado como base o trabalho feito por Himmelmann (2004) acerca do desenvolvimento dos artigos em alemão, assim como a investigação da extensão da gramaticalização do auxiliar *be going to* realizada por Traugott (2012). A presente pesquisa buscou fazer um levantamento do percurso histórico da palavra *that* da língua inglesa desde suas origens, considerando as diferentes fases do inglês, em relação à gramaticalização das formas funcionais existentes nessa língua atualmente. Nesse sentido, os parâmetros propostos por Himmelmann (2004) no que concerne à extensão de classe foram utilizados para observar o percurso de mudança do termo investigado.

Lehmann (1995 [1982]) defende que, à medida em que um item se torna mais gramaticalizado, este se torna mais funcional no sistema linguístico; logo, se um item não é gramaticalizado, este não é funcional no sistema linguístico.

A fim de investigar o percurso histórico da palavra *that* da língua inglesa foram consultados quatro dicionários e uma gramática descritiva da língua inglesa; ademais, os fenômenos encontrados foram testados em um *corpus*.

Assim sendo, com o objetivo de exibir o processo de gramaticalização de *that*, a primeira seção deste texto apresenta, de forma concisa, os pressupostos teóricos no que concerne aos estudos de gramaticalização de extensão de classe de palavra; na segunda parte, a metodologia adotada nessa investigação é exposta; são mostrados os dados obtidos na terceira seção; em seguida, os dados são analisados na quarta seção, a qual está dividida em duas subseções que se referem às formas desenvolvidas da palavra *that*; por fim, apresentam-se as considerações finais deste estudo.

## **Pressupostos teóricos**

Lehmann (1995 [1982]) afirma que quanto mais um item é utilizado livremente pelos falantes da língua, mais autônomo este se torna. Desse modo, a gramaticalidade é contrária à autonomia de um item, já que a gramaticalização retira sua autonomia. Portanto, quando medimos o grau de gramaticalidade de um símbolo, definimos seu grau de autonomia.

Heine *et al.* (1991) propõem que a questão central para se compreender a relação entre as categorias gramaticais é o fato de como é possível decidir se a categoria X é mais gramaticalizada do que Y. Já que nem sempre é possível chegar a uma resposta clara, existem alguns parâmetros que são úteis para determinar o nível relativo de gramaticalização de certa categoria. Assim como foi proposto por Lehmann (1995 [1982]), parâmetros fonéticos e morfossintáticos são utilizados para descrever diferentes níveis de gramaticalização.

O primeiro parâmetro proposto por Heine *et al.* (1991) para estabelecer graus de gramaticalização entre as classes envolvidas neste fenômeno consiste na premissa de que uma categoria gramatical é mais gramaticalizada do que outra categoria, se é derivada etimologicamente dela. Este processo diacrônico pode ser imediatamente inferido do princípio da unidirecionalidade.

A hipótese da unidirecionalidade afirma que as mudanças que são examinadas sob a ótica da gramaticalização se movem em duas direções – de mais a menos lexical, e de menos a mais gramatical – de forma que este processo ocorre em apenas um sentido. (Börjas e Vincent, 2012)

Segundo Givón (1971), mudanças em que uma forma plena se torna uma forma reduzida, e posteriormente ainda mesmo zero, são consideradas unidirecionais, o que, conforme Lehmann (1995 [1982]), indica que a desgramaticalização não existe. Entretanto, apesar de a unidirecionalidade ser considerada uma propriedade central da gramaticalização na maioria das literaturas, ela é rejeitada por alguns autores.

Himmelman (2004) propõe que o item gramaticalizado parte do significado mais concreto para o mais abstrato, de modo que o elemento se torna menos lexical e mais funcional. Assim sendo, não é apenas o item que se torna mais gramatical, mas o contexto sintagmático do objeto gramaticalizado. Portanto, não são apenas elementos isolados que se gramaticalizam, mas as construções. O autor ainda faz referência à gramaticalização de demonstrativos em artigos no alemão e afirma que não são todos os demonstrativos que se gramaticalizaram, senão aqueles que possuem tal função em um contexto específico. Desse modo, a gramaticalização dessas categorias deveria ser representada como DEM > ART SUBST, ao invés de apenas DEM > ART, de forma que o demonstrativo em questão se gramaticaliza em um artigo apenas em um contexto seguido de um substantivo. Ele ainda propõe que é muito importante identificar o contexto no qual um elemento se gramaticaliza; nesse sentido, um artigo se gramaticaliza dentro de um sintagma nominal.

Mecanismos de mudança são processos que acontecem na medida em que a língua é utilizada, de modo que estes são responsáveis por “criarem a língua” (Bybee, 2001). De acordo com Harris e Campbell (1995), os mecanismos básicos de mudança são a reanálise, a extensão e o empréstimo, sendo que estes mecanismos estão no nível de mudança morfossintática; entretanto, a reanálise também afeta o processo de mudança no nível semântico.

Himmelman (2004) trata da extensão de contexto em relação à gramaticalização segundo três níveis distintos. Em primeiro lugar, os elementos dentro de uma mesma classe são expandidos, como no exemplo do *be going to*, citado por Traugott (2012), que passa a ser usado como um auxiliar que pode ocorrer com verbos estativos; isso é chamado de extensão de classe. Em segundo lugar, o contexto sintático em que uma dada construção ocorre pode mudar. Além disso, Traugott (2012) aponta

que, apesar da gramaticalização acontecer em contextos sintagmáticos restritos, é possível que dois usos diferentes coexistam, como é o caso do *be going to*, em que tanto o verbo principal quanto o verbo auxiliar ocorrem no mesmo contexto, ou seja, isso se trata de um caso de extensão sintática. Por fim, são expandidos os contextos semânticos e pragmáticos nos quais uma construção ocorre e, assim como apontado por Traugott (2012), em dados contextos, os significados pragmáticos se tornam convencionalizados e podem ser semanticizados como polissemias, tal como os dois significados de *be going to*. Himmelmann (2004) ainda debate acerca da necessidade de haver todos os três níveis para que haja uma gramaticalização; no entanto, ele afirma que a extensão semântico-pragmática seria a mais importante.

## Metodologia

De modo a realizar esta pesquisa, um dicionário etimológico foi utilizado – o *Online Etymology Dictionary* – assim como o *American Heritage Dictionary*, que é um dicionário que, além de tratar dos usos atuais, também considera a origem das palavras, a fim de cotejar a procedência de *that*. Consultaram-se ainda dois dicionários que descrevem os empregos contemporâneos das palavras, mas que possuem a descrição da origem das palavras – o *Oxford Learner's Dictionary* e o *Collins Dictionary* foram utilizados no que concerne aos usos do termo sob investigação. A gramática descritiva do inglês, *Longman Grammar of Spoken and Written English*, que se baseia em dados encontrados no *Longman Spoken and Written English Corpus* (LSWE), foi usada a fim de comparar as classes de palavras listadas pelos quatro dicionários acima descritos. Além do mais, o *Corpus of Contemporary American English* (COCA) foi empregado para testar as ocorrências descritas nas obras lexicográficas.

Registre-se que todos os dicionários, bem como o COCA, utilizados na pesquisa estão disponíveis *on-line* e são fontes de consulta abertas para qualquer pessoa. Os quatro dicionários foram selecionados com base no critério de que todos possuem ao menos uma pequena seção que se refere à origem do termo pesquisado, assim como a informação contida nestes em relação a sua etimologia está em consonância. Além disso, com exceção do *Online Etymology Dictionary*, todos os demais refletem

o uso atual da palavra investigada; sendo assim, suas entradas podiam ser confrontadas. O *Corpus of Contemporary American* é uma plataforma digital que conta com 520 milhões de palavras do inglês americano que foram coletadas em diversos contextos, tal como em notícias – escritas e faladas – e também no meio acadêmico. Este trabalho foi feito no período que compreende os anos 1990 e 2015, de forma que esse banco de dados oferece uma fonte autêntica para ilustrar os empregos de *that* feitos pelos usuários da língua inglesa na atualidade, já que este *corpus* é bem extenso e balanceado.

Os três dicionários que refletem o uso contemporâneo da palavra *that* apresentam mais de um exemplo para cada classe gramatical, entretanto apenas um de cada entrada foi selecionado para cada fenômeno desse estudo. O *Oxford Learner's Dictionary* apresenta usos de linguagem padrão, assim como aqueles encontrados na linguagem coloquial. Esse ainda não possui um caráter prescritivo e nem apresenta uma seção destinada a isso como o *American Heritage Dictionary* e o *Collins Dictionary*. O *American Heritage Dictionary* ainda não faz distinção dos empregos informais e trata estes usos lá catalogados como sendo corriqueiros na língua sem os diferenciar dos demais. A *Longman Grammar of Spoken and Written English* apresenta alguns gráficos de dados dos tipos de usos que podem ser empregados em algumas palavras considerando diversos contextos, tais como a oralidade e a escrita, sendo o último em textos acadêmicos, jornalísticos, dentre outros.

## **Apresentação dos dados**

Segundo Durkin (2009), a etimologia trata da investigação da história das palavras, e esta linha de pesquisa tem procurado proporcionar uma justificativa adequada para a história de uma palavra. Ele afirma que a etimologia pertence ao domínio da linguística histórica, de modo que há a busca pela explicação e pela razão pela qual as línguas se modificam. Assim sendo, a etimologia não pode ser estudada considerando apenas um item isolado, mas através de mecanismos empregados pela linguística histórica – fonologia, morfologia, sintaxe e semântica – a fim de obter uma explicação verossímil para a história de uma palavra. Além do mais, Viaro (2014) propõe que a etimologia engloba o estudo de muitas

línguas e fases das línguas. Assim sendo, a etimologia da palavra *that* foi investigada, segundo os dicionários e a gramática aqui adotados, para comparar o desenvolvimento da mesma conforme etapas anteriores da língua inglesa.

O *Online Etymology Dictionary* oferece uma descrição detalhada da palavra *that*,<sup>1</sup> a começar pelo inglês antigo<sup>2</sup> *þæt*, que estava presente em expressões tais como “*that, so that, after that*”. Desde aquela época, a palavra em questão poderia ser observada segundo as funções abaixo:

- (1) a. pronome demonstrativo – A Man’s a Man for a’ *that*.  
Um homem é um homem para aquilo.
- b. pronome relativo – O thou *that* hearest prayer.  
Ó tu que ouves a oração.
- c. pronome adjetivo – Look at *that* caveman go!  
Olhe aquele homem das cavernas ir!

Além disso, *þæt* está relacionado com a forma masculina *se* e a feminina *seo*, correspondentes ao artigo definido. As formas do protoindo-europeu (PIE) *\*tod-*, e do proto-germânico *\*that* se ampliaram a partir da base do pronome demonstrativo *\*-to-*. Após o sistema gramatical de gênero entrar em desuso, este começou a ser usado para todos os gêneros no inglês médio<sup>3</sup> e no inglês moderno. Cognatos de origem germânica compreendem o antigo saxão, conhecido também como baixo alemão antigo, *that*, frísio antigo *thet*, neerlandês médio, e atualmente ao neerlandês *dat*, e o alemão *der*, *die*, *das*, que correspondem, respectivamente, aos artigos definidos masculino, feminino e neutro.

O *American Heritage Dictionary* apresenta uma descrição bem mais sucinta da origem da palavra *that*<sup>4</sup> e afirma que esta se origina no inglês médio, e da forma do inglês antigo *thæt*, e ainda do germânico *\*that*. Esse dicionário possui um apêndice de raízes de origem indo-europeias,

<sup>1</sup> [http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=that](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=that)

<sup>2</sup> O inglês antigo, também conhecido como anglo-saxão, corresponde à língua inglesa do meio do século V e o começo do século XII D.C. Esta língua tinha um sistema flexional com o vocabulário germânico, e era bem diferente do inglês moderno. [https://en.oxforddictionaries.com/definition/old\\_english](https://en.oxforddictionaries.com/definition/old_english) e <https://ahdictionary.com/word/search.html?q=old+english&submit.x=0&submit.y=0>

<sup>3</sup> O inglês médio compreende ao período de 1150 a 1470 D.C. [https://en.oxforddictionaries.com/definition/middle\\_english](https://en.oxforddictionaries.com/definition/middle_english)

<sup>4</sup> <https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=that&submit.x=0&submit.y=0>

e propõe que a raiz *to-* está relacionada à palavra investigada, e dentre uma das entradas desta raiz está especificado que a forma neutra estendida *\*tod* possui conexão com o *that*, que vem do inglês antigo *thæt*, e também do germânico *\*that*. Além disso, este dicionário apresenta quatro entradas diferentes com usos encontrados no inglês contemporâneo:

- (2) a. pronome – After *that*, he became a recluse.  
Depois disso, ele se tornou um recluso.
- b. pronome relativo – The car *that* has the flat tire.  
O carro que tem o pneu furado.
- c. adjetivo – *That* route is shorter than this one.  
Aquela rota é mais curta do que esta.
- d. advérbio – Didn't take what he said *that* seriously.  
Não levou o que ele disse tão a sério.
- e. conjunção – It is true *that* dental work is expensive.  
É verdade que serviço dentário é caro.

Assim como o *American Heritage Dictionary*, o *Oxford Learner's Dictionary* também proporciona uma perspectiva da origem da palavra *that*<sup>5</sup> de maneira bem concisa. Tal como os demais dicionários, este declara que a palavra estudada vem do inglês antigo *thæt*, e ainda que ela se relaciona à forma *se* que representa o artigo definido nos casos nominativo e acusativo singular neutro. Possui origem germânica relacionada às formas existentes na atualidade do neerlandês *dat* e do alemão *das*. Este dicionário reflete o uso do inglês contemporâneo, e os exemplos nele contidos podem ser encontrados na maioria das variantes da língua inglesa, e também possui quatro entradas diferentes para *that*:<sup>6</sup>

- (3) a. determinante – I was living with my parents at *that* time.  
Eu estava morando com os meus pais naquela época.
- b. pronome – *That's* Peter over there.  
Aquele é o Peter logo ali.

<sup>5</sup> [http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that\\_1](http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that_1)

<sup>6</sup> Neste dicionário, não há, como nos demais dicionários citados previamente, uma sequência na qual as entradas de *that* são apresentadas, neste caso existe uma página diferente para cada classe de palavras do termo pesquisado. Todavia, quando *that* é procurado, a primeira entrada a aparecer é a *that* determinante. No canto direito é possível ver as demais entradas com as quais a palavra buscada se relaciona.

- c. pronome relativo – The watch (*that*) you gave me keeps perfect time.<sup>7</sup>  
O relógio que você me deu marca a hora perfeitamente.
- d. conjunção – She said (*that*) the story was true.<sup>8</sup>  
Ela disse que a história era verdadeira.
- e. advérbio – There aren't *that* many people here.  
Não há tantas pessoas aqui.

O *Collins dictionary* também contém uma seção destinada à origem da palavra e que se situa logo após as entradas do termo pesquisado. Em relação à *that*,<sup>9</sup> este emergiu do inglês antigo *thæt*, e possui relação com o antigo frísio *thet*, o antigo nórdico,<sup>10</sup> o antigo saxão *that*, o alto-alemão antigo *daz*, o grego *to*, o latim *istud*, e o sânscrito *tad*. Além disso, este dicionário também oferece uma descrição dos usos contemporâneos da palavra que é distribuído em quatro entradas:

- (4) a. determinante – Don't eat *that*.  
Não coma aquilo.
- b. conjunção – I believe *that* you'll come.  
Eu acredito que você virá.
- c. advérbio – Go just *that* fast and you should be safe.  
Vá bem rápido e você deverá ficar seguro.
- d. pronome (relativo)<sup>11</sup> – The book *that* we want.  
O livro que nós queremos.

A *Longman Grammar of Spoken and Written English* apresenta uma subseção que concerne apenas aos usos de *that* em geral.<sup>12</sup> Logo no início

<sup>7</sup> De acordo com o dicionário, *that* aparece entre parênteses, já que na linguagem falada e na escrita informal do inglês, o *that* é quase sempre apagado quando é objeto do verbo ou empregado com uma preposição.

<sup>8</sup> Segundo o dicionário, *that* aparece entre parênteses, uma vez que na linguagem falada e na escrita informal do inglês, o *that* é frequentemente omitido após verbos e adjetivos, o que não acontece com tanta frequência após substantivos.

<sup>9</sup> <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/that>

<sup>10</sup> O dicionário não apresenta nenhum exemplo para o caso do antigo nórdico.

<sup>11</sup> O *Collins Dictionary* coloca sob o domínio dos pronomes apenas os pronomes relativos deixando de lado os demonstrativos, e aloca os últimos na categoria determinante:

**that** is John and **this** is his wife

Aquele é o John e esta é sua esposa

<sup>12</sup> Não são apresentados exemplos nessa seção da gramática.



desta é dito que “*that* é uma das palavras mais comuns e mais flexíveis do inglês”.<sup>13</sup> Nesta parte são comparados os usos de *that*: demonstrativo, complementizador, pronome relativo e advérbio de intensidade. Segundo Biber *et al.* (2007), os dados encontrados no corpus LSWE revelam que, na linguagem falada, *that* aparece principalmente na forma de demonstrativo, de forma que outros usos, incluindo o de advérbio de intensidade, são uma pequena minoria. *That* com as funções de complementizador e de pronome relativo são relativamente infrequentes, uma vez que na modalidade oral a alternativa zero, ou seja, aquela em que é possível omitir a palavra *that*, é muito frequentemente escolhida. Além disso, a distribuição entre *that* enquanto demonstrativo e as demais categorias é mais balanceada quando a seção de ficção<sup>14</sup> é analisada. Não obstante, na seção escrita acadêmica<sup>15</sup> e no noticiário escrito<sup>16</sup> do *corpus*, foi constatado que *that* como complementizador e como pronome relativo são os mais frequentes.

## **Análise dos dados**

É possível notar que há diferença quanto à distribuição e à classificação de cada uma das entradas de *that* nos quatro dicionários empregados na pesquisa, a começar pelas suas origens, já que, segundo o *Online Etymology Dictionary*, o termo era dividido em três categorias – pronome demonstrativo, pronome relativo e pronome adjetivo. Em relação aos dicionários que apresentam os usos contemporâneos, os três dicionários investigados possuem quatro entradas para o termo, entretanto, existem variações em relação às categorias nas quais *that* se distribui. Não obstante, também há um consenso quanto a algumas categorias nos três dicionários, sendo estas o advérbio, a conjunção, e o pronome relativo.

Desse modo, o *American Heritage Dictionary* apresenta uma entrada para os pronomes, sendo estes o demonstrativo e o relativo, mas exhibe uma entrada diferente para os adjetivos. Enquanto isso, o *Oxford*

<sup>13</sup> BIBER *et al.* *Longman Grammar of Spoken and Written English*, p. 350. Tradução minha, no original:

“*That* is one of the most common and most flexible word forms in English.”

<sup>14</sup> Fiction.

<sup>15</sup> Academic prose.

<sup>16</sup> News writing.

*Learner's Dictionary* apresenta uma categoria para os determinantes, que envolve os pronomes adjetivos, mas coloca os pronomes demonstrativos e relativos na entrada dos pronomes. Já o *Collins Dictionary* coloca os pronomes demonstrativos e adjetivos na entrada que corresponde aos determinantes e deixa apenas os pronomes relativos na categoria que compreende os pronomes. Ao contrário dos dicionários, a *Longman Grammar of Spoken and Written English* não possui uma seção que elenca as funções de *that*, mas cita a palavra nas categorias em que ela se encaixa.

Foi possível observar que *that* não se realizava na forma de advérbio e de conjunção na época de seu surgimento no inglês antigo, entretanto este contém entradas separadas para cada uma dessas categorias no *American Heritage Dictionary*, no *Oxford Learner's Dictionary*, no *Collins Dictionary* e também na *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Dessa forma, podemos concluir que houve uma extensão de classe, tal como proposto por Himmelmann (2004) e discutido por Traugott (2012), e as diferentes entradas ainda coexistem em contextos diferentes. Nesse sentido, iremos analisar o contexto em que essas categorias ocorrem, assim como feito por Himmelmann (2004) e por Traugott (2012), quando estudaram o desenvolvimento de categorias tais como artigos e auxiliares, respectivamente.

### **That conjunção**

É possível observar que as conjunções possuem uma função subordinadora nos exemplos encontrados nos três dicionários que apresentam usos contemporâneos:

(5) American Heritage Dictionary – She hoped *that* he would arrive on time<sup>17</sup>

Ela esperava que ele chegasse na hora

Oxford Learner's Dictionary – It's possible (*that*) he has not received the letter<sup>18</sup>

É possível que ele não tenha recebido a carta.

Collins Dictionary – he laughed so hard *that* he cried.<sup>19</sup>

Ele riu tanto que chorou.

<sup>17</sup> <https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=that&submit.x=0&submit.y=0>

<sup>18</sup> [http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that\\_3](http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that_3)

<sup>19</sup> <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/that>

Assim como é proposto no *Oxford Learner's Dictionary*, *that* com a função conjuntiva é "usado após alguns verbos, adjetivos e substantivos para introduzir uma nova parte da sentença".<sup>20</sup> Desse modo, temos um exemplo de extensão sintática em que este termo aparece, uma vez que acontece em contextos específicos. A palavra apresenta um novo significado, e coexiste com diferentes sentidos em contextos específicos, configurando uma extensão semântico-pragmática.

Ainda como afirmado no *Oxford Learner's Dictionary*, a palavra *that*, com a característica subordinadora, está desaparecendo na linguagem informal frequentemente quando empregada após verbos e adjetivos, e menos habitualmente após substantivos. Ademais, como já foi mencionado na seção acima, existem dados de *corpus* citados na *Longman Grammar of Spoken and Written English* que corroboram este fenômeno, uma vez que o falante frequentemente opta por omitir o termo na oralidade.

Outros exemplos do desaparecimento de *that* podem ser encontrados no *Corpus of Contemporary American English* (COCA), onde o fenômeno foi identificado também na linguagem escrita:

(6) We *believe* (*that*) a consensus forecast is often more accurate than a forecast by any one individual.<sup>21</sup>

Nós acreditamos **que** uma previsão consensual é muitas vezes mais precisa do que uma previsão feita por qualquer indivíduo.

(7) She *said* (*that*) she is making friends and enjoying the freedom to hang out without fearing abduction or harassment.<sup>22</sup>

Ela disse **que** está fazendo amigos e desfrutando da liberdade de sair sem temer raptos ou assédio.

Nesse sentido, poderíamos analisar o desaparecimento do *that* conjuntivo na linguagem coloquial como um fenômeno de gramaticalização que se encontra em fase final, já que o termo se torna zero na maioria das vezes. Como esse fenômeno acontece em contextos específicos, ou seja, mais frequentemente após verbos e adjetivos do que após substantivos, isso se caracterizaria como uma especialização de contexto.

<sup>20</sup> Tradução minha, no original: "used after some verbs, adjectives and nouns to introduce a new part of the sentence". [http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that\\_3](http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that_3)

<sup>21</sup> Exemplo da seção *NEWS*. <http://corpus.byu.edu/coca/>

<sup>22</sup> Exemplo da seção *NEWS*. <http://corpus.byu.edu/coca/>

## **That advérbio**

Quando analisamos o contexto no qual *that* se configura como advérbio, podemos notar que este aparece quando seguido de adjetivo ou de advérbio para se referir ao grau de algo previamente mencionado.<sup>23</sup> Além disso, na entrada sobre o *that* na categoria de advérbio, o *Collins Dictionary* explica que esse termo também pode desempenhar uma função intensificadora que se manifesta nos usos informais. Este tem origem na expressão “*all that*” e geralmente é empregado em uma sentença negativa:

- (8) Collins Dictionary – He wasn’t *that* upset at the news.<sup>24</sup>  
Ele não estava tão chateado com a notícia.

O *Oxford Learner’s Dictionary* também possui, na categoria advérbio, uma seção destinada à expressão *not (all) that* que se refere ao fato de que esta denota um intensificador, com o sentido de “não muito”:

- (9) Oxford Learner’s Dictionary – It isn’t all *that* cold.<sup>25</sup>  
Não está assim tão frio.

Tanto o *Oxford Learner’s Dictionary* quanto o *Collins Dictionary* afirmam que, em contextos informais, o *that* pode ser usado como intensificador, e eles não fazem qualquer menção ao fato de essa função estar ligada à expressão *all that*:

- (10) Collins Dictionary – The cat was *that* weak after the fight<sup>26</sup>  
O gato estava tão fraco depois da luta.  
Oxford Learner’s Dictionary – I was *that* scared I didn’t know what to do.<sup>27</sup>  
Eu estava tão assustado que não sabia o que fazer.

Contudo, o *American Heritage Dictionary* especifica que o *that* pode ser empregado com o sentido de “muito” sem fazer nenhum tipo de referência à expressão *all that*:

<sup>23</sup> <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/that>

<sup>24</sup> <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/that>

<sup>25</sup> [http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that\\_4](http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that_4)

<sup>26</sup> <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/that>

<sup>27</sup> [http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that\\_4](http://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/that_4)

- (11) Is your problem *that* complicated?<sup>28</sup>  
O seu problema é assim tão complicado?

Além do mais, no *Corpus of Contemporary American English* (COCA), podemos encontrar mais instâncias em que o *that* aparece com a função intensificadora, sem que haja negação ou até mesmo a partícula *all*, e ainda outros exemplos que demonstram o sentido negativo do item:

- (12) we'd be fooling ourselves to think these Hall candidates are *that* much cleaner than the norm.<sup>29</sup>  
nós estaríamos nos enganando em pensar que esses candidatos do Hall são muito mais limpos do que a norma.
- (13) Not *that* smart after all.<sup>30</sup>  
Não tão inteligente depois de tudo.

Tal como os parâmetros desenvolvidos por Himmelmann (2004) e adotados por Traugott (2012) no que concerne à extensão de uma classe de palavras, é possível observar que o sentido da palavra *that* se ampliou, já que pode ser empregada como um advérbio equivalente a "muito", além de poder ser utilizada como um advérbio quando seguido de adjetivo e/ou advérbio. Dessa forma, conclui-se que houve uma extensão sintática, uma vez que o termo ocorre em contextos específicos e que seu sentido mudou nessas situações particulares, de modo que aconteceu também uma extensão semântico-pragmática.

Podemos notar que alguns usos mais recentes do *that* como advérbio parecem ter sido originários da expressão *all that*, em que *all* está desaparecendo e apenas *that* está sendo utilizado pelos usuários da língua inglesa com o intuito de intensificar uma dada proposição. Além disso, a expressão *all that* aparecia originariamente em sentenças nas quais havia uma negativa, todavia, já é possível observar que, na linguagem coloquial, *that* se manifesta com uma função intensificadora em contextos em que não há qualquer negação.

A gramática descritiva *Longman Grammar of Spoken and Written English* destaca que *that* com função de advérbio de intensidade, sem fazer menção ao fato do termo estar ou não acompanhado de uma negação, não aparece corriqueiramente na linguagem falada. Assim sendo,

<sup>28</sup> <https://www.ahdictionary.com/word/search.html?q=that&submit.x=0&submit.y=0>

<sup>29</sup> Exemplo da seção NEWS. <http://corpus.byu.edu/coca/>

<sup>30</sup> Exemplo da seção SPOKEN. <http://corpus.byu.edu/coca/>

pode-se inferir que isso se deve ao fato de que *that*, enquanto advérbio de intensidade dissociado da expressão *all that* e sem a negativa, parece estar no início do processo de gramaticalização, já que este é um novo significado da palavra e o termo ainda não parece estar totalmente implementado na língua inglesa, uma vez que nem todos os usuários parecem utilizar o mesmo com esse sentido.

Desse modo, conseguimos observar que a partícula *all* da expressão *all that* está desaparecendo e dando lugar apenas à palavra *that*. Ademais, o sentido de *that* está se ampliando de forma que a partícula *all* se enfraqueceu, dessemantizou, e não se faz mais necessária para que haja um sentido completo. Por fim, o contexto onde esse fenômeno está ocorrendo está se ampliando, já que inicialmente isso acontecia apenas em proposições negativas, mas esse uso também se expandiu para outros contextos. Portanto, entendemos que este fenômeno é um novo processo de gramaticalização que está acontecendo na língua inglesa.

### **Considerações finais**

Com base no estudo feito sobre o desenvolvimento da palavra *that* da língua inglesa, foi observado que este ampliou suas possibilidades de uso e de sentido em contextos específicos, já que as categorias conjunção e advérbio não existiam no seu surgimento. Dessa forma, conclui-se que houve uma extensão de classe tal como proposto por Himmelmann (2004) e adotado também por Traugott (2012). Além disso, foi possível constatar que *that*, enquanto conjunção, está sofrendo um apagamento, ou seja, um desbotamento semântico, pois esse termo vem sendo omitido pelos usuários da língua na linguagem coloquial. Nesse sentido, é plausível assumir que *that* com ação subordinadora pode se gramaticalizar no inglês a ponto de se tornar zero e desaparecer. Desse modo, nessa fase do processo de gramaticalização, a palavra apresenta uma opcionalidade, já que os falantes escolhem quando a usam sem que haja perda ou ganho do conteúdo semântico no emprego da mesma.

Por outro lado, o *that* com função adverbial parece estar se fortalecendo no discurso informal, já que seu sentido se ampliou para um intensificador e esse termo se dissociou da expressão original *all that*, cuja noção intensificadora era traduzida pela construção. Assim sendo,

assume-se que a partícula *all* desapareceu, já que esta não se faz necessária para que o sentido de intensificação desempenhado originalmente pela construção esteja completo, ou seja, ocorreu uma dessemantização da mesma. Além do mais, os contextos nos quais a palavra ocorre se expandiram, uma vez que essa só aparecia em proposições negativas, com sentido equivalente a “muito”. Atualmente é possível observar que, na linguagem informal, *that* como advérbio ocorre em diversos contextos.

Dessa forma, podemos concluir que o desenvolvimento das classes da palavra *that* implica sua gramaticalização, já que foi possível notar que esse termo ampliou as categorias gramaticais e apresenta funções diferentes daquelas originais. Além disso, pudemos observar que os fenômenos de gramaticalização inovadores na língua inglesa estão se manifestando na linguagem coloquial, oral e escrita, e já estão documentadas em alguns dicionários e em pelo menos uma gramática. Não obstante, o processo de gramaticalização do *that* conjuntivo parece estar mais desenvolvido do que o do *that* com função de advérbio de intensidade, uma vez que o primeiro parece ser menos estigmatizado que o segundo. Desse modo, o desaparecimento da conjunção pode ser implementado plenamente no inglês, enquanto o advérbio ainda está no início do percurso para se tornar um item amplamente aceito, e, conseqüentemente, gramaticalizado.

Finalmente, acreditamos que esta investigação contribui para os estudos de extensão de classe acerca do fenômeno da gramaticalização. Estamos cientes de que esta pesquisa contém limitações, já que essa se configura como uma pesquisa qualitativa dos usos contemporâneos da palavra *that*. Assim sendo, investigações posteriores poderiam fazer um estudo também de caráter quantitativo, a fim de obter dados estatísticos de um número considerado relevante de ocorrências dos fenômenos aqui apresentados. Ademais, poderia ser averiguado se as formas de línguas germânicas com mesma origem do *that* do inglês, tais como o *das* do alemão e do *dat* do neerlandês, também traçaram um processo de gramaticalização análogo ao feito pelo *that* da língua inglesa.

Graduada em Licenciatura em Inglês pela UFMG, e mestranda em Estudos Linguísticos na mesma universidade. Trabalho feito como parte da avaliação da disciplina de Seminário de tópico variável em linguística teórica e

## Referências

- BIBER, Douglas *et al.* *Longman Grammar of Spoken and Written English*. 6. ed. Londres: Pearson Education Limited, 2007.
- BÖRJARS, Kersti. VINCENT, Nigel. Grammaticalization and directionality: data, analysis and explanation. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 163-176.
- BYBEE, Joan. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. (Cambridge Studies in Linguistics)
- DAVIES, M. *Corpus of Contemporary American English (COCA)*. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/coca/>>. Acesso em: 25 nov. 2016
- DEUTER *et al.* *Oxford Learner's Dictionary*. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com>>. Acesso em: 22 nov. 2016
- DURKIN, Philip. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field trip. *Regional Meetings of the Chicago Linguistic Society* v. 7. p. 394-415, 1971.
- HANKS, Patrick. *Collins Dictionary*. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com>>. Acesso em: 22 nov. 2016
- HARPER, D. *Online Etymology Dictionary*. 2001-2016. Disponível em: <<https://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 22 nov. 2016
- HARRIS, Alice; CAMPBELL, Lyle. *Historical Syntax in Cross-Linguistic Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. (Cambridge Studies in Linguistics)
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (Ed.). *What Makes Grammaticalization: A Look from Its Fringes and Its Components*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2004. p. 19-40.
- KURYŁOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. In: \_\_\_\_\_. *Esquisses Linguistiques II*. Munique: Wilhelm Fink, 1965. p. 38-54.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. 2. ed. Munique: Lincom Europa, 1995. (Lincom studies in theoretical linguistics) [LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien 49 – Projects, 1982. v. 1.]
- MIFFLIN, H. *American Heritage Dictionary*. Disponível em: <<https://ahdictionary.com>>. Acesso em: 22 nov. 2016
- SIMPSON, J. *Oxford Dictionaries*. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com>>. Acesso em: 26 nov. 2016
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization and mechanisms of change. In: HEINE, Bernd;



NARROG, Heiko. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 44-55.

VIARO, Mário Eduardo. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2014.



# Indícios de gramaticalização do item *because*: a mudança na língua inglesa

Wellington Araujo Mendes Junior

## Considerações iniciais

No inglês padrão, a palavra *because* é geralmente empregada de duas maneiras. Uma delas é durante a introdução de uma oração finita, como em *She did this because she got bored* (Ela fez isso porque ficou entediada). *Because* também pode ser seguido de uma frase preposicional, como em *I can't go out because of the heavy rain* (Eu não posso sair por causa da chuva forte). Porém, desde os últimos cinco anos, um uso não-padrão está ganhando maior aceitação: o emprego do item *because* acompanhado de um sintagma nominal. Vejamos como isso acontece a partir de um exemplo extraído do *Twitter*:<sup>1</sup>

(1) "I'm gonna have a long weekend, no school, no work, *because holiday*." (*Twitter*, grifo nosso.)<sup>2</sup>

Nota-se, pelo exemplo, que o substantivo *holiday* é diretamente precedido da palavra *because*, sem a presença de um sintagma verbal.

O uso do *because* + *sintagma nominal* (SN) parece ser uma tendência no momento, difundindo-se rapidamente através das comunidades linguísticas. Essa construção tem um caráter bem-humorado e seu "poder" sintático permite que longas explicações sejam cedidas.

<sup>1</sup> *Twitter* é uma rede social em formato de microblog. As publicações feitas neste *site* são chamadas de *tweets*. Os textos são curtos e possuem limite de até 140 caracteres.

<sup>2</sup> "Eu terei um longo final de semana, sem escola, sem trabalho, porque feriado." (Tradução nossa.)

Segundo o membro do *American Dialect Society* (ADS), Ben Zimmer (2014), “no último ano, a velha palavra *because* explodiu com novas possibilidades gramaticais em seu uso informal e online. A palavra não precisa mais ser seguida de *of* ou de uma oração finita.”<sup>3</sup> Ele ainda anuncia que *because* foi escolhido como a palavra do ano de 2013 pela ADS: “Como disse um adepto, *because* deve ser a palavra do ano *porque útil!*”<sup>4</sup>

Sabe-se que o uso repetido de novas formas ou construções faz com que itens acabem por se fixar numa língua (Bybee, 2003). Assim, a frequência no uso de determinada forma ou expressão é fator primordial para a geração de uma mudança. Diante disso, buscamos investigar o percurso de mudança histórica do item *because*, desde o seu surgimento no inglês, no século XIV, até o seu uso atual, no século XXI. Partimos da hipótese de que essa conjunção está passando por um processo de gramaticalização, atuando como uma preposição.

Este artigo está dividido em quatro seções principais: a seção 1 aborda o fenômeno da gramaticalização; na seção 2, descrevemos os procedimentos metodológicos empregados durante a pesquisa; a terceira seção apresenta a análise e a discussão dos dados, dentre eles, a etimologia de *because*, o estudo de *corpora* e o processo de gramaticalização do item sob a luz dos parâmetros de Heine (2003); na última seção, apresentamos nossas conclusões.

## Gramaticalização

A gramaticalização se ocupa do processo de como itens e construções lexicais passam a assumir funções gramaticais ou de como itens gramaticais incorporam novas funções gramaticais (Hopper e Traugott, 2003).

A mudança de palavra de conteúdo para palavra funcional se dá por um processo semântico e morfossintático de gradação, por meio do qual itens lexicais se tornam itens gramaticais, clíticos e, por fim, afixos

<sup>3</sup> “This past year, the very old word *because* exploded with new grammatical possibilities in informal online use. No longer does *because* have to be followed by *of* or a full clause.” (ZIMMER. Among the New Words, p. 89.)

<sup>4</sup> “As one supporter put it, *because* should be Word of the Year ‘*because useful!*’” (ZIMMER. Among the New Words, p. 89.)

flexionais. Segundo Hopper e Traugott (*op. cit.*), o movimento de gramaticalização se dá sempre do item menos gramatical para o mais gramatical, princípio denominado *unidirecionalidade*. Paralelamente, no campo da morfossintaxe, ele nunca se torna mais livre, sempre é mais dependente.

Hoje o processo de gramaticalização é estudado de forma bastante abrangente. Diversos autores demonstram que, na verdade, um item particular não sofre gramaticalização, mas toda a construção com itens lexicais particulares se torna gramaticalizada. Bybee (2003), por exemplo, concebe a gramaticalização como a criação de novas construções. Assim, em lugar de analisar apenas a trajetória de itens lexicais isolados, o estudo da gramaticalização de construções procura identificar padrões convencionais de gramaticalização, analisando contextos e motivações específicas para determinados usos.

Segundo Bybee (*op. cit.*), um fator importante no processo de gramaticalização é a frequência maior do item, uma vez que há ampliação de contextos e de funções pragmáticas. Nesse sentido, o uso de novas combinações de palavras e a sua repetição em determinados contextos sociais e linguísticos contribuem efetivamente para a constituição da gramática de uma língua.

De acordo com Hopper (1991), a gramaticalização de um item depende de cinco princípios: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. O princípio da estratificação prevê que novas camadas emergem continuamente dentro de um domínio funcional e podem coexistir e interagir com as camadas antigas; a divergência ocorre quando um item se gramaticaliza numa nova função e, ainda assim, sua forma original permanece autônoma; a especialização diz que algumas formas do item coexistem com diferenças sutis, podendo uma delas se especializar e se tornar obrigatória; a persistência especifica que a nova forma permanece com traços de significado da forma original; já durante a descategorização, a forma gramaticalizada perde características da classe a que pertencia e passa a assumir atributos de outra categoria.

Heine (2003), por outro lado, apresenta quatro mecanismos que estão envolvidos, de forma inter-relacionada, na gramaticalização das expressões linguísticas: a dessemantização (perda ou esvaziamento de

conteúdo semântico); a descategorização (mudança de classe gramatical ou perda de propriedades morfossintáticas características dessa classe); a extensão (uso da forma em novos contextos) e a erosão (perda de substância fonética).

Com o intuito de avaliar se o item *because* está passando por um processo de gramaticalização na língua inglesa, adotaremos, sobretudo, os parâmetros de análise propostos por Heine (2003). Outras categorias de análise, assim como os procedimentos metodológicos empregados neste estudo, se encontram descritos na próxima seção.

## Procedimentos metodológicos

### Corpora

Por meio de pesquisa em um *corpus* diacrônico, buscamos observar fenômenos como a mudança semântica do item *because* e as alterações sintáticas desenvolvidas na construção com o passar dos anos. Para este fim, utilizamos o *Corpus of Historical American English* (COHA), um *corpus* de 400 milhões de palavras que contém textos produzidos entre os séculos XIX e XX.

Em seguida, para o nosso estudo sincrônico, selecionamos o NOW *Corpus*, um *corpus* de língua escrita representativo do inglês americano, que tem cerca de 3,5 bilhões de palavras e é compilado entre os anos 2010 e 2016.

Utilizamos as próprias ferramentas de busca dessas bases para gerar as ocorrências de cada uma das construções estudadas. A palavra *because* foi inserida na caixa de diálogo “busca de palavra” seguida do código correspondente à categoria gramatical da próxima palavra (ADJ para adjetivo, por exemplo). Decidimos especificar a classe de palavra, a fim de considerar a ocorrência de possíveis padrões de construção, como, por exemplo, substantivos, adjetivos, verbos etc., que ocorrem com frequência após a palavra *because*. Inserimos um ponto final após o segundo item da sequência porque, se não limitássemos o ambiente de produção, encontraríamos muitos resultados de *because* sendo seguido de orações finitas, o que não se encontra em nossos objetivos. Assim, ao

inserirmos, por exemplo, a tag [*because* ADJ.], encontramos resultados do tipo “*They have been to Europe for eight weeks because rich.*” (NOW *Corpus*),<sup>5</sup> ao invés de um resultado indesejado do tipo *They have been to Europe for eight weeks because rich people can buy anything.*<sup>6</sup>

O banco de dados do COHA forneceu um total de 104 ocorrências do nosso objeto de estudo em sua forma inovadora. Esse resultado foi maior com o NOW *Corpus*, que nos forneceu 313 ocorrências.

Outro recurso para levantar os dados de nosso objeto de estudo foi o *Twitter*. Decidimos lançar mão dessa rede social, uma vez que os *tweets* compõem um gênero escrito que se aproxima bastante da oralidade. Contudo, utilizamos essa plataforma apenas para o levantamento de dados qualitativos, uma vez que o *Twitter* não nos fornece a frequência das ocorrências num recorte histórico, inviabilizando, assim, a contagem de dados neste *corpus*. Ainda assim, utilizamos a ferramenta *busca avançada* do *site*, que pesquisa as palavras-chave e nos dá a possibilidade de especificar a língua ou uma localidade na pesquisa.

Os termos do *corpus* foram transcritos exatamente como estavam registrados nas fontes, isto é, as marcas gráficas, tais como texto em caixa alta ou caracteres especiais, foram preservadas.

## A pesquisa etimológica

Para examinar a etimologia da palavra *because*, utilizamos, sobretudo, o dicionário etimológico online *Etymonline*.<sup>7</sup> Esse dicionário forneceu-nos muitos dos fatos históricos (tais como datas e formas anteriores dos termos descritos) que foram utilizados na análise dos dados. Deve ser mencionado que o *Etymonline* por vezes indica o ano (não apenas o século), em que um determinado termo foi registrado pela primeira vez.

<sup>5</sup> “Eles estiveram na Europa por oito semanas porque ricos.” (Tradução nossa.)

<sup>6</sup> “Eles estiveram na Europa por oito semanas porque pessoas ricas podem comprar tudo.” (Tradução nossa.)

<sup>7</sup> O *Online Etymology Dictionary* ([www.etymonline.com](http://www.etymonline.com)) é reconhecido pela biblioteca da Universidade de Ohio como uma fonte etimológica confiável (<http://infotree.library.ohiou.edu/singlerecords/2705.html>). O *site* é usado por muitos etimólogos e é citado em vários artigos que buscam explicar a história e evolução de palavras.

Essa fonte útil foi complementar ao *Oxford English Dictionary* (OED) e ao *Oxford Dictionary of English Etymology* (ODEE), também utilizados neste estudo.

## **Crítérios de identificação da gramaticalização**

Para que se possa descrever de forma mais clara e objetiva o processo de gramaticalização que envolve nosso objeto de estudo, optamos por buscar exemplos cotidianamente encontrados na língua inglesa escrita e analisá-los à luz dos parâmetros propostos por Heine (2003). Conforme verificamos na primeira seção, o autor apresenta quatro mecanismos que estão envolvidos no processo de gramaticalização:

- (i) dessemantização (ou *bleaching* redução semântica): a perda de conteúdo semântico;
- (ii) extensão (ou generalização do contexto): uso da forma em novos contextos;
- (iii) descategorização: perda de propriedades morfossintáticas características da formade origem;
- (iv) erosão (ou redução fonética): perda de substância fonética.<sup>8</sup>

Cada um desses parâmetros se associa a diferentes aspectos da língua em uso. A extensão se relaciona ao nível pragmático, a dessemantização é de propriedade semântica, a descategorização se relaciona ao nível morfossintático e a erosão afeta o nível fonético da categoria linguística. A ordenação desses parâmetros também representa a sequência diacrônica em que eles geralmente são aplicados nos itens em processo de gramaticalização. Segundo Heine (2003), a dessemantização precede todas as demais mudanças; já a clitização e a erosão geralmente são os dois últimos processos a serem desencadeados.

Levando-se em conta que a reanálise de estruturas é um fenômeno que se detecta ao longo dos séculos, optamos também por uma pesquisa de natureza diacrônica, a qual atende a uma exigência teórica que observa mudanças linguísticas em curso ou em fase de construção. Com o intuito de relacionar esse processo de mudança com o fenômeno da gramaticalização, consideraremos o princípio etimológico de Heine (1991) como parâmetro complementar. Segundo ele, uma categoria gramatical é

<sup>8</sup> HEINE. Grammaticalization, p. 579.



mais gramaticalizada do que outra categoria se ela for etimologicamente derivada da sua anterior. Buscamos, ainda, dialogar com conceitos de autores como Hopper (1991) e Bybee (2003).

Todas as vezes em que o item *because* foi encontrado nos *corpora* pesquisados, o trecho do qual ele participava foi destacado e a análise foi conduzida conforme os critérios descritos acima.

Descritos os procedimentos metodológicos deste trabalho, apresentaremos, a seguir, nossa análise e discussão dos dados alcançados.

## **Análise de dados**

### **Etimologia**

*Because* 'porque', palavra de interesse do nosso estudo, é um termo de origem inglesa, variação da expressão francesa *par cause* 'por causa'. Era escrita anteriormente como *by cause*, além de *be cause* e *bi cause*. *Be*, e *bi* são formas antigas da preposição *by*. *Cause* é de origem francesa (ODEE).

No que diz respeito à evolução semântica, é provável que as formas *be* e *bi* tenham surgido do proto-germânico \**bi* 'em volta de, sobre'. A forma *cause*, por sua vez, é registrada desde o francês antigo com a acepção de 'causa, razão, processo, processo judicial'. Seu étimo é proveniente do latim *causa* 'causa, razão, interesse', que é de origem desconhecida (*Etymonline*).

No inglês, a forma *because* é atestada desde 1.300 com o sentido de "questão de importância; lado considerado em uma controvérsia" (*Etymonline*). A acepção "fonte de um efeito" é atestada desde o início do século XIV e o atual sentido "razão de algo que acontece" é registrado desde o fim do século XIV (OED).

Já nos exemplos abaixo (2 e 3), extraídos do século XIX, *because* se encontra num estágio em que o falante não processa mais a palavra com o significado prototípico do substantivo *causa*. Ao invés disso, o item funciona como um elemento coesivo, que possui função causal:

- (2) "You think you know every thing *because* you are a princess, and for sooth, know nothing at all." (COHA, grifo nosso.)<sup>9</sup>
- (3) "A third warden appears this year *because* William Hewys died during his term of office." (COHA, grifo nosso.)<sup>10</sup>

Quanto à evolução morfológica da construção, podemos formalizá-la da seguinte maneira:

- Proto-germânico \**bi* > inglês médio *bi*, *be* > inglês médio *by*.
- Latim *causa* > francês antigo *cause* > inglês médio *cause*.

No inglês contemporâneo, *because* é classificado como conjunção e definido pelo *Oxford Dictionary of English Etymology* (ODEE) como 'pela razão que'. Além da forma *because*, verifica-se também a presença frequente das contrações *cause* e *cuz*/kɑ:z/, tanto na oralidade quanto na escrita. Tal evolução ocorreu da seguinte maneira:

- Inglês médio *by cause* > inglês contemporâneo *because* → inglês contemporâneo *cause* → inglês contemporâneo *cuz*.

Uma vez descrita a trajetória do item *because* ao longo do tempo, apresentaremos a seguir a análise do item conforme utilizado em sua forma mais recente.

## O novo uso de *because*

A ocorrência da construção *because* + *sintagma nominal* foi notada recentemente, e, ainda que alguns linguistas como Liberman (2012) e Whitman (2014) atribuam sua dispersão à internet, encontramos registros dessa forma desde o século XIX:

- (4) "This would at least be honest, though I think it would be unwise, *because unnecessary*." (COHA, grifo nosso.)<sup>11</sup>

<sup>9</sup> "Você acha que sabe tudo porque é uma princesa, e, na verdade, não sabe nada." (Tradução nossa.)

<sup>10</sup> "Um terceiro administrador aparecerá esse ano porque William Hewys morreu durante o seu mandato." (Tradução nossa.)

<sup>11</sup> "Isto seria pelo menos honesto, embora eu acredite que seja insensato, porque desnecessário." (Tradução nossa.)

No que diz respeito a esse uso, Garber (2013) descreve a construção como “agressivamente casual, implicitamente irônica e excepcionalmente própria de blogs”.<sup>12</sup> Contudo, Carey (2013) também encontra exemplos dessa ocorrência em outras mídias, como filmes e séries de TV. Há, ainda, registros de crianças utilizando essa construção durante a oralidade (Whitman, 2014), o que sugere propagação da forma pela comunidade linguística.

Sintaticamente, essa estrutura pode ser representada como *because X*, definição utilizada por Carey (2013) e por McCulloch (2014), em que o X representa uma palavra de qualquer categoria gramatical, especialmente as formadoras de sintagmas nominais. Conforme ilustramos abaixo (5, 6), *because* é seguido, por vezes, de adjetivos e interjeições:

(5) “Ok, I really want to hang with her *because FABULOUS.*” (Twitter, grifo nosso.)<sup>13</sup>

(6) “Do you ever meet people who automatically inspire you to be a better person *because wow*” (Twitter, grifo nosso.)<sup>14</sup>

As gramáticas da língua inglesa registram que conjunções apresentam duas categorias: subordinadas e coordenadas. Mas a estrutura *because X* parece não se comportar como nenhuma das duas. Em seu blog pessoal, Pullum (2014) afirma que, ao contrário do que os dicionários de língua inglesa registram, o *because*, atualmente, também é uma preposição.<sup>15</sup> Segundo ele:

- a. Algumas preposições ocorrem sem complemento, como em: *We went **in***, ‘Nós entramos’;
- b. Algumas ocorrem seguidas de um sintagma nominal, como em: *We went **through** the front door*, ‘Nós fomos pela porta da frente’;
- c. Algumas ocorrem seguidas de um sintagma preposicional (SP) iniciado por *of*, como em: *They did it **out of** ignorance*, ‘Eles o fizeram por motivo de ignorância’;
- d. Algumas ocorrem seguidas de uma oração: *My son is waiting **for** me to pick him up*, ‘Meu filho está me esperando buscá-lo’;

<sup>12</sup> GARBER. English has a new preposition, because Internet, p. 4.

<sup>13</sup> “OK, eu realmente quero sair com ela porque fabulosa.” (Tradução nossa.)

<sup>14</sup> “Você já encontrou pessoas que automaticamente te inspiram a ser uma pessoa melhor porque uau.” (Tradução nossa.)

<sup>15</sup> <http://languagelog.ldc.upenn.edu/nll/?p=9494>

Pullum (*op. cit*) ainda apresenta a seguinte tabela, comparando as preposições *in*, *out*, *since* e *of* com a conjunção *because*. Dos símbolos utilizados para a análise dos ambientes de produção, ✓ significa 'gramaticalmente permitido', \* significa 'agramatical' e % significa 'gramaticalmente permitido em contextos semanticamente limitados':

**Tabela 1: Preposições do inglês e itens seguintes.**

	sem complemento	SN	sintagma preposicional -of	oração
<i>in</i>	✓	✓	*	*
<i>out</i>	✓	%	%	*
<i>since</i>	✓	✓	*	✓
<i>of</i>	*	✓	*	*
<i>because</i>	*	*	✓	✓

Fonte: Pullum, 2014.

Segundo o autor, a mudança mais relevante dessa inovação é o fato de a conjunção se apropriar de um privilégio adicional já possuído por muitas outras preposições: permitir um sintagma nominal como complemento. Assim como define Trask (2013), "tanto etimologicamente quanto na prática, o termo preposição é restringido a um item lexical que precede seu sintagma nominal".<sup>16</sup> Além disso, de acordo com Pullum (2014), *because* passa a operar também em contextos sem qualquer complemento, como em "Why do I have to eat my vegetables? *Because!*"<sup>17</sup> Com isso, segundo o autor, podemos reformular a linha do *because* e deixá-la de maneira similar às demais preposições apresentadas na tabela:

**Tabela 2: Because (preposição) e itens seguintes.**

	sem complemento	SN	sintagma preposicional -of	oração
<i>because</i>	✓	✓	✓	✓

Fonte: Pullum, 2014.

<sup>16</sup> TRASK. *A dictionary of grammatical terms in linguistics*, p. 215. Por outro lado, Trask (2013, p. 63) define uma estrutura coordenada (ou conjunção) como "uma estrutura sintática em que dois ou mais constituintes são conectados (ou 'conjuntos') de maneira que qualquer constituinte pode ser considerado como o dirigente daquela mesma estrutura".

<sup>17</sup> "Por que eu tenho que comer vegetais? Porque sim!" (Tradução nossa.)

McCulloch (2014) apresenta um argumento contra a hipótese de que *because* se tornou preposição. Segundo ele, preposições podem ser seguidas de pronomes no inglês, ao passo que a construção *because* + *pronome* é agramatical. Contudo, em nosso *corpus* do *Twitter*, encontramos várias ocorrências dessa construção, como ilustrado em (7) e em (8):

(7) "It's got circuses! Magic! Betrayal! Ghosts! Kisses! Catacombs! And yes, obviously, gay stuff, *because*: **me**." (*Twitter*, grifo nosso.)<sup>18</sup>

(8) "Do you ever just see a picture of justin and then a bunch of emotions hit you *because* you just love him so much *because* **me**." (*Twitter*, grifo nosso.)<sup>19</sup>

Schnoebelen (2014) também realizou uma contagem de *tweets* envolvendo palavras integrantes da construção *because X*. Ele verificou que dentre os 50 itens mais frequentes, 2,45% deles eram pronomes, fornecendo, portanto, suporte à intuição de Pullum (2014).

Dessa forma, parece-nos adequado considerar que *because* está adquirindo traços de uma preposição. Ainda assim, com o intuito de realizarmos uma contagem mais criteriosa envolvendo os membros da construção *because X*, recorreremos aos dados quantitativos fornecidos pelos *corpora*.

## Dados de corpora

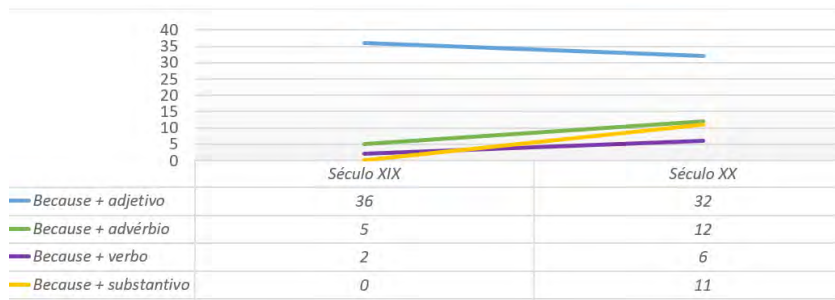
Como mencionado na descrição da metodologia, os dados sobre os ambientes de produção da construção *because X* puderam ser obtidos, nos séculos XIX e XX, a partir do COHA, enquanto os dados do século XXI foram obtidos através do NOW *Corpus*.

Utilizando, primeiramente, o COHA, introduzimos cada tipo de construção *because X* na caixa de diálogo e selecionamos o intervalo de tempo desejado. De aproximadamente 400 milhões de palavras que compõem este *corpus*, encontramos 104 ocorrências da construção *because X*. Os dados são apresentados no gráfico a seguir, ordenados por frequência.

<sup>18</sup> "Lá existem circos! Magia! Traição! Fantasmas! Beijos! Catacumbas! E sim, obviamente, coisas gay, porque: eu." (Tradução nossa.)

<sup>19</sup> "Você já viu uma foto do Justin e então várias emoções te atingem porque você o ama tanto, porque eu." (Tradução nossa.)

**Gráfico 1: Frequência de uso das construções *because* X nos séculos XIX e XX.**



Fonte: COHA.

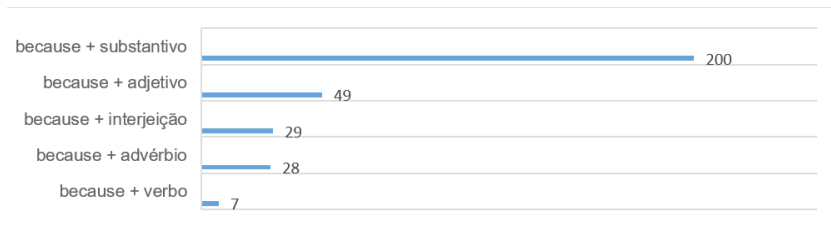
Conforme se observa no gráfico 1, começamos a encontrar as primeiras ocorrências de *because* sendo utilizado com traços de preposição já no século XIX. Verificamos que o item precedia, sobretudo, substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Não encontramos, ao menos neste recorte de séculos, ocorrências da construção contendo artigos, pronomes, preposições, conjunções ou interjeições.

É possível verificar que, com exceção da categoria *because* + *adjetivo*, houve um aumento considerável na frequência das construções *because* X ao longo dos dois séculos. Uma perspectiva que podemos considerar acerca da frequência diz que essa “não é resultado da gramaticalização, mas apenas uma contribuição primária para a identificação do processo, uma força ativa na investigação envolvendo esse tipo de mudança”.<sup>20</sup> Assim, consideramos que o aumento na frequência da construção *because* X é um indício de que a gramaticalização está se processando.

Apresentamos a seguir a frequência das construções *because* X no século XXI:

<sup>20</sup> GONÇALVES et al. Tratado geral sobre gramaticalização, p. 35.

## Gráfico 2: Frequência de uso das construções *because X* nos séculos XIX e XX.



Fonte: NOW Corpus.

De aproximadamente 3,5 bilhões de palavras que compõem o NOW *Corpus*, encontramos 313 ocorrências da construção *because X*. Conforme demonstrado no gráfico, atualmente, o item *because* aparece seguido de combinações diversas, sendo as construções *because + substantivo*, *because + adjetivo* e *because + interjeição* as mais frequentes. Também encontramos índices significativos da palavra seguida de verbos e de advérbios. Os exemplos abaixo ilustram esses ambientes:

- (9) **Because + substantivo**: "Oil rigging is bigger now than it's ever been in the US **because Obama**." (NOW *Corpus*, grifo nosso.)<sup>21</sup>
- (10) **Because + adjetivo**: "It looked like they simply hacked off the legs, plonked it on the back seat, and somehow strapped the seatbelt (if available) around it. Why? **Because cheaper**." (NOW *Corpus*, grifo nosso.)<sup>22</sup>
- (11) **Because + verbo**: "Doesn't matter, **because look!** There's Rihanna! Up on that platform by the sound booth!" (NOW *Corpus*, grifo nosso.)<sup>23</sup>
- (12) **Because + advérbio**: "A new G-series point-and-shoot camera with nearly identical guts and a more, er, «substantial» build. **Because always**." (NOW *Corpus*, grifo nosso.)<sup>24</sup>

<sup>21</sup> "A extração de petróleo agora é maior do que nunca nos Estados Unidos por causa do Obama." (Tradução nossa.)

<sup>22</sup> "Parece que eles simplesmente arrancaram suas pernas, a jogaram no assento traseiro e, de alguma maneira, amarraram o cinto de segurança ao seu redor. Por que? Porque mais barato." (Tradução nossa.)

<sup>23</sup> "Não importa, porque veja! Lá está a Rihanna! Em cima da plataforma ao lado da cabine de som!" (Tradução nossa.)

<sup>24</sup> "Uma nova câmera da série G, do tipo que aponta e dispara, com aparatos quase idênticos e uma estrutura mais substancial. Porque sempre." (Tradução nossa.)

- (13) **Because + interjeição:** "FBI declines to recommend prosecution **because blah-blah-blah.**" (NOW *Corpus*, grifo nosso.)<sup>25</sup>

Consideremos agora exemplos do item *because* seguido de orações finitas:

- (14) "I hope to find a kitchen job *because* I like to cook." (NOW *Corpus*, grifo nosso.)<sup>26</sup>
- (15) "The athlete then told the court he was making mistakes *because* he is tired." (NOW *Corpus*, grifo nosso.)<sup>27</sup>

Nos exemplos (14) e (15), o item *because* atua como conjunção e preserva a ideia de causa. Podemos destacar sua aparente equivalência com outras palavras e expressões do paradigma, como *since* e *considering that*. Contudo, essa correspondência não se mantém quando se toma como exemplo os itens (9-13), pois, nesses exemplos, a função é outra, o que inviabiliza a substituição paradigmática. Conforme propõe Lehmann (1982), durante o processo de gramaticalização, a escolha de um item do paradigma se torna sistematicamente restrita e seu uso se torna mais obrigatório. Assim, a estratégia de procurar uma palavra à qual *because* se equivalha falhará, pois não há palavra na língua inglesa que se comporte da mesma maneira, ao menos não preservando o sentido nos contextos indicados.

Diante do exposto na seção 3, verificamos que também é frequente, no inglês contemporâneo, o uso da forma reduzida *cuz* /kɑ:z/. Esse item por vezes se conecta a outras palavras, mantendo suas características sintáticas, porém modificando fonologicamente toda a construção, conforme demonstram estes exemplos:

- (16) "Might as well blitz every play *cuz* all the jets do is run." (*Twitter*, grifo nosso.)<sup>28</sup>
- (17) "If I could get the Batman converse in the XX high tops that would be an easy choice for the Cat Woman. *Cuz* awesome." (*Twitter*, grifo nosso.)<sup>29</sup>

<sup>25</sup> "O FBI se recusa a recomendar um processo porque blá-blá-blá." (Tradução nossa.)

<sup>26</sup> "Espero encontrar um emprego de cozinheiro porque eu gosto de cozinhar." (Tradução nossa.)

<sup>27</sup> "Então o atleta disse ao tribunal que estava cometendo erros porque ele está cansado." (Tradução nossa.)

<sup>28</sup> "Eles podem investir contra todas as jogadas pois tudo que os *jets* fazem é correr." (Tradução nossa.)

<sup>29</sup> "Se eu conseguisse o Batmóvel e os sapatos de cano alto xx, isso seria uma escolha fácil para a Mulher-Gato. Porque incrível." (Tradução nossa.)



Exemplos como (16) e (17) podem ser indícios de que o *because* está se comportando como um elemento proclítico e de que está perdendo carga sonora. Contudo, apenas amostras de inglês falado poderão nos auxiliar na compreensão desse fenômeno, e não dispomos desses dados no momento, principalmente em função do recorte deste estudo.

Em seu *corpus* de língua inglesa constituído de *tweets*, Bohmann (2016) reuniu dados que nos fornecem a frequência da distribuição de itens e de construções que seguem a palavra *because*:

**Tabela 3: Frequência dos diferentes tipos de construções/itens precedidos da palavra *because*.**

<b>Construção / item seguinte</b>	<b>Tokens</b>	<b>Frequência</b>
oração	10.968	86%
sintagma preposicional "of"	978	7.7%
X	805	6.3%
<i>Total</i>	<i>12.751</i>	<i>100%</i>

Fonte: Bohmann. *Language Change Because Twitter? Factors motivating innovative uses of because across English-speaking wittersphere*. p. 154.

A tabela 3 nos mostra que a construção *because* + *oração*, tal como ilustrada nos exemplos (14) e (15), fora a mais frequente, apresentando frequência de 86%. Esse resultado já era esperado, uma vez que representa a forma conservadora. Frases preposicionais como "*I can't go out because of the heavy rain*" tiveram 7.7% de frequência. Já a construção *because X* apresentou 6.3% de frequência, o que não pode ser ignorado, pois o índice de *tokens* dessa construção é ligeiramente mais baixo que o índice de *because* + *sintagma preposicional*, contexto já reconhecido pelos gramáticos consultados.

Segundo Bohmann (*op. cit.*), os itens mais frequentes que completam a categoria X são substantivos, adjetivos e interjeições. Esses dados estão de acordo com nossos índices de frequência sincrônica apresentados no Gráfico 2.

Pensando no que propõe Hopper (1991), seria possível observar o princípio da estratificação sendo aplicado a esse processo, tendo em vista que uma nova camada (*because X*) emergiu dentro do domínio funcional de elementos coesivos causais, mas a camada antiga, ou seja, a

conjunção *because* que já existia na língua, não foi descartada, coexistindo com a camada nova.

### **A gramaticalização de *because* segundo os critérios de Heine (2003)**

No que diz respeito à *dessemantização*, verificamos, conforme seção 2.1, que o item lexical *cause* (causa, razão) sofreu esvaziamento semântico desde o século XIV, sendo associado à preposição *by* e passando a ser utilizado como elemento coesivo.

A função da palavra, contudo, foi alterada. Anteriormente o item precedia orações finitas e sintagmas preposicionais, mas, a partir do século XIX, passou a preceder também sintagmas nominais. Acreditamos que, com o tempo, o item objeto de nosso estudo passou por um processo de mudança desencadeado pelo uso e que, com a perda gradativa de vários de seus traços semânticos, foi distribuído em outra categoria: a de preposição. Observamos, portanto, o fenômeno tratado por Heine (2003) como *descategorização*.

Uma vez envolvida neste processo, a palavra assumiu um novo conjunto de contextos pragmáticos, assim como as características estruturais dele decorrentes. Essa mudança de categoria reforça nossa hipótese de que o item se gramaticalizou, passando pelo processo de *extensão*.

No caso da expressão *be cause*, tal como usada até o séc. XIV, verifica-se a perda do material fonético iniciada com a lenição da vogal média [e] para a vogal média-alta [ɪ], resultando em [bɪ 'kəz]. Em seguida, ocorreu o processo de juntura de palavras [bɪ'kəz], o que originou a forma *because* [bɪ'kəz], hoje dicionarizada. Evidenciamos, aqui, a atuação do parâmetro da *erosão* (Heine, 2003), que pode ser explicado em termos de frequência de uso, pois, segundo Bybee (2003), palavras que são frequentemente repetidas no discurso tendem mais a ser encurtadas do que elementos de baixa frequência. O processo de condensação continua a agir na língua, de modo que, na fala cotidiana, é comum ouvir-se a forma *cause* /kɑ:z/.

Quando analisamos o item *because* pela perspectiva da teoria de gramaticalização de Heine (2003), percebemos que este abrange as cinco

etapas envolvidas na investigação do fenômeno. Portanto, podemos dizer que *because* está passando, de fato, por um processo de gramaticalização no inglês.

## Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar a análise do processo de gramaticalização por que passa o item *because* na língua inglesa, a partir de dados provenientes do NOW *Corpus*, do COHA e de fontes etimológicas. Constatamos que, tradicionalmente, o item é classificado como conjunção, mas, atualmente, funciona também como preposição.

No que diz respeito às transformações semânticas, notamos que *because* sofreu perda de complexidade semântica no inglês médio e hoje, tanto nas construções *because* + *oração* quanto nas construções *because* + SN, o item funciona como um elemento coesivo que possui função causal ou explicativa.

O surgimento da construção *because* X também implica transformações pragmáticas, uma vez que esta sequência passa a ser utilizada com função de humor e de ironia, além de ser amplamente utilizada na internet. Esta sequência também permite que longas explicações sejam cedidas, pelo fato de sua estrutura sintática ser mais simples e econômica.

No nível morfossintático, a palavra *because*, assim que gramaticalizada no inglês médio, passa a preceder orações finitas e o sintagma preposicional *of*. No entanto, a partir do século XIX, encontram-se ocorrências da palavra precedendo sintagmas nominais e palavras de diferentes categorias gramaticais. Dados do nosso *corpus*, assim como os dados de Bohmann (2016), indicam que as construções *because* + *substantivo*, *because* + *adjetivo* e *because* + *interjeição* são as construções mais frequentes relacionadas a esse novo uso.

O termo também perde em substância fonética. *By cause* deu origem à *because*, forma utilizada desde o século XIV. Além disso, nos *corpora* aqui analisados, bem como nas amostras investigadas por Bohmann (2016), em inúmeras ocorrências do inglês contemporâneo, os segmentos [bɪ] sofrem lenição, originando as formas de superfície *cause*, *cos*, *coz*, *cus* e *cuz* [kɑ:z].

Por meio da aplicação de princípios definidos por Heine (2003), por Hopper (1991) e por Bybee (2003), pudemos verificar que o item está, de fato, passando por um processo de gramaticalização no inglês, comprovando, portanto, a nossa hipótese inicial.

Ainda assim, surgem algumas perguntas, possíveis de serem respondidas em outros momentos: que aspectos sociais favoreceriam a escolha da construção *because X*? É possível que este processo ocorra com palavras de outras línguas germânicas? Qual seria a frequência de uso dessa construção na oralidade?

Esperamos, assim, que este trabalho, além de colaborar para a descrição de processos de gramaticalização na língua inglesa, possa constituir motivação e base para pesquisas futuras.

Licenciado em Letras/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros; especialista em Ensino de Língua Inglesa pela UFMG; mestrando em Estudos Linguísticos na UFMG. *E-mail*: wellington.me@outlook.com

## Referências

- BOHMANN, Axel. Language change because Twitter? Factors motivating innovative uses of *because* across English-speaking Twittersphere. In: SQUIRES, Lauren. *English in Computer-Mediated Communication: Variation, Representation, and Change*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2016. p. 149-178. (Topics in English Linguistics, 93).
- BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: The Role of Frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. (Ed.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 336-357.
- CAREY, Stan. 'Because' has become a preposition, because grammar. Sentence First. 2013. Disponível em: <<https://stancarey.wordpress.com/2013/11/13/because-has-become-a-preposition-because-grammar>>. Acesso em 21 de novembro de 2016.
- DAVIES, Mark. NOW *Corpus* (News on the Web). Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/now>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.
- DAVIES, Mark. *The Corpus of Historical American English*. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/coha>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.
- GARBER, Megan. English has a new preposition, because Internet. *The Atlantic*. 2013. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/technology/archive/2013/11/english-has-a-new-preposition-because-internet/281601/>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: Casseb-Galvão (Org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 15-66.
- HARPER, Douglas. The Online Etymology Dictionary. *Etymonline*. Disponível em: <<http://etymonline.com>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.

- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JANDA, Richard D.; JOSEPH, Brian D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, J. Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1991. p. 17-35. v. 1.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. (Cambridge Textbooks in Linguistics)
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. 2. ed. Munique: Lincom Europa, 1995. (Lincom studies in theoretical linguistics) [LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeitendes Kölner Universalien 49 – Projects, 1982. v. 1.]
- LIBERMAN, Mar. Because NOUN. *Language Log*. 2012. Disponível em: <<http://languagelog.idc.upenn.edu/nll/?p=4068>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.
- McCULLOCH, Gretchen. Why the new 'because' isn't a preposition (but is actually cooler). *All Things Linguistic*. 2014. Disponível em: <<http://allthingslinguistic.com/post/72252671648/why-the-new-because-isnt-a-preposition-but-is>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.
- ONIONS, Charles Talbut. *Oxford Dictionary of English Etymology*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- PULLUM, George. Because syntax. *Language Log*. 2014. Disponível em: <<http://languagelog.idc.upenn.edu/nll/?p=9494>>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.
- SCHNOEBELN, Tyler. Innovating Because Innovation. *Idibon*. 2014. Disponível em: <<http://idibon.com/innovating-innovation>>. Acesso em: 12 de outubro de 2016.
- STEVENSON, Angus. *Oxford English Dictionary*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- TRASK, Robert Lawrence. *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*. 3. ed. New York: Routledge, 2013.
- WHITMAN, Neal. Why is the Word of the Year 'because'? Because... *Visual Thesaurus*. 2014. Disponível em: <<https://www.visualthesaurus.com/cm/dictionary/why-is-the-word-of-the-year-because-because/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.
- ZIMMER, Benjamin; SOLOMON, Jane; CARSON, Charles E. Among the New Words. *American Speech*. Durham, v. 89, n. 1, p. 89-110, mar. 2014.

## **Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos literários**

### **A tradição oral 2ª ed.**

Sônia Queiroz (Org.)

### **Estudos de semântica**

Eduardo Tadeu Roque Amaral (Org.)

### **Estudos do Léxico**

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Org.)

### **Estudos em sintaxe formal**

Fábio Bonfim (Org.)

### **O português falado em Minas Gerais**

Eduardo Tadeu Roque Amaral (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: <[www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)>

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m<sup>2</sup> (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.